



Universidade Federal do Ceará  
Centro de Humanidades  
Departamento de Ciências Sociais  
Programa de Pós- Graduação em Sociologia

Rafael Cavalcante de Lima

Vidas Volantes:

Estudo das reconfigurações socioculturais do vilarejo de Caiçara de Baixo nas interações sociais entre antigos e novos moradores.

Fortaleza  
2016

Rafael Cavalcante de Lima

Vidas Volantes:

Estudo das reconfigurações socioculturais do vilarejo de Caiçara de Baixo nas interações sociais entre antigos e novos moradores.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia. Orientador: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho

Fortaleza

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L71v Lima, Rafael Cavalcante de.  
Vidas Volantes : Estudo das reconfigurações socioculturais do vilarejo de Caiçara de Baixo nas interações sociais entre antigos e novos moradores. / Rafael Cavalcante de Lima. – 2016.  
169 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.  
Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima .
1. Caiçara de Baixo . 2. Turismo. 3. Migração. 4. Multiculturalismo. 5. Transformações Culturais. . I. Título.  
CDD 301|
-

Rafael Cavalcante de Lima

## Vidas Volantes:

Estudo das reconfigurações socioculturais do vilarejo de Caiçara de Baixo nas interações sociais entre antigos e novos moradores.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Igor Monteiro Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Isaurora Cláudia Martins de Freitas  
Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UEVA)

“Basta pensar, por exemplo, na miséria da alma cristã, nos gemidos diante da corrupção interior, na preocupação com a salvação – tudo noções que não derivam senão de erros da razão e que não merecem satisfação nenhuma, mas sua destruição... Neste caso, o que deveria servir de transição é muito pelo contrário a *arte*, a fim de aliviar a consciência sobrecarregada de emoções, pois, essas hipóteses serão muito menos alimentadas pela arte do que pela filosofia metafísica. A partir da *arte*, pode-se em seguida passar mais facilmente a uma ciência filosófica realmente libertadora.”

(NIETZSCHE, F.- *Humano, Demasiado Humano*)

## Agradecimentos

Agradeço a Vida e a Natureza, a causa e ao efeito imanente da causa. Ao céu azul e branco, as estrelas do firmamento e ao pensamento pela condição de ferramenta de lapidação humana, *demasiada humana*.

Agradeço aos próximos de sangue, de arte e de ciência. A família em todas as instâncias. Agradeço aos pombos de Assis e as Najas da Índia. Agradeço a contradição e a clareza. Agradeço aos meus pais, aos meus Orixás, aos meus filhos, à amante presente e ao Amor latente, pulsando em verbos e luminosidades.

Agradeço aos colegas do mestrado, agradeço aos meus orientadores, a professora Lea, na primeira etapa, e ao professor e amigo Irapuan, na segunda etapa, dando uma ampliada na minha abordagem antropológica e sociológica, muito grato mesmo aos dois. Grato aos coordenadores e secretários do departamento de Ciências Sociais e da Pós Graduação de Sociologia.

Agradeço a Nietzsche pela clareza de uma super moral, nada mais que a natural, e por Jesus pela outra face moral mal compreendida.

Agradeço a tudo que sou e ao nada que sou. Agradeço por nada saber sabendo algo, que é isso, nada saber, e agradeço aos impulsos platônicos da humanidade.

Agradeço as bandas psicodélicas Beatles, Yes e Pink Floyd e a música brasileira de Cartola, Chico Buarque, Paulinho da Viola, João Bosco, Gil e Caetano, Raul Seixas, Tom Zé, Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Pixinguinha. Gratidão ao mestre Gabriel e ao mestre Manoel, pela luz de suas práxis e o vislumbre do Amor como Imanência, Estado e Presença.

Agradeço a quadra da UECE e a Biblioteca da UFC. Ao café expresso da esquina e ao livro de prosa e poesia que ainda não escrevi por está muito ocupado em vivê-lo primeiramente.

Agradeço a toda a rapaziada e a moçada das estradas e das paradas, em especial a Marco Polo, Iamandú, Posidon, Hermes, Hera, Akira, Dandara, Cajueiro, Mercedes, Fauna, Morrison, Rasta, Bia e mais um tanto de artistas e artesãos das ruas e da vida. Agradecido a Joaquim, Confúcio e Charles pelas parcerias e afinidade política e artística. Agradeço a Manuel Bandeira e a Passárgada, e obviamente a Caiçara de Baixo e a toda a Nação Tapuia, Tremembé e outras etnias luso africanas intituladas de *caboclos*, em especial a Curupira, o meu Pai da Floresta, Jacinta, Jacinto, Flora,

Virgílio, Pocahontas, Farfalle, e outros tantos filhos daquele chão e daquele céu. Agradeço a Lagoa Azul, a Lagoa do Paraíso e aos queridos amigos que por lá deixei e que lá estão e são interlocutores desta pesquisa.

Agradeço as Vidas, ao Vento, a Vela e ao Devir, nesta realidade metamorfose ambulante, de Heráclito a Marx, e a essência das flores de Parmênides a Aristóteles, ainda que o segundo tenha visto o Tudo, ou a essência, no Nada do primeiro.

Agradeço a todos os professores do departamento, aos colegas de magistério, e aos fortes imersos nos bares, cabarés, centros espíritas e Igrejas, ou seja, aos que celebram o fato ou a ilusão da vida.

Agradecido.

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa procurou elaborar uma interpretação sociológica e antropológica, científica e artística do fenômeno social observado nas interações sociais e culturais na vila de Caiçara de Baixo, impulsionado por temáticas como: fluxos migratórios, turismo, transformação de socializações tradicionais e discussão sobre o desenvolvimento da *pós-modernidade* nesse quadro social tomado como pano de fundo sociológico. O turismo internacional cresce vertiginosamente nas últimas décadas, e locais com aspectos tradicionais (vilas pesqueiras e artesãs), como no caso de Jericoacoara dos anos setenta e oitenta, hoje se configuram como rota de turismo nacional e internacional, onde políticas públicas locais e federais se voltam para estruturação urbana e jurídica, no intuito de atender as demandas do mercado do turismo e a institucionalização de Parques Nacionais e incentivo de empreendimentos privados de hotelaria e gastronomia. Existem, porém, outros fenômenos sociais que dialogam com essa realidade do turismo e que no presente estudo pretendo analisar e interpretar. Falo aqui dos *estilos de vida* que perpassam essas ilhas do turismo e do contato cultural entre os antigos moradores e os viajantes que acabam se tornando moradores do local, transformando o *ethos* da vila, como o *habitus* dos que já moravam e dos que chegam posteriormente, fazendo surgir a discussão entre tradição, modernidade e tradução, ou ressignificação cultural, pelos agentes e nos agentes. Caiçara de Baixo é uma vila próxima a Jericoacoara e que se tornou povoada por viajantes artesãos que trabalham com a venda de artesanatos para os turistas da região.

**Palavras- Chaves:** Caiçara de Baixo, Turismo, Migração, Multiculturalismo e Transformações Culturais.

## ABSTRACT

The present research work had as a main purpose to elaborate a sociological and anthropological, scientific and artistic interpretation of the social phenomenon observed in the cultural and social interaction in the village of Caiçara de Baixo, driven by issues like: migratory flow, tourism, change of traditional socialization and discussion about the post-modernity development in this social framework that was used to be a sociological background. The international tourism has soared in the last decades and places with traditional aspect (fishing and handcrafted villages) as Jericoacoara of the seventies and eighties, nowadays are national and international touring route, where local and federal public policies look forward to urban and legal structuration, in order to deal with the tourism business and institutionalization of National Parks and the incentive to private projects of hotel business and gastronomy. However, there are others social phenomena that are connected to this tourism reality which I intend to analyze and to interpret in the present study. I speak here about the lifestyles that go through this tourism islands and about the cultural contact between old local population and the travelers that become residents, transforming the village *ethos* as much as the *habitus* of people that already lived there and the people that came after. From this arises the discussion about tradition, modernity and translation, or cultural redefinition by the agents and the agents. The village of Caiçara de Baixo is a community nearby Jericoacoara that was populated for traveler artisans who work selling handicraft to the tourists of the region.

**Keywords:** Caiçara de Baixo, Tourism, Migration, Multiculturalism and Cultural Changes.

## **LISTA DE MAPAS**

MAPA1- Mapa do Parque Nacional de Jericoacoara.....	15
MAPA2- Lagoa Azul, Distrito Caiçara- Cruz.....	21
MAPA3- Desenho da Lagoa e Região vista de cima.....	22
MAPA4-Mapa em imagem de Satélite do Parque Nacional e Região.....	23
MAPA5-Mapa em imagem de Satélite da Lagoa da Jijoca e Região.....	23
MAPA6-Mapa em imagem de Satélite das Vilas de Caiçara e Caiçara de Baixo.....	24

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Por do Sol na Lagoa da Caiçara.....	19
Figura 2- A Lagoa da Caiçara durante o dia.....	20
Figura 3- No terreiro da casa de dona Maria em Paulino Neves.....	43
Figura 4- Pedra Furada de Jericoacoara.....	49
Figura 5- Placa do Parque Nacional de Jericoacoara na Pedra Furada.....	54
Figura 6- Esportista de Windsurf preparando o equipamento.....	58
Figura 7- Restaurante na Lagoa do Paraíso.....	71
Figura 8- Mangueirão, lugar antropológico na Caiçara de Baixo.....	76
Figura 9- Fogão a lenha feito de tijolos cru.....	82
Figura 10- Casa de Tijolos Cru de Barro Munduru.....	84
Figura 11- Casa de Tijolos Cru de Barro Munduru (vista por fora).....	85
Figura 12- Carroça com Colheita de Mandioca.....	88
Figura 13- Pannel Expositivo de Artesanatos.....	94
Figura 14- <i>Malucas de Estrada</i> voltando do <i>Mangueio</i> na Lagoa do Paraíso.....	97
Figura 15- Fornada de Pizzas realizadas pelos <i>Malucos de Estrada</i> .....	104
Figura 16- Comemoração de Aniversário de uma <i>Maluca de Estrada</i> .....	104
Figura 17- Família de Nativos Locais na festa de Aniversário.....	126
Figura 18- Cozinha Comunitária do Projeto Mulheres Negras da Caiçara.....	141
Figura 19- Horta Comunitária.....	141

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
1.1. Procedimentos técnicos: <i>Como, quando e porque</i> da seleção e coleta dos dados de análise sociológica.....	27
1.1.1. Apresentando os atores e justificando a utilização de Pseudônimos.....	27
1.1.2. Considerações sobre a coleta dos dados de pesquisa.....	31
1.2. Aportes teóricos metodológicos: <i>Interpretação, Habitus e Estruturação</i> .....	34
1.3. Chegando <i>ao porto dos piratas</i> . Chegada ao campo e à problemática.....	44
2. Jericoacoara e região: ambiente natural e ambiente social do turismo.....	51
2.1. A Caiçara de Baixo no contexto de cidade satélite do turismo.....	66
2.2. Da comunidade tradicional: Como vivíamos e como vivemos. Narrativas de vida de antigos moradores.....	72
2.2.1. “ <i>Patrasmente a Lagoa era nossa mãe</i> ”... Pesca e vida regional dos Caiçaras.....	74
2.2.2. Casas de palha, casas de mundurú e casas estilizadas. Arquitetura tradicional e <i>traducional</i> .....	83
2.2.3. Das batatas de cipó aos cajueiros.....	87
3. A chegada dos moradores de fora: <i>Os Piratas no caribe Tapuia</i> .....	89
3.1. “ <i>Pedi demissão para ir para a estrada</i> ”. Tipologia do Maluco de Estradas.....	90
3.2. A Besta do Apocalipse ou início de um novo tempo.....	101
3.3. Os malucos de estrada e a sociedade alternativa.....	103
3.3.1. A sociedade alternativa ou a chegada dos <i>neohippies</i> a Caiçara de Baixo.....	105
3.3.2. O Bairro Novo e associação dos artesãos de Jericoacoara e região.....	109
4. Conseqüências e desdobramentos na terra: discutindo espaço, meio ambiente e sociedade em Caiçara de Baixo.....	112
4.1. Floresta ou Roçado de Mandioca? Questões econômicas simbólicas, posições sociais e perspectivas práticas dos atores sociais em relação.....	112
4.2. Da palavra ao Cartório. Interpretando e analisando contextos sociais da venda e da documentação da terra.....	116
4.3. Terra para venda ou terra de quilombos? A terra como identidade versus a terra como investimento.....	123

5. Interações Comunitárias na sociedade Caiçara de Baixo: Conflitos e Ações compartilhadas.....	128
5.1. Os mutirões de coleta de lixo na lagoa e a casa de reciclagem.....	130
5.2. Projetos sociais na Caiçara de Baixo. Interações e conflitos entre atores e agências sociais.....	135
5.2.1. Projeto Cajus.....	136
5.2.2. Caiçara de Baixo e as Neocomunidades.....	143
5.2.3. Fundo ELAS e Grupo das Mulheres Negras da Caiçara de Baixo.....	145
5.2.4. Caiçaras de Baixo de todos os Santos e do pai de Santo Jubiabá.....	155
6. Considerações Finais.....	162
7. Bibliografia .....	166

## 1. INTRODUÇÃO

Poeta, canto da rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu

Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favor, não mexa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.

... Amigo, não tenha quêxa,  
Veja que eu tenho razão  
Em lhe dizê que não mexa  
Nas coisa do meu sertão.  
Pois, se não sabe o colega  
De quá manêra se pega  
Num ferro pra trabaíá,  
Por favo, não mexa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá que eu canto cá.

(Trechos do poema; *Cante lá, Que eu canto cá*, do poeta popular cearense Patativa do Assaré.)<sup>1</sup>

O título *Vidas Volantes* é uma metáfora utilizada para representar a temática estudada nesta pesquisa, que procura analisar o fluxo migratório e as modificações sociais impulsionadas pela a dinâmica de interação social entre os atores sociais em grupos sociais de antigos e novos moradores da vila de Caiçara de Baixo, município de Cruz no Ceará. Considerando que estes *novos moradores*, em grande maioria, chegaram através ou influenciados por um grupo de artesãos viajantes que trabalham com a venda

---

<sup>1</sup> ASSARÉ, Patativa. *Cante Lá, Que eu canto Cá*. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 15ª Edição 2008.

de artesanatos no complexo turístico do Parque Nacional de Jericoacoara (PNJ) <sup>2</sup> e região satélite, que compreende a vila de Jericoacoara, as lagoas e os passeios as praias de Tatajuba e Camocim.



**Mapa 01:**

Parque Nacional de Jericoacoara e as duas Lagoas: Lagoa do Paraíso (direita) e da Caiçara (esquerda).

(Fonte: [www.portaljericoacoara.com.br](http://www.portaljericoacoara.com.br)).

O termo “Vidas Volantes” foi inspirado no título do filme *Vilas Volantes*, de Alexandre Veras. Este se passa na vila de Tatajuba, no litoral Oeste do Ceará, município de Camocim, que se encontra a vinte quilômetros de Jericoacoara. O enredo relata o movimento da antiga vila de Tatajuba que fora soterrada pelo movimento das Dunas de areia. No filme, os nativos contam como era a antiga vila e como foi no tempo em que as Dunas foram se movendo e soterrando as casas. Também são exibidas imagens das ruínas de alguns locais por onde as Dunas já haviam passado.

Esta ideia da mobilidade, trazida no filme, reporto novamente aqui, porém, em vez de *Vilas Volantes*, utilizo a expressão *Vidas Volantes*. Vidas de pessoas que estão em constante mobilidade dadas às novas configurações do fluxo de migração e do turismo regional e internacional, no contexto histórico globalizado e cibernético vividos

---

<sup>2</sup> O Parque Nacional de Jericoacoara situa-se nos municípios de Jijoca de Jericoacoara, Cruz e Camocim, no litoral oeste do estado do Ceará, no Brasil. Possui uma área de 8 850 hectares. O perímetro do parque é de 49 929,4 metros. É administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O Parque Nacional de Jericoacoara foi criado a partir da recategorização parcial da Área de Proteção Ambiental de Jericoacoara, estabelecida pelo Decreto 90 379 de 29 de Outubro de 1984, nos municípios de Jijoca de Jericoacoara e Cruz, no estado do Ceará.

pela humanidade nos dias atuais. Vidas volantes nesta mobilidade impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico e conseqüente, o desenvolvimento das viagens e acessos a locais turísticos, antes habitados por povos de hábitos e costumes tradicionais, como a pesca e a agricultura.

Estes fluxos migratórios, não de dunas, mas de pessoas, vêm se dando tanto de pessoas de fora para a vila, o *estrangeiro*<sup>3</sup>, quanto o inverso, para fora dela. E as conseqüentes modificações subjetivas, sociais, espaciais e ambientais são foco da análise desta pesquisa.

As Vidas Volantes não são movidas pelas Dunas, tal qual no caso de Tatajuba, que motivou naturalmente a mobilidade das casas e das pessoas, na construção da Nova Tatajuba. São, sim, as novas condições sociais, criadas no desenvolvimento do capitalismo global e do turismo regional, catalisador do processo de modernização da região, que vem impulsionando as Vidas a se moverem, e a cultura local a se resignificar entre aspectos da modernidade e da tradição, aspectos culturais dos nativos com aspectos culturais dos moradores vindos de fora, artesãos viajantes, e a região que constantemente vem sofrendo a intervenção social e cultural causada pela expansão do turismo do parque.

O turismo e a migração criam as condições de mobilidade e reconfiguração cultural e social, como também são transformados pelas próprias condições que criam. Estas reconfigurações agem sobre os indivíduos tanto nas suas condições objetivas de existência, como: trabalho, moradia, quanto nas condições subjetivas: comportamentos praticados ou estilos de vida (GIDDENS, 1991).

Como antigo morador, atualmente ex-morador, e com doze anos de convivência no local, desde abril de 2004, propus ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, um estudo interpretativo sociológico desta nova configuração da vila da Caiçara de Baixo, através de uma etnografia sobre os grupos nativos regionais e os moradores chegados após o desenvolvimento do turismo em Jericoacoara.

---

<sup>3</sup> Este estrangeiro está contemplado pelos moradores da vila oriundos de outros locais, e não apenas os de outras nacionalidades. Eles também são brasileiros, e não estrangeiros de outros países. O termo estrangeiro está aqui empregado no contexto trazido por Georg Simmel (1983) em seu ensaio *Sociologia do Espaço*.

É preciso compreender que, como já dito, a Caiçara de Baixo era inicialmente habitada por pescadores e agricultores de subsistência, que aqui são categorizados como *nativos*. Porém, na medida em que o turismo começou a florescer em Jericoacoara, foram paulatinamente chegando à região uma nova leva de moradores, os de fora, os estrangeiros, como mencionados. Primeiramente, a maioria desses agentes são *malucos de estrada*<sup>4</sup>, uma *categoria nativa* dos andarilhos que percorrem as estradas do país e sobrevivem do artesanato, geralmente, mantendo-se por alguns períodos de tempo no local, antes de voltarem a mudar-se.

Porém, os malucos de estrada possuem uma estratificação, que serão melhor detalhadas posteriormente. São eles: os *hippies* e os *neohippies*, ambos são malucos de estrada, mas os primeiros estão a mais tempo na localidade e possuem mais vínculos com os *nativos*; e os segundos chegaram mais recentemente e moram mais periféricamente, ou seja, mais afastados da Lagoa.

Na medida em que o tempo foi passando, esses novos moradores passaram a interagir com os antigos habitantes, resultando em um grande fluxo de fenômenos sociais que são interesses deste trabalho e serão detalhados adiante. Entre as ações concretas dessa interação está a fundação de dois projetos sociais: o projeto Cajus e o projeto das mulheres negras da Caiçara de Baixo.

Pesquise a relação do turismo com o fluxo migratório, os *habitus*<sup>5</sup> (BOURDIEU 2011) dos indivíduos, as interações dos grupos, e o redimensionamento social e espacial que vem ocorrendo na vila, com relação à especulação da terra, às relações de trabalho entre os grupos estudados no local e deles com a vila/cidade turística de Jericoacoara<sup>6</sup>,

---

<sup>4</sup> Como são chamados os viajantes que vendem artesanatos para sobreviver e viver o seu estilo de vida. Os locais turísticos passaram a ser rota destes viajantes, que também são responsáveis em muitos casos pelo desenvolvimento destas “ilhas turísticas”.

<sup>5</sup> *Habitus* no sentido trazido por Pierre Bourdieu. Para o autor, o *habitus* é um produto do campo, mas também é seu produtor. Ele é estruturado, pelas estruturas, como é estruturante, agindo nas estruturas. A ação não é planejada independente da conjuntura prática das disposições do campo. Sendo uma ação propensa, apesar de ativa, estruturante, é estruturada, sofre estruturação.

<sup>6</sup> No Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Jericoacoara já possui um mapeamento urbano, com quadras e números de residências bem definidos, e não como mapas da zona rural que apresentam uma visão mais geral das localidades. Por isso é uma vila turística, mas com características urbanas. Também existem outros aspectos de urbanidade que são culturais, pelo grande número de pessoas oriundas de grandes cidades, que hoje, são atuais moradores.

assim como interações sociais coletivas e públicas, no caso, dois projetos sociais articulados e desenvolvidos por nativos e novos moradores e conjunto.

As questões que norteiam o trabalho são: Qual a dinâmica dos fluxos migratórios em Caiçara de Baixo? O que esses fluxos revelam sobre os processos de mudanças vividos atualmente pela comunidade? Estas perguntas são impulsionadoras dos objetivos analíticos propostos aqui. A pesquisa tem como objetivos específicos: interpretar através das narrativas de vida dos antigos e novos moradores, nativos e vindos de fora, a historicidade da localidade; analisar os contextos do processo migratório dos novos moradores; analisar os processos híbridos e as demarcações de identidades impulsionadas por esta nova configuração sociocultural local.

Tal pesquisa ocorreu na localidade de Caiçara de Baixo, próxima à vila turística de Jericoacoara. Localizada na zona litorânea oeste cearense, mais ou menos a 290 quilômetros de Fortaleza, via litorânea (Rodovia Estruturante)<sup>7</sup> e pertencente ao município de Cruz, a Caiçara de Baixo é uma vila de pescadores, agricultores e artesãos, com localização geográfica de tabuleiro litorâneo, às margens da Lagoa da Caiçara, nos quais a lagoa, vegetação e o mar são fatores determinantes para as condições climáticas do local. O microclima local é agradável e não seco como o sertão, mesmo nas épocas em que a lagoa seca.

Essa lagoa tem a forma de “U” invertido, com extensão de aproximadamente quarenta e cinco quilômetros desde a sede municipal de Jijoca de Jericoacoara, uma das pontas do “U”, até a localidade dos Monteiros, passando pela Caiçara e Caiçara de Baixo, que se localizam mais ou menos na metade da outra perna do U, em relação a Jijoca. Ela se encontra do outro lado da lagoa, com relação à sede do distrito, a Caiçara.

A região é uma APA<sup>8</sup>, mas apesar disso, as matas são desmatadas constantemente, embora numa escala doméstica (para lenha e madeira), pelos

---

<sup>7</sup> Rodovia também conhecida com CE 085. Tem início no município de Caucaia. Ela tem extensão por todo o litoral oeste, até o município de Camocim. A rodovia passou por uma ampla reforma nos últimos quinze anos, e atualmente esta em obras de duplicação, já tendo sido feito até o município de Paracuru. O Porto do Pecém e o crescimento turístico de suas praias, praias do oeste tendo Jericoacoara como carro chefe, são fatores determinantes para o investimento nos acessos.

<sup>8</sup>APA – Área de Proteção Ambiental. A partir dos anos 80 (1984) foi implementada na região, a área de proteção ambiental, estabelecida pelo *Decreto número 90.379*. A APA compreende não apenas Jericoacoara, mas toda a região das Lagoas. Só posteriormente a vila de Jericoacoara viria a se tornar parque nacional.

moradores, o que preserva a floresta nativa e o clima agradável do local. A lagoa é de um azul turquesa, de areia branca que deixa uma transparência na água. Ao seu entorno existem restaurantes espalhados, tornando-se um anexo ao turismo de Jericoacoara, tendo de dia passeios turísticos em tais restaurantes, como é o caso do restaurante e pousada Lagoa Azul, que fica próximo à vila da Caiçara de Baixo. A maior parte dos restaurantes e pousadas fica localizada na Lagoa do Paraíso. Trata-se da região da Lagoa mais próxima a Jijoca, na outra perna do “U”. Mais a frente, veremos o mapa da região que elucidará melhor ao leitor as posições geográficas da região. Duas fotografias que seguem foram realizadas nas margens dessa Lagoa, sendo que na parte da Caiçara de Baixo próximo a um local que os nativos chamam de *mangueirão*, local que possui histórias vivenciadas pelos moradores locais e que já foi utilizado como espaço de moradia.

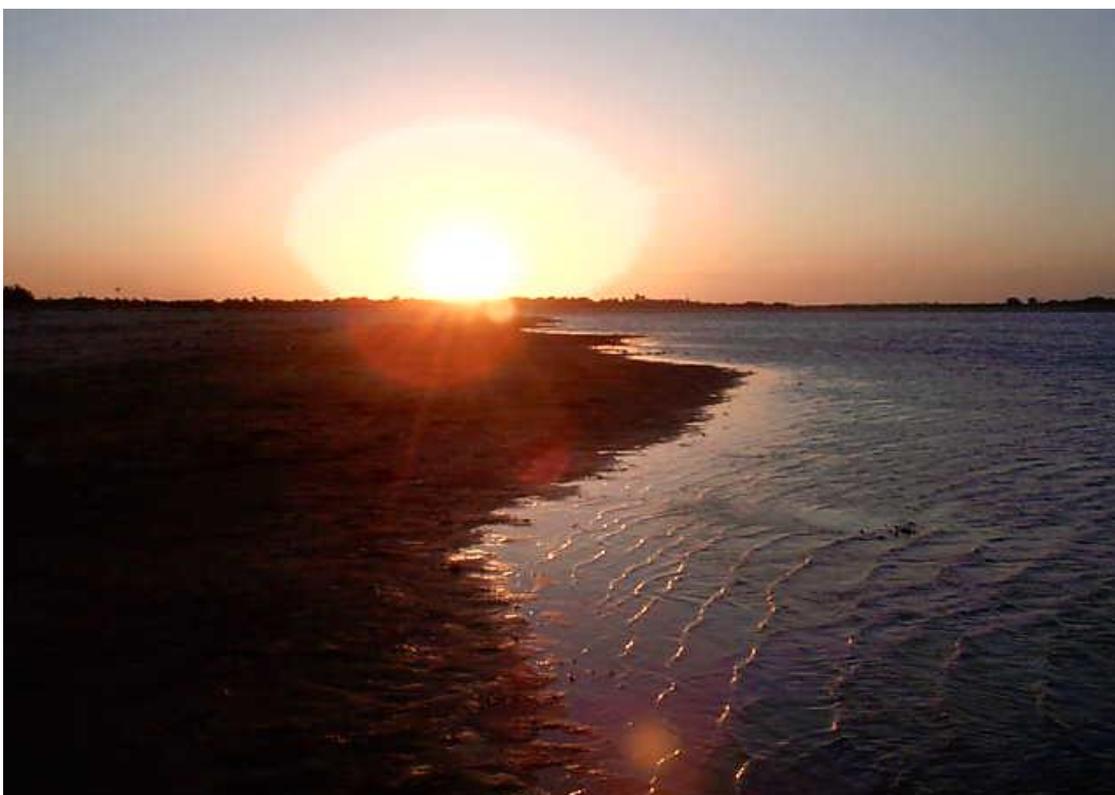


Figura 1: A lagoa da Caiçara no Pôr do Sol

Foto: Autor

Na Lagoa do Paraíso o pólo de pousadas e restaurantes é bem maior do que na Lagoa Azul<sup>9</sup>, porém pela região privilegiada, do ponto de vista natural, estético e até

---

<sup>9</sup> O nome Lagoa Azul é usualmente empregado por moradores e turistas quando estão se referindo a parte da Lagoa onde fica o restaurante e pousada Lagoa Azul. No mapa oficial não possui tal nome. É um

estrutural, o movimento de turistas na Lagoa Azul é diário, mesmo em baixas temporadas (estação chuvosa: março, abril, maio e junho). Entre a lagoa e o caminho para Jericoacoara, a paisagem é de dunas amarelas, com formas de morros e funis. Na época de chuvas existem lagoas temporárias que ficam entre as dunas, deixando o local com aspecto de oásis.<sup>10</sup>



Figura 2: A Lagoa da Caiçara durante o dia

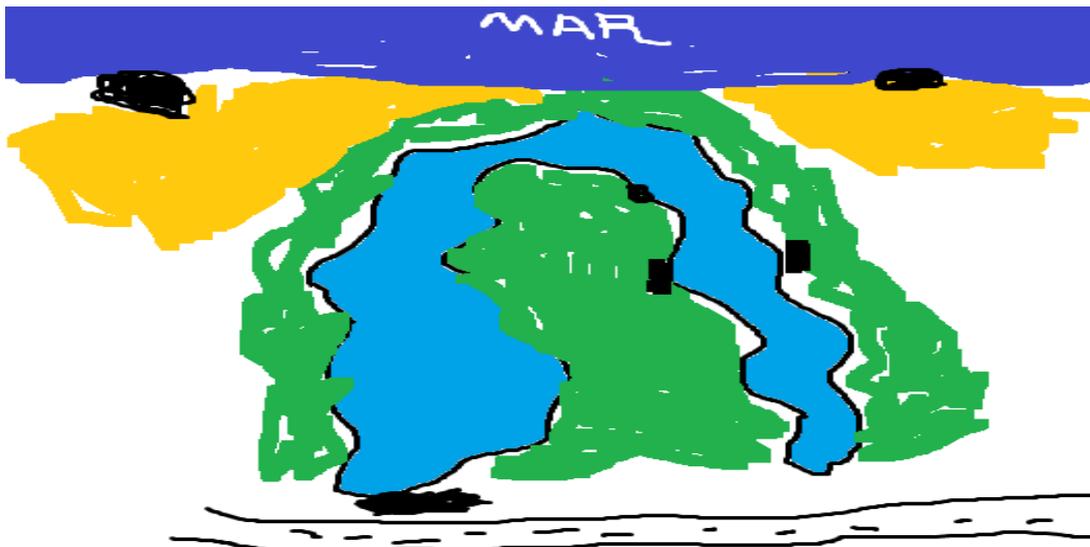
Foto: Autor

---

espaço praticado no sentido empregado por Michel de Certeau (1999), de local que ganha um nome ou referência por ser socialmente e culturalmente praticado.

<sup>10</sup> É inúmera a quantidade de jumentos pastando pelas dunas, que sempre chama a atenção dos turistas ao chegarem à vila de Jericoacoara. Este fenômeno, alias, está constando em várias cidades e zonas rurais do interior. As pessoas atribuem ao acesso das classes mais pobres, hoje em dia, terem acesso maior a compra de motos, que veio a substituir em grande parte, os serviços outrora realizados pelo jumento. Não faremos aqui, todavia, um estudo aprofundado desta suposta “conseqüência da modernidade”. Apenas para descrição da paisagem.





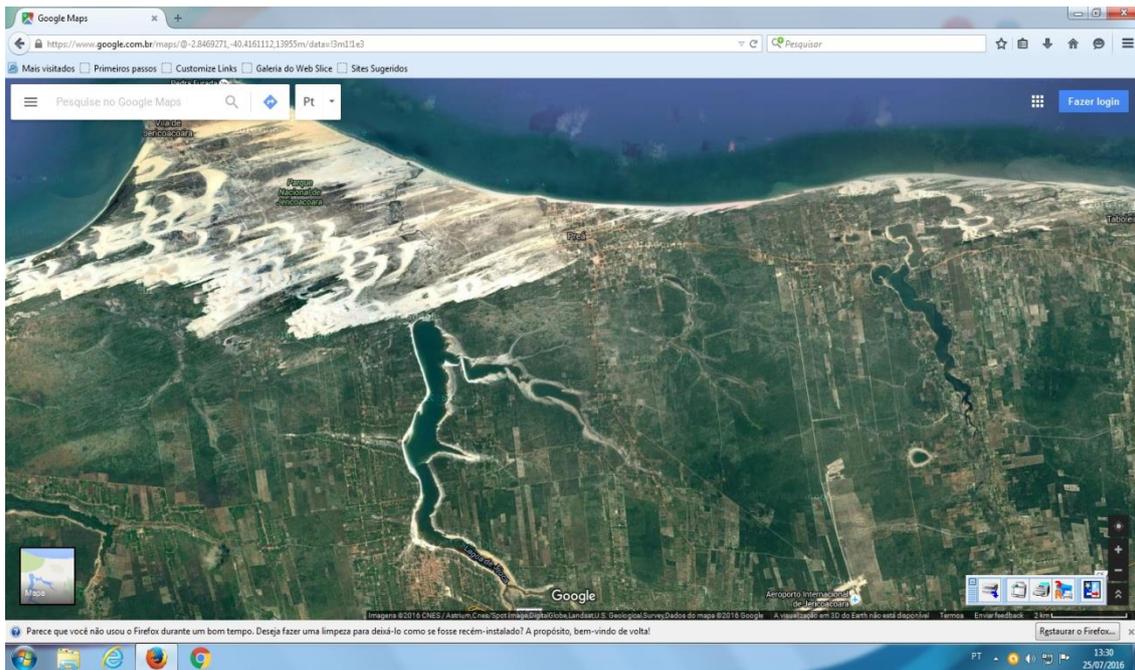
**Mapa 3:**

Visão geral, do alto, da Lagoa.

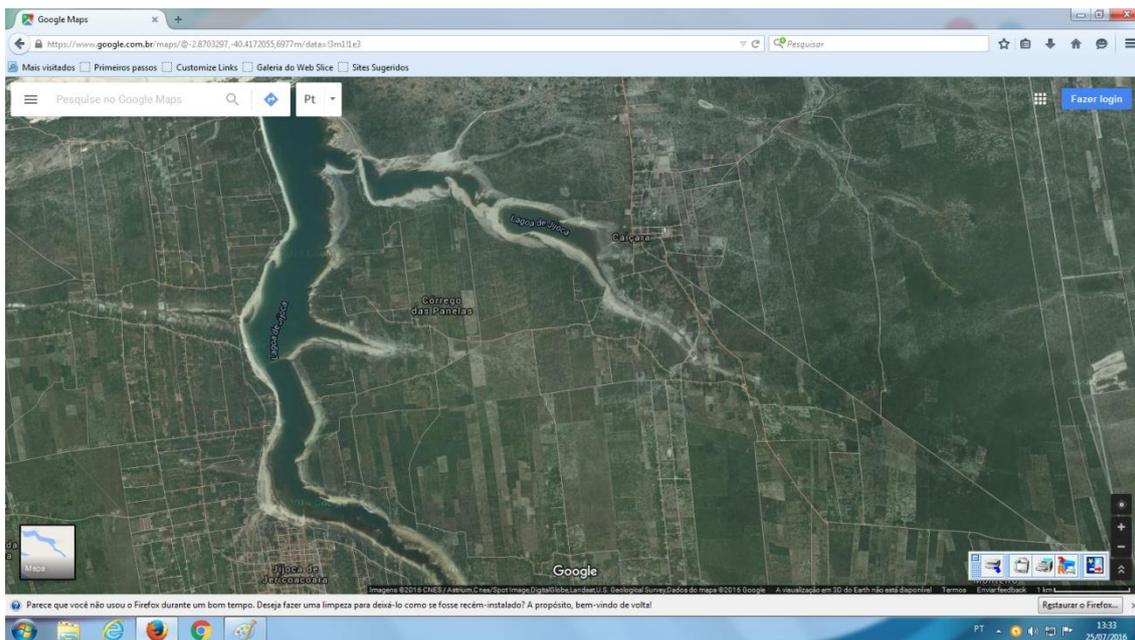
(Fonte: Elaborado pelo Autor.)

O *Mapa três* traz a Lagoa em Geral, na qual o verde representa as matas, o azul claro a lagoa, o azul escuro o mar, o amarelo as dunas, com a rodovia CE085 abaixo. Os pontos pretos pequenos nas margens da Lagoa representam as localidades: partindo da esquerda, a Lagoa do Meio, onde fica o restaurante e pousada Lagoa Azul; a Caiçara de Baixo, mais abaixo; e à direita a Caiçara, sede política do distrito de Caiçara, no município de Cruz. Acima, nos pontos pretos maiores têm a Jericoacoara ao lado esquerdo, e o Preá, à direita. O ponto preto na ponta da lagoa, próxima a rodovia, é Jijoca, sede administrativa do município de Jijoca. A lagoa do Paraíso é a sua parte esquerda subindo, passando pelo Córrego do Urubu e Chapadinha.

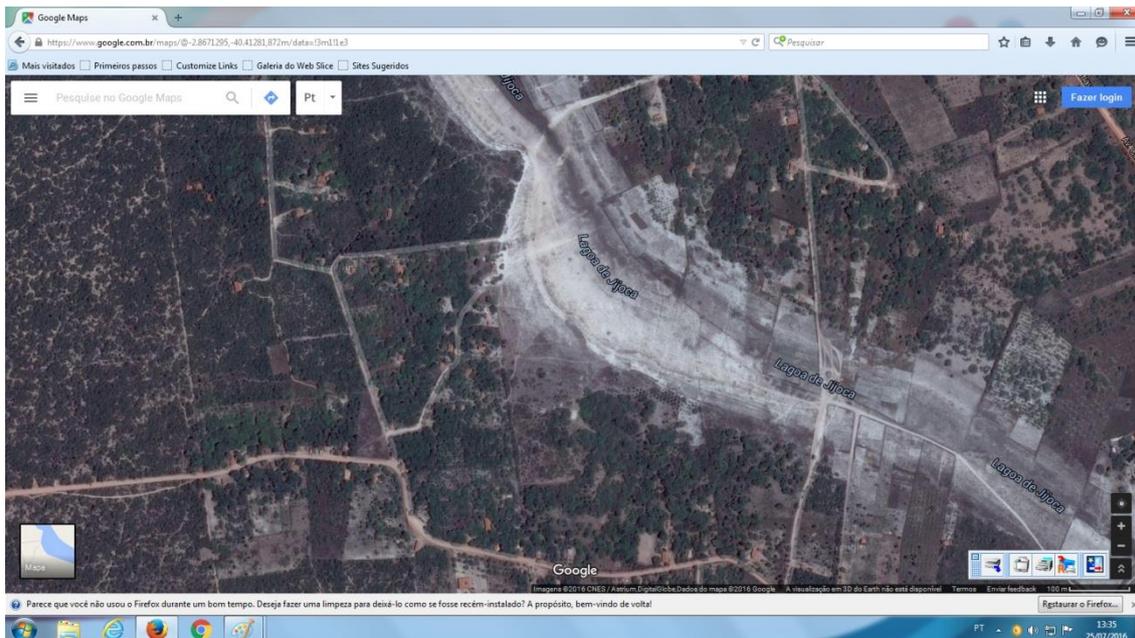
Abaixo os Mapas quatro, cinco e seis, são extraídos do site do Google Maps, na imagem de satélite. Estão em direção do macro ao micro, ou seja, o primeiro representa a região do Parque Nacional e APA, o segundo a região da Lagoa da Jijoca e Caiçara juntas, e o último mostra a parte específica da lagoa onde ficam a Caiçara e a Caiçara de Baixo.



**Mapa 4:** Mapa da visão de cima da região do Parque Nacional de Jericoacoara e região feito por satélite, extraído do site do Google Maps em Julho de 2016.



**Mapa 5:** Mapa da visão de cima da região da Lagoa da Jijoca e Caiçara feito por satélite, extraído do site do Google Maps em Julho de 2016.



**Mapa 6:** Mapa da visão de cima da região da Lagoa da Caiçara por satélite, extraído do site do Google Maps em Julho de 2016. Do lado direito, da faixa de terra (que é um trecho da Lagoa em época de cheia) temos a Caiçara e do esquerdo a Caiçara de Baixo.

O presente estudo se concentra analiticamente nas abordagens sobre turismo, os fluxos migratórios, as interações culturais entre o suposto tradicional e o suposto moderno, as construções de identidades dos indivíduos no atual contexto histórico vivido pela globalização, e os novos aspectos tecnológicos no cotidiano das vidas dos atores sociais de Caiçara de Baixo. Identidades essas que estão sendo construídas em um novo momento histórico, que autores vão chamar de *moderno tardio*<sup>11</sup>.

No presente trabalho inicio primeiramente com um relato biográfico apresentando a chegada ao campo e a problemática, depois discutindo a metodologia a ser empregada na construção da pesquisa e da análise teórica dos dados empreendida na mesma.

No segundo capítulo segue a apresentação do pano de fundo da problemática, contextualizando a vila da Caiçara de Baixo nas proximidades de um parque nacional turístico, vila urbana de Jericoacoara e a rota das emoções, projeto público-privado, de

---

<sup>11</sup> Modernidade Tardia é utilizado por Hall para entender a modernidade atual e seus contextos diferenciados da sociedade moderna industrial clássica. Para Hall não existe uma identidade da modernidade, mas identidades e modernidades. A fase atual do capitalismo e da modernidade passa pelo desmembramento e a pluralidade de identidades, o que vejo uma relação deste ponto de vista com a Caiçara de Baixo e uma heterogeneidade maior de grupos sociais com a chegada do turismo na região e dos moradores de fora.

incentivo ao turismo em cidades litorâneas que compreendem os estados do Ceará, Piauí e Maranhão, indo de Jericoacoara, passando pelo Delta do Parnaíba e chegando até o complexo turístico dos lençóis maranhenses. No mesmo capítulo inicio a descrição da Caiçara tradicional. Trata-se de uma descrição da Caiçara de Baixo rural e pesqueira, e as narrativas dos antigos moradores, seus hábitos, histórias e costumes. Nessa sub seção vou descrever e analisar, baseada nas narrativas dos antigos moradores, como era a vida deles na Caiçara de Baixo antes da chegada dos moradores *de fora* e do desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara, chamada por eles antigamente de Serrote. Suas narrativas falam de uma Caiçara rural e sem conexão aparente com a vida urbana. Indivíduos que se valiam apenas da pesca, extrativismo e agricultura para sua subsistência. Onde a terra era basicamente usada para o plantio e a moradia, não existindo nesta época o mercado imobiliário e especulativo que se desenvolveu simultaneamente ao desenvolvimento do fluxo migratório, supostamente impulsionado pelo turismo na região. Também irei comentar a visão que estes antigos moradores têm com relação à vida urbana, e as dificuldades que passaram em épocas de estiagem da Lagoa. Este capítulo tem dialogo constante com meu trabalho anterior, a monografia de conclusão de curso intitulado: *O Vento e a Vela: Modificações culturais dos Caiçarenses de Baixo com o desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara*, (LIMA 2012).

No terceiro capítulo venho trabalhar com a chegada dos *malucos de estrada*, suas redes de ligação, conflitos, vida e costumes. Narro chegada de Marco Polo e Perséfone, a compra da terra e a interação do casal com os nativos. Nesta seção vou descrever a chegada dos *malucos de estrada*, apresentando desenhos de mapas de 1990 até os dias atuais, mostrando a modificação espacial e social da vila, com o aumento sistemático de pessoas de fora vindo morar no local à medida que os anos passam. São três momentos: a chegada do Marco Polo que já está apresentada neste trecho citado acima; depois, dos primeiros artesãos amigos de Marco Polo que chegaram comprando terras mais próximas à Lagoa e na rua principal, onde me encontro também; e por último no bairro novo dos *hippies*, que foi a partição em lotes por um *hippie* da Jericoacoara que possuía um grande pedaço de terra já mais para o lado do sertão na divisa da Caiçara de Baixo com a localidade do Paraguaí.

No quarto capítulo se fará a abordagem analítica das interações destes grupos sociais, através da análise da questão da venda e valor da terra. Valor da terra do ponto

de vista dos nativos e dos moradores de fora, discutindo suas visões de meio ambiente e agricultura, sobre a passagem da venda das terras pela palavra de honra para a formalização contratual da venda das terras, e terminando com a discussão do reconhecimento quilombola da comunidade e a proibição do comércio imobiliário, a questão cultural, política e econômica.

No quinto capítulo venho descrever e interpretar sociologicamente e antropologicamente as interações destes grupos sociais vivenciados em projetos sociais. Os mutirões de coleta de lixo na Lagoa, o projeto Cajus e o projeto das mulheres negras da Caiçara de Baixo.

E no sexto capítulo as conclusões finais a respeito do trabalho e da pesquisa, e como é possível dialogar as conclusões deste trabalho a respeito dos fluxos migratórios e das reconfigurações sociais trazidas em localidades rurais em zonas turísticas e as resignificações culturais desenvolvidas por antigos e novos moradores.

## 1.1 Procedimentos técnicos: *Como, quando e porque da seleção e coleta dos dados de análise sociológica.*

### 1.1.1 Apresentando os atores e justificando a utilização de Pseudônimos

Optei por deixar o nome real dos interlocutores da pesquisa resguardados, logo, atribui aos mesmos nomes fictícios de acordo com o que achei ser conveniente a cada ator social. Nesta seção farei uma breve apresentação dos interlocutores em seus nomes fictícios e no decorrer do texto serão melhores contextualizados. Vou começar apresentando os atores dos grupos que sistematizei como antigos moradores ou moradores nativos locais, e o segundo grupo com a apresentação dos moradores de fora ou *os hippies* e os *malucos de estrada*. **Curupira** é um dos interlocutores mais presentes na pesquisa. Ele é agricultor, pescador e trabalhador da construção civil. Também é zelador de alguns terrenos e casas de moradores de fora. É bastante extrovertido e comunicativo, além de também conter um ponto de vista crítico e reflexivo em suas *Prosas*, como ele mesmo costuma a adjetivar seus argumentos com histórias de vida. Curupira é casado com Jacinta que é uma agricultora e jardineira de *mão cheia*<sup>12</sup>, além de uma dedicada dona de casa. Jacinta também é uma importante atriz social que vai trabalhar nos projetos sociais mencionados na introdução.

**Virgílio** é um dos mais antigos moradores da região. É um patriarca, tem uma grande família, a maior da comunidade, e tem papel fundamental na chegada dos moradores de fora, pois foi o primeiro a vender terrenos e a trabalhar para os moradores de fora. Ele é casado com **Flora** que é também uma importante interlocutora da pesquisa. Flora tem fortes raízes afro descendente que causou na comunidade, posteriormente a chegada dos moradores de fora, a discussão da vila ser remanescente quilombola. Suas entrevistas são de extrema importância em vários momentos do texto, principalmente na sessão que aborda a vida tradicional dos povos dali. **Orquídea** é sua filha mais velha e também aparece como interlocutora. Ela é caseira, junto com o marido, do sítio de **Santa Klaus**, um estrangeiro que na década de noventa, movimentou bastante a comunidade. **Guarani** é irmão de Orquídea e o braço direito de Marco Polo. Também trabalha para Thor e Odin. É filho de Virgílio e considerado o típico homem trabalhador, pacato e honesto. Um bom cidadão. **Seu Jacinto** é irmão de

---

<sup>12</sup> No Ceará dizemos de mão cheia as pessoas que fazem uma atividade com virtude ou bem realizada.

Virgílio, e também um importante antigo morador local. Ele é agricultor, pescador, tendo morado uns tempos em embarcações pelo litoral (entre o Ceará e o Pará), e pedreiro requisitado, tendo participado de muitas construções na vila da Caiçara de Baixo e em Jericoacoara. Jacinto é casado com **Pocahontas**. Eles também possuem uma grande família e Pocahontas, assim como Jacinta, participou dos projetos sociais comunitários e participa junto com sua filha, **Farfalle**, de reuniões para discutir a questão quilombola na comunidade.

O grupo que compreende os moradores de fora é maior, ou melhor, existem mais sujeitos de fora observados nas temáticas que trabalha esta pesquisa, mas na vila existem mais moradores nativos do que moradores de fora. **Marco Polo** será o primeiro a ser apresentado aqui, pois considero, ele e **Perséfone**, os primeiros moradores de fora a criarem uma rede de relações que abriu caminho para a chegada dos demais moradores de fora. Utilizei o nome de Marco Polo por ser um grande viajante como o personagem da história. Além disso, o nome Marco nos remota a início de nova fase, e final de outra, um *marco*, e ao longo do trabalho podemos perceber o que estou me referindo a Marco Polo e Perséfone terem iniciado um novo tempo na vila. Perséfone é o nome de uma Deusa Grega que vive com seu companheiro no submundo, e fiz a associação com ela por ter sido uma mulher do meio alternativo, que chegou a vila como hippie de estrada. São ambos estrangeiros europeus, italianos, mas tiveram seus filhos no Brasil, enquanto estavam viajando.

**Posidon e Akira** é um casal de *malucos de estrada* (eram pelo menos, pois agora estão separados) que deram continuidade a rede de relações entre os moradores de fora, sendo responsáveis pela chegada dos malucos de estrada na vila, em grande parte. Eu, por exemplo, cheguei até o local para visitar eles como relatarei em breve, e acabei comprando um terreno através desses atores sociais.

Posidon, Akira, **Morrison, Hermes e Hera**, chegaram juntos para comprar o terreno, caso que será detalhado posteriormente, por intermédio de Posidon que já era amigo de Marco Polo, e já tinha ido a Caiçara de Baixo visitar o casal. Morrison é um maluco de estrada do interior de São Paulo, mas possui parentes no sul do Ceará, e já havia viajado pelo Nordeste. Hera e Hermes também são paulistas, mas da capital, e são peças fundamentais nas interações sociais entre os grupos, nos projetos. Hera foi uma das principais articuladoras do projeto das mulheres negras da Caiçara de Baixo. São todos artesãos e sempre estão viajando na estrada e retornando aos seus sítios.

**Apolo e Artemis** são paulistas e chegaram à região por intermédio de Posidon e Akira, que participaram ativamente das atividades iniciais da comunidade que trago aqui como voluntárias e amadoras, na qual também participei. Como este casal aconteceu uma questão de terra que ajudou a chegada de muitos artesãos que relatarei depois no texto. **Dandara e Ares** foi um casal de *malucos de estrada* que chegaram posteriormente a vila, através do convite de Hera e Hermes, e também foram bem ativos na construção dos projetos sociais, tanto no projeto Cajus como no projeto das mulheres negras da Caiçara de Baixo. **Dandara** é paulistana e foi guia turística ecológica antes de artesã, e Ares é um *maluco* antigo na estrada e natural de Manaus. O casal se separou e Dandara vive com os filhos na Caiçara de Baixo e Ares em Jericoacoara.

**Pascal** é o médico da região e também envolvido (apoiador) com os projetos da comunidade. **Confúcio** é um paulistano que desenvolve permacultura e promove encontros holísticos e ecológicos em seu espaço. O ENCA (Encontro Nacional das Comunidades Alternativas) de 2005, que será narrado e contextualizado em breve, ocorreu em sua casa que é vizinha a de Pascal, no vilarejo vizinho chamado Sambaíba.

**Cajueiro e Fauna** é um casal que passou um tempo na comunidade e foram os articuladores e iniciadores dos projetos Cajus e Mulheres Negras da Caiçara de Baixo. São de Fortaleza e trabalhavam na ONG Terra Azul, que foi a apoiadora do projeto Cajus. **Joaquim** é um historiador que trabalha as questões patrimoniais e memoriais de povos e comunidades indígenas e quilombolas, e que tem uma propriedade na Caiçara de Baixo. **Charles** é o vizinho entre Flora e **Bernardo**, este último é o filho de Jacinta e Curupira. Antes o terreno de Bernardo era o meu que vendi novamente a família que comprei. Charles era meu vizinho antes, no caso. Ele também é de Fortaleza como eu e Joaquim, e nos conhecemos desde a época de Universidade. Também como Joaquim trabalha com memória e conflitos em tribos e etnias indígenas. Ele é produtor e professor de comunicação social em cinema.

**Thor e Odin** são estrangeiros, um inglês e o outro australiano, que compraram uma terra na Caiçara de Baixo com intuito de preservar a mata nativa, o evento da compra desta terra se tornou uma subseção por conter elementos importantes para interpretação sociológica.

**Mercedez** é uma chilena *maluca de estrada* que também foi bem ativa nas questões sociais da comunidade. Ela aparece em alguns momentos dos projetos mencionados. **Luiz** é um peruano artesão, que vive em Jericoacoara, possuidor de

grande terra na Caiçara de Baixo que dividiu em vários lotes que foram povoando a vila de malucos. **Iamandú** é um *maluco de estrada* de Rondônia, no qual viajei uns tempos em sua companhia, bem extrovertido e grande artesão que me ensinou muitas coisas a respeito da manufatura dos artesanatos como também sobre os códigos de conduta na estrada, do qual falarei posteriormente.

E por fim **Beatriz e Rasta**, que são *malucas de estrada* que conheci em Jericoacoara e que viajamos juntos por alguns meses. Elas serão apresentadas mais detalhadamente ainda neste capítulo no meu relato de chegada a vila e ao problema da pesquisa. Pode haver mais atores sociais não citados aqui, mas os que considero serem os mais presentes e substanciais no enredo, estão sintetizados aqui.

### 1.1.2. Considerações sobre a coleta dos dados de pesquisa

A pesquisa, ou melhor, a coleta de dados, ocorreu durante quatro anos (2011, 2012, 2014, 2015), sendo que em 2011 e 2012, estava coletando dados para a pesquisa de monografia para a conclusão da graduação em Ciências Sociais, e em 2014 e 2015, continuei a coleta de dados para realização deste presente trabalho de dissertação de Mestrado em Sociologia para a Universidade Federal do Ceará. Quase todos os atores sociais apresentados na subseção anterior por pseudônimos também foram interlocutores. Mas alguns atores sociais foram apenas comentados nas narrativas dos outros interlocutores, e pela limitação de tempo e desencontros, não consegui entrevistar alguns atores importantes, como Marco Polo, Perséfone, Confúcio, Pascal e Mercedes, mas os outros trouxeram elementos além dos diários de campo quando estive com estes atores.

Neste trabalho me utilizei do material coletado na monografia, principalmente no capítulo que trata da vida nativa e dos costumes tradicionais, que eram mais focados no trabalho *O Vento e a Vela* (LIMA 2012). Alguns entrevistas e trechos da monografia foram trazidos para confrontar com novas dimensões analisadas na continuidade da pesquisa, no Mestrado. A princípio meu foco estava mais no que a Caiçara de Baixo estava sofrendo com a influência do Turismo em Jericoacoara, porém, com o aparecimento de dinâmicas locais muito ricas de interação social, o contexto do Turismo passou para pano de fundo e não mais como a causa única e determinante das modificações sociais e culturais que estavam ocorrendo no vilarejo. Na primeira parte do trabalho (após essa “breve” introdução), que descreve o fluxo turístico de Jericoacoara e da Caiçara como cidade satélite do turismo, apresento o pano de fundo do trabalho, mas as dinâmicas específicas da localidade, as interações entre os moradores de fora e os antigos locais, é que se tornaram o foco da análise sociológica. Percebi que tais dinâmicas tinham influências da conjuntura da região, mas que as interações decorrentes do turismo e da migração criaram situações “independentes” do turismo em si. Temas com: Ecologia, Especulação Imobiliária e Crise dos Valores Tradicionais da Terra, Trabalho Comunitário e Social, disputa pelo Poder e Conflito entre sujeitos sociais não obedecendo à clássica dicotomia de *nativos versus pessoas de fora*, foram se apresentando no decorrer da pesquisa mudando a atenção, ou o foco, para essas interações sociais, que perpassam a segunda parte do trabalho. Ou seja, cheguei com uma bagagem pessoal, como ex-morador, e intelectual, pelas hipóteses que já tinha

como “certas” e que precisava provar, mas aos poucos fui sendo levado para outro caminho e também a outras conclusões diferenciadas das prerrogativas iniciais. A lupa e a lente sociológica enxergaram que os projetos sociais e os motivos pelos quais os agentes estavam na Caiçara de Baixo, não eram mero efeito do turismo em Jericoacoara. Entre a Causa e o Efeito existia um Universo do qual venho dialogar a respeito neste trabalho de pesquisa.

Apesar de ter convívio na comunidade desde 2004, como vou melhor narrar no relato de chegada à problemática, a coleta de dados propriamente dita, as entrevistas e os relatos de campo, ocorreram em algumas viagens feitas a Caiçara de Baixo e a Jericoacoara, de 2011 a 2015. Foram aproximadamente realizadas dez viagens (planejadas para o trabalho, mas ocorreram outras além destas neste período), sendo quatro no período de 2011 e 2012, e seis viagens em 2014 e 2015. Em algumas viagens foram feitas entrevistas, todas abertas, sendo conduzidas dentro da temática, mas deixando os interlocutores a vontade para desenvolverem seus discursos e suas memórias. Em algumas viagens fiz apenas a observação participante e os diários de campo, para não saturar as entrevistas e poder captar informações sem a intervenção do interlocutor que inevitavelmente acontece quando trabalhamos com narrativas de vida.

Realizei entrevistas abertas, em terreiros e alpendres das casas, principalmente, mas também fazia anotações do que observava (como o local, o cotidiano das pessoas trabalhando e o que conversavam quando não estavam me concedendo entrevistas). Em alguns momentos eu fazia perguntas para direcionar o tema da entrevista, mas sem questionários com perguntas que se reduzissem a sim ou não, ou a um número. Poderia ter feito assim e ter confrontado os dados qualitativos com os quantitativos, mas vou deixar tal metodologia para um próximo trabalho, com mais tempo e recursos, econômicos e teóricos na área de estatística.

Em sua abordagem sobre *trajetórias de vida*, Bourdieu (2005) argumenta que uma biografia não se deve ser levada ao *pé da letra*, ou na íntegra, mas que devemos como cientistas nos preocuparmos em saber os contextos em que tais narrativas são trazidas pelos interlocutores. Giddens em *Identidade e Modernidade* também vai alertar para este fato, de que as narrativas trazidas da memória de um interlocutor, ou até mesmo do locutor, o pesquisador, não são o fato tal qual aconteceu, mas está impregnado da interferência psicológica de quem recorda, e que ao se tornar um relato não tem que encarado tal qual aconteceu, mas também, não encarmos como mentira

ou dado falseado que não serve para a análise científica. Por isso trabalho com as narrativas em confronto ou diálogo com a literatura sociológica e com os contextos históricos, e não como dado factual intocável.

## 1.2. Aportes teóricos metodológicos: *Interpretação, Habitus e Estruturação*

Poeta niversitaro,  
Poeta de cademia,  
De rico vocabularo  
Cheio de mitologia  
Tarvez, este meu livrinho  
Não vá recebê carinho,  
Nem lugio e nem istima,  
Mas garanto sê fie  
E não istruí papé  
Com poesia sem rima

Cheio de rima e sintindo  
Quero iscrevê meu volume,  
Pra não ficá parecido  
Com a fulo sem perfume;  
A poesia sem rima,  
Bastante me disanima  
E alegria não me dá;  
Não tem sabô a leitura,  
Parece uma noite iscura  
Sem istrela e sem luá. (Trecho do Poema de Patativa do ASSARÉ  
2008)

Como escreve o poeta Patativa do Assaré a poesia sem a rima é como uma noite escura, sem estrelas e sem luar. Trago novamente o Poeta, para mostrar que até os Poetas que não aprenderam a ler e a escrever, sabem da importância da rima, da musicalidade na Poesia. Eu estou bem longe de tal musicalidade do *passarinho do Agreste*<sup>13</sup> mas bem próximo dessa mensagem trazida por ele da importância da rima na poesia. Porém venho fazer aqui uma comparação da rima poética com os métodos de uma pesquisa, ressaltando a importância da teoria e dos procedimentos metodológicos,

---

<sup>13</sup> Patativa é uma ave do Cariri, região composta por serras e sertões, que divide o Ceará, Pernambuco e Piauí.

não apenas como ferramentas de pesquisa, assim como no caso do poeta que defende a importância da rima na poesia.

Muitos trabalhos acadêmicos tendem a buscar uma maior liberdade metodológica, acredito compartilhar aqui desta visão ao juntar sociologia e antropologia, como também autores de correntes epistêmicas diferenciadas, como os clássicos Emile Durkheim e Karl Marx (que já possuem pontos de vista sociológicos diferenciados) e ao mesmo tempo os *pós modernos* (apesar de não saber se eles mesmos se consideram pós modernos) Stuart Hall e Anthony Giddens, sem contar na utilização da antropologia interpretativa e da polifonia.

Não quero com isso ficar na superficialidade *eclética teórica*, mas demonstrar como compreendo os fenômenos observados com a teoria utilizada. Hora, não é novidade para ninguém, hoje em dia, se utilizar de diferentes correntes epistêmicas, e também de interdisciplinaridade. Bourdieu, Foucault, Giddens, Hall, dentre outros sociólogos e antropólogos contemporâneos, fazem tais “misturas epistêmicas” durante quase todas as obras que escreveram. Ainda que esteja numa condição de noviço acadêmico e limitado na compreensão e amadurecimento da teoria que trabalho aqui, assim como o Poeta que fala um vocabulário extremamente coloquial em relação ao culto, sou também influenciado pela minha geração, acadêmica, política e social, (moderna, pós moderna ou “sei lá moderna”) e tenho minhas escolhas. Ou seja, temos as cartas na mesa e fenômeno do ser que pensa, escolhe e age, *estruturação, campos e habitus*<sup>14</sup>.

Daremos continuidade agora com a parte da “rima do trabalho”, ou, os aspectos teóricos metodológicos trabalhados na pesquisa.

O método etnográfico, segundo Geertz (2005), é o *fazer do antropólogo*. Compartilho da visão de Geertz e com sua afirmação que só através de uma descrição densa, observando os bastidores, em busca do significado das ações dos indivíduos podemos chegar a uma interpretação antropológica das categorias nativas. Este método mais do que explicar ou formular leis a partir da observação participante, pretende interpretar as culturas, como é o título de seu livro. Pretendo seguir neste campo metodológico mais contemporâneo por ele sistematizado.

---

<sup>14</sup> Teorias Sociológicas, que serão trabalhadas durante o texto, que dão esta idéia de sociedade, cartas na mesa, e ação individual, as escolhas, numa dialética em um movimento histórico. Uma reflexividade entre a ação do sujeito e os contextos estruturais.

Basicamente o método etnográfico está visceralmente ligado à observação e à descrição das coisas, comportamentos, rituais, lugares etc. Seus dados são materiais de análise e de interpretação, não se limitando apenas a exposição descritiva ou a exposição de narrativas.

O método etnográfico contemporâneo se apresenta como indutivo e generativo em oposição ao verificatório. Visa à saturação empírica, quando nada de novo se apresenta no campo empírico. A teoria é construída a partir dos dados observados no campo, pela utilização de diário de campo, entrevistas e na busca dos significados pertinentes por meio de uma descrição densa das relações no campo de pesquisa que se comunica com o objeto de pesquisa. Tenho como base o trabalho de Kofes (2001), que em sua abordagem percebe as narrativas como fonte de informação sobre os contextos, sobre o fato de se construir através da evocação do sujeito, e de sua trajetória, uma relação dialógica entre o entrevistador e o entrevistado. Kofes realizou uma pesquisa etnográfica a partir das narrativas a respeito da vida de Consuelo Caiado, em uma abordagem antropológica e sociológica, sobre a questão de gênero e o feminismo, em Goiás Velho, antiga Cidade do Goiás.

Pretendo também traçar a trajetória da vila de Caiçara de Baixo, por meio das narrativas dos interlocutores, e articular com a discussão do turismo, da migração ou diáspora, nos contextos históricos atuais da *modernidade tardia* (HALL, 2003) em consonância com a trajetória do desenvolvimento destes fenômenos manifestados nos cotidianos dos indivíduos da Caiçara de Baixo.

Kofes (2001) aborda uma importante questão metodológica que utilizo na minha pesquisa, que é a recorrência a outras disciplinas, a *transdisciplinaridade*. Ela se refere a recorrer a História, ainda que o enfoque dela seja a Antropologia. Como já havia dito trabalharei com a Sociologia e a Antropologia, mas também com a História e a Geografia, pois os estudos migratórios têm bastante recorrência na Geografia Humana e na História e estão em diálogo com a temática de migração e reconfiguração social da vila. Em Camocim e Jericoacoara já foram realizados estudos sobre impactos sociais e ambientais, redimensionamento espacial de vilas e novas conjunturas migratórias com o desenvolvimento do turismo na região, com a chegada de investidores de fora ou de pessoas de fora que vem trabalhar com atividades relacionadas ao turismo e morar na região. Kofes dialoga com a noção de trajetória trazida por Bourdieu (2005), que o autor critica a metodologia de alguns trabalhos com história oral, que se concentram apenas

nas singularidades dos indivíduos. Ele e ela nos propõem a proposição do *habitus*, como unificador das práticas dos sujeitos em determinada situação histórica, e campo social imerso. Nas palavras de Kofes:

A noção de trajetória (“série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente – ou mesmo grupo-, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”) permitiria deslocar-se do sujeito e situar acontecimentos biográficos em alocações e deslocamentos no espaço social. O nome próprio (que designa um agente específico, uma personalidade) teria que ser vinculado ao conjunto de outros agentes no campo considerado... Refiro-me às marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências, que não estão incorporadas na noção de agente social. (KOFES, 2001, p. 24).

O produto de uma etnografia é uma descrição detalhada e exaustiva de uma cultura ou determinada temática social em determinado grupo ou localidade. Porém, os trabalhos contemporâneos não se limitam apenas à descrição, mas à elaboração de sistemas teórico-analíticos em cima das observações do campo. Optei pela utilização do *método etnográfico e da análise das narrativas de vida*. Na minha visão, a etnografia dá maior suporte de material analítico “sincrônico”, enquanto as narrativas de vidas trabalham contextos “diacrônicos”, relação com tempo histórico e contextos, sendo importante analisar e comparar os dados observados.

Neste método após a codificação dos dados, quando chega a um nível de saturação no campo, ocorrem os confrontos dos resultados obtidos na pesquisa de campo com a problemática inicial até formular a conclusão, como bem abordam Clifford Geertz (2005) e Roberto Cardoso de Oliveira (2006), sobre as etapas da construção da pesquisa etnográfica antropológica.

Na construção dos dados da pesquisa, foram realizadas entrevistas com três grupos de indivíduos, de acordo com as especificações narradas a seguir: o primeiro grupo é composto pelas pessoas da localidade que são *nativos de nascimento*, o nativo local chamado aqui. O segundo grupo a ser analisado será compreendido pelas pessoas “de fora”, ou seja, que chegaram com o fluxo empreendido pela dinâmica do turismo de Jericoacoara, oriundos de outros *circuitos culturais*, chamados de “novos moradores” pelos antigos do local, no qual também me encontro inserido não apenas como pesquisador de fora, mas como ex- morador, pois tinha uma residência no local, fazendo

com que eu figure como pesquisador “de dentro”, ainda que seja um morador vindo de fora.

Valho-me das narrativas de vida destes indivíduos pertencentes aos grupos sistematizados e através delas analiso os contextos históricos mundiais e locais vividos por eles, em relação ao turismo, a migração, a modernidade, a tradição e a tradução. Estas narrativas são trazidas no texto em formato de pequenas histórias, que relatam situações vividas por estes grupos em interação face à face na localidade como em interação à distância, como no caso dos filhos dos nativos locais que moram em São Paulo com seus pais.

Nestes contextos ocorre que a modernidade e a tradição dão espaço para a tradução (BHABHA, 2013), o local e o global estão em redimensionamento histórico e cultural das estruturas coletivas e da ação individual, o elemento da hibridez cultural é impulsionado por estas diásporas e retornos. Os textos antropológicos etnográficos devem ser entendidos como intervenções diretas relatos a partir de recortes da realidade. Nesta perspectiva de diálogo antropológico se procura evitar a completa imposição de valores do analista a realidade analisada, sem que o mesmo perca sua autoridade etnográfica.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do contínuo de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um “ente-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2013, p.29).

Além da utilização da proposta etnográfica interpretativa de Geertz, anoro também meu aporte metodológico etnográfico na *utopia* polifônica de James Clifford (2008), em busca de uma co-autoria dos interlocutores na produção textual. Compartilho da premissa que o pesquisador não é o único provido de potencial interpretativo e analítico, pois ainda que os interlocutores não estejam conduzidos por um método científico claro e sistemático, suas narrativas são carregadas de significados de sua relação com o mundo e consigo.

Necessitando, metodologicamente, “escutar e dialogar” com as “vozes” dos interlocutores da pesquisa, reconhecendo o conteúdo analítico de suas narrativas e não

apenas meras informações objetivas, ainda que seja o pesquisador o ordenador destas vozes, sob a luz da metodologia científica. Muitos teóricos tratam esta perspectiva metodológica de utópica, porém, acredito ser necessária a construção e o esforço de trabalhar com as vozes de maneira mais participativa, e a utopia, muitas vezes, encontra-se nas barreiras colocadas pela academia, com suas estruturas “viciadas” e enrijecidas, travando as possibilidades do diálogo mais próximo com os interlocutores, do que propriamente uma falta desta perspectiva epistemológica. Para Clifford (2008) a respeito da autoridade etnográfica, os discursos etnográficos não são falas de personagens inventados, como em um romance literário, pelo contrário, são indivíduos reais, de carne, ossos e alma, e as intenções dos mesmos, estão sobre as condições políticas, sociais e culturais, reais, históricas e pontuais, situacionais, de suas existências. Ele argumenta que daí a possibilidade de uma estratégia plural, em que os informantes passam a interlocutores, saem da condição de objetos para sujeitos, e, em última instância, de co-autores textuais.

Boaventura de Sousa Santos (2006) também faz uma rica discussão epistemológica a respeito da racionalidade que impera, ainda que em crise, na forma de produção de conhecimento das Ciências Sociais. Ele critica a lógica da razão metonímia porque trabalha sempre no campo da dicotomia. A relação de conhecimento de uma categoria está sempre vinculada a outra antagônica, e é geralmente analisado sobre um foco em que a totalidade das partes domina o processo das mesmas. As partes não são independentes, mas num contexto total.

A razão metonímia não é capaz de aceitar que a compreensão do mundo é muito mais do que a compreensão ocidental do mundo. Em segundo lugar, para a razão metonímia nenhuma das partes pode ser pensada fora da relação com a totalidade. O Norte não é inteligível fora da relação com o Sul, tal como o conhecimento tradicional não é inteligível sem a relação com o conhecimento científico ou a mulher sem o homem... A modernidade ocidental, dominada pela razão metonímia, não só tem uma compreensão limitada do mundo quanto de si própria. (SANTOS, 2006, p. 98).

Compreendo que a crítica à racionalidade passa por um exercício de ampliar o estudo das partes sem que estejam condicionadas e amarradas por uma totalidade. Apesar de o trabalho discutir dois grupos sociais distintos em interação e relação social, não se propõe a transformar estas dinâmicas numa dicotomia.

Os atores sociais são heterogêneos e, como veremos posteriormente, interesses políticos e pragmáticos fazem se aliar nativos e novos moradores, como entrar em conflito novos moradores entre si, ou nativos entre si. O trabalho também pretende analisar as partes de forma autêntica, os nativos por eles mesmos e os *malucos de estrada* por eles mesmos, e analisar o campo das relações vividas por estes atores sociais. Santos (2006) pretende utilizar outra razão que venha a expandir o presente e contrair o futuro, fazendo o contrário do que a dicotomia faz de contrair o presente e expandir o futuro, fazendo aparecer o que é apagado pela luta dicotômica, ver a mulher independente ao homem, ver o Sul sem estar relacionado ao Norte. Mas acredito que isto não é para ignorar uma relação entre as partes, mas não aprisioná-las a uma lógica totalizante homogênea.

Nesta perspectiva de mundos e não mundo, e de “aparição” dos mundos que antes estavam renegados ao anonimato ou a relação dicotômica, como o “primitivo” e o “civilizado”, enquanto é possível ver cada mundo e sua lógica sem a comparação a outro, que muitas vezes se torna parâmetro e “realidade”, ou “totalidade”, enquanto marginalizados fica o que deviam estar também na evidência. Esta Sociologia das ausências visa dar voz aos povos que até hoje sofrem os efeitos do colonialismo e que o campo científico ainda se encontra contaminado desta visão. Percebo uma luta simbólica dentro do campo científico, no combate a uma racionalidade que se impõe mais pela força e situações políticas do que pela força da argumentação e retórica científica.

Santos (2006) propõe uma ecologia dos saberes, onde a epistemologia científica é apenas mais uma. Acredito que tal perspectiva metodológica se aproxima à polifonia proposta por Clifford, uma vez que dar voz aos interlocutores é trabalhar com sua forma de saberes e não querer comparar com o conhecimento acadêmico. Santos propõe que o tempo não seja aprisionado a forma linear, e sim enxergar sobre outras formas temporais, em que a linear é também apenas mais uma, *uma ecologia das temporalidades*.

Por isso, a subjetividade ou identidade de uma pessoa ou grupo social num dado momento é um palimpsesto temporal do presente, é constituída por uma constelação de diferentes tempos e temporalidades, alguns modernos outros não modernos, alguns antigos outros recentes, alguns lentos outros rápidos, os quais são ativados de

modo diferente em diferentes contextos e situações. (SANTOS, 2006, p. 109).

Percebo que existe uma multiplicidade de temporalidades dos atores e grupos sociais em questão na pesquisa.

Também me apporto no método dialético empregado por Pierre Bourdieu (2011) em sua Sociologia da prática que faz dialogar objetivismo e subjetivismo, agentes e estruturas. As noções de *campo* e *habitus* desenvolvidas por ele são importantes ferramentas teóricas e metodológicas para se sistematizar uma análise sociológica da vida prática dos indivíduos da Caiçara de Baixo.

A microssociologia e a macrossociologia são colocadas em diálogo, assim como objetivismo e o subjetivismo, história e psicanálise, sociedade e indivíduo. A dimensão material da vida social e a simbólica, interagem em dialética, não havendo economicismo, determinação econômica, ou subjetivismo, determinação do campo simbólico, cultural. A dialética de Bourdieu não segue o padrão de análise de muitos Marxistas que colocam a economia como base e os aspectos simbólicos, política, cultura, como Superestruturas subjulgadas e condicionadas pelas forças produtivas materiais e históricas, a infraestrutura, ou a economia de mercado capitalista. Na visão de Bourdieu, o campo simbólico trabalha dialeticamente as estruturas objetivadas nos indivíduos e subjetivadas pelos mesmos, aproximando, assim, metodologicamente, a objetividade e a subjetividade e retirando o caráter “inconciliável” desta relação epistemológica.

Existe sim uma conexão das duas dimensões incorporadas nos agentes e manifestadas nas ações práticas e praticadas dos agentes. Por isso, tais aportes podem ser utilizados tanto em diálogo com pesquisas quantitativas como nas qualitativas, a exemplo da etnografia. Dialogando com narrativas em contextos, a trajetória em vez da biografia; mas também com pesquisas empíricas quantitativas, utilizando-se de dados estatísticos, para refletir teoricamente as regularidades estratégicas ou a propensão de uma atividade habitual em determinado grupo social sobre um determinado contexto histórico.

Tanto na teoria das razões práticas de Bourdieu, quanto na teoria da estruturação de Giddens (2013), a História e a Psicanálise estabelecem diálogo, pois tem foco tanto nas estruturas objetivas das instituições num contexto temporal histórico, quanto nas ações sociais subjetivas dos agentes na relação prática social. Elias (1997) também diz

sobre uma sociologia que perpassa a psique dos indivíduos relacionados a determinados contextos históricos, figurações sociais históricas. Estas figurações criam redes de dependência entre os indivíduos, de forma que observo o turismo e a migração como fenômenos que criam redes de dependência entre os indivíduos. Estes estão identificados por propósitos relacionados com seu *habitus* e o campo onde estão inseridos, ainda que numa relação dialética, como já foi mencionado, e não determinada pelo campo e pelas estruturas sociais estruturantes. Não é uma determinação, mas uma relação de reciprocidade entre a ação social e as estruturas sociais.

A constituição de agentes e estruturas não são dois conjuntos de fenômenos dados independentemente – um dualismo –, mas representam uma dualidade. De acordo com a noção de dualidade de estrutura, as propriedades estruturais de sistemas sociais são, ao mesmo tempo, meio e fim das práticas que elas recursivamente organizam. A estrutura não é “externa” aos indivíduos: enquanto traços mnêmicos e exemplificada em práticas sociais, é, num certo sentido, mais “interna” do que externa às suas atividades, num sentido Durkheimiano... A reificação das relações sociais, ou a “naturalização” discursiva das circunstâncias e produtos historicamente contingentes da ação humana, é uma das principais dimensões da ideologia na vida social. (GIDDENS, 2013, p. 30)

Giddens aborda que na história da construção das teorias sociais existiu uma época em que a macrossociologia, liderada pelo funcionalismo e estruturalismo, não se “misturava” com a microsociologia, que focava suas análises nas relações ordinárias da vida cotidiana, na interação face à face. Segundo esta abordagem, podemos considerar Durkheim e Marx como representantes da macrossociologia, pois estudam os aspectos estruturais das sociedades, instituições como Economia, Estado, Cultura, divisão social do trabalho e do trabalho social, numa ótica do macro condicionando o micro, as estruturas sobre os agentes; enquanto Goffman (1992) vem como um forte representante da segunda vertente numa perspectiva de análise das relações ordinárias e corriqueiras vivenciadas pelos agentes. Estrutura e Agência ficam em uma relação de dualismo como se uma pudesse vir a existir independente da outra. A análise do contexto social ordinário descontextualizado do estrutural, e o estrutural independente da agência dos indivíduos, mas condicionando essas agências. Durkheim fazendo sua comparação da sociedade ao organismo do corpo biológico, diz que o corpo não é a pura soma dos

órgãos individualizados, apesar de ser uma organicidade o efeito é independente das partes. Assim a sociedade seria um ente acima dos indivíduos, e por isso passível de ser analisada como um ente independente. Goffman (1992) diz não estar preocupado com as grandes causas sociológicas, focando seu estudo na interação face a face. Giddens (2013), porém, acha que é deficiente o esforço da separação entre macro e micro, e propõe uma integração social e de sistema, que reúne estes dois focos, micro e macro, em um diálogo visceral.

Penso que a teoria da estruturação tem uma semelhança com as idéias de *Habitus* e *Campo*, trazidas por Bourdieu, as quais mostram o agente sendo estruturado pelas instituições, mas também sendo agente estruturante das mesmas instituições coletivas. Assim, dentro das microssituações, se apresentam as estruturas coletivas de forma simbólica e manifestada na ação prática dos indivíduos em interação social. Por isso, encontro nexos teóricos e epistemológicos entre as análises sociais de Giddens e Bourdieu, que considero frutíferas para desenvolver uma reflexão neste trabalho.

### 1.3. Chegando ao porto dos piratas. Chegada ao campo e à problemática

A maior calamidade que pode acontecer a uma pessoa é ela ficar séria e prática demais. Um pouquinho de loucura e de excentricidade só faz bem. (OSHO 2005, p. 8)

Antes de me aprofundar na pesquisa, vou, em linhas gerais, narrar minha chegada ao campo e a problemática sociológica e antropológica. Narrar um pouco a trajetória do escritor e aspirante à pesquisador das Ciências Sociais, ou melhor, parte da minha trajetória de vida, que identifico como chegada ao campo e ao tema desta pesquisa. Relato biográfico que em determinado momento da vida se depara com a estrada, com o turismo, com o Brasil rural e tradicional em transformação, e posteriormente ao meu retorno à academia e o esforço que venho empregando em realizar uma pesquisa de um recorte específico do qual não sou um estranho, mas um dos atores sociais do contexto situacional que pretenderá ser apresentado e analisado neste trabalho. Espero que essas narrativas iniciais de minha trajetória de vida possam servir de recurso para interpretação dos leitores quando vierem os dados mais à frente, onde “desapareço” um pouco do texto como artesão e apareço como pesquisador.

Eram férias de julho de 2003, em Jericoacoara, quando conheci Beatriz e Rasta. Estava com uns amigos de Fortaleza, na casa de um amigo nosso que morava lá no sítio do Seu Chico, um coqueiral que se localiza após a Duna do Pôr do Sol de Jeri, no sentido oeste. As meninas vinham *de Br*<sup>15</sup>. Beatriz é do estado de São Paulo, e veio viajando pelo litoral até Jericoacoara, mas não em todas as cidades litorâneas, geralmente os picos turísticos, e Rasta pelo litoral do Recife-PE ao Ceará, também selecionando os locais. Elas se encontram em Lagoinha, praia do litoral oeste do Ceará, cerca de 180 km de Jericoacoara a leste e 100 km de Fortaleza a oeste. Rasta tinha um companheiro, mas se separou dele em Lagoinha e resolveu dar seqüência à viagem com Beatriz, que já ia para Jericoacoara como ela.

---

<sup>15</sup> *De Br* significa que vinham no movimento da estrada. Viajando como artesão de estrada. É uma categoria nativa do grupo social.

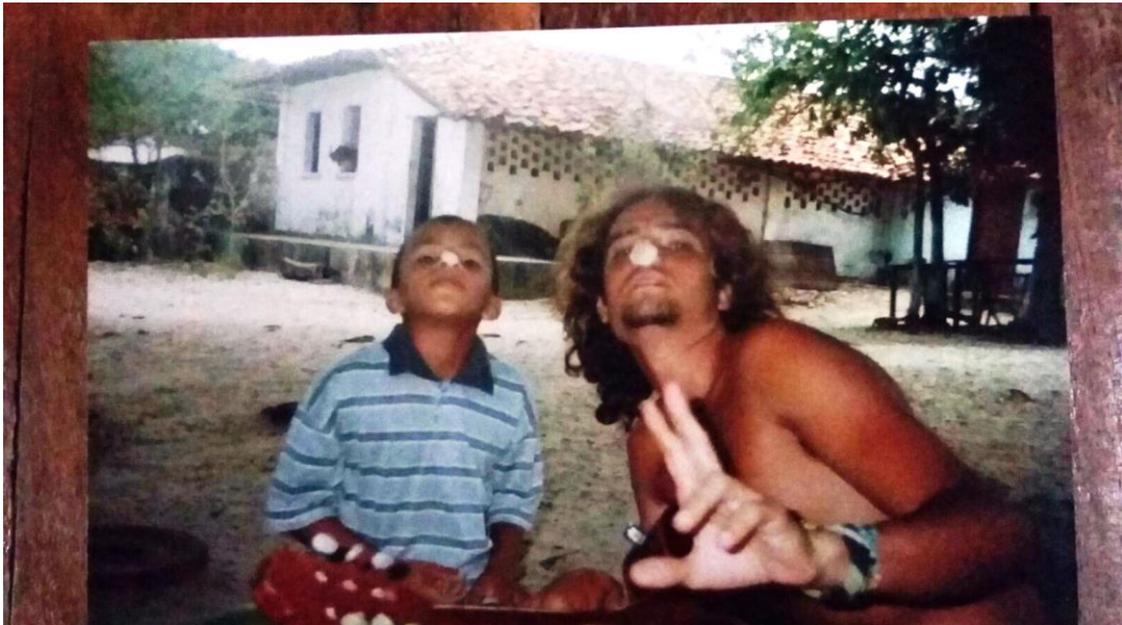


Figura 3: No terreiro da casa de dona Maria em Paulino Neves, Maranhão. 2003.

Foto: Rasta

A foto acima foi tirada por Rasta de mim e um garoto, na casa que ficamos acampados em Paulino Neves, interior do Maranhão na região dos lençóis maranhenses, em agosto de 2003.

Nesta época, eu tinha 22 anos e estava indo para o último semestre do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Porém, nestas férias, comecei a namorar Beatriz, a trabalhar com a manufatura e venda dos artesanatos com as meninas, e saímos para viajar rumo a Amazônia; o que naturalmente me fez abandonar o curso que estava “terminando” na universidade (faltava um semestre letivo e a monografia), pois senti que aquele curso estava apenas começando. Sai para viajar com elas pela estrada por mais ou menos oito meses.

Nessa época era muito envolvido com o movimento estudantil e, pelo ponto de vista que tinha adquirido na militância, fiquei muito desiludido com os propósitos desenvolvidos nas universidades, que acreditava ter que ser combatente e engajada mais nos movimentos sociais que a própria disciplina estuda. Porém, a pressão do mercado de trabalho e da sobrevivência, e claro que existiam outros fatores, como a lutar pelo poder e a dominação, faziam a maioria dos estudantes e professores demonstrarem interesse pelo mero cumprimento dos percursos institucionais e acadêmicos; enquanto a maior parte do movimento estudantil, por sua vez, almejava aparelhar as instituições.

Além das violentas ofensivas do Estado, através da polícia, quando saímos em manifestações.<sup>16</sup>

O sentido de estudar a Sociologia, para mim, era além de profissional, uma forma de intervenção nas estruturas sociais, através do estudo das mesmas, a possibilidade de transformá-las. Porém, no meu entendimento naquele momento, a Sociologia parecia estar mais a serviço do Leviatã e do Príncipe, do que do velho postulado de Marx (, na *Ideologia Alemã* a respeito da filosofia idealista de Hegel e da juventude Hegeliana, de que *além de contemplar o mundo o filósofo tinha que lutar para transformá-lo*. Mas me encontrava desanimado com a perspectiva de intelectual orgânico (GRAMSCI 1982), pois a organicidade dos sociólogos estava mais interessada nos congressos do que nas passeatas, nos currículos do que na ciência, no carreirismo do que na revolução. E as passeatas contaminadas por interesses obscuros de partidos e oportunistas do movimento. Via que era o contrário, a balança estava mais para a direita.

Desiludido, desempregado e encantado pela perspectiva de viajar fazendo arte na rua, além de ver no artesanato uma renda, um emprego e um estilo de vida, que me fazia sentir como se tivesse rompendo, em alguns pontos, com o “sistema” e indo fazer a minha pesquisa auto ditada da vida, e da sociologia “das ruas”<sup>17</sup>. Assim, esses sentimentos de ruptura foram mais forte do que “eu”. Desisti da universidade e fui viajar com Bia e Rasta.

Eu, Bia e Rasta, viajamos de Jericoacoara para Fortaleza e de lá para Lagoinha, serra grande da Ibiapaba, Parnaíba, Tutóia no Maranhão pelo Delta do Parnaíba, Paulino Neves, Barreirinhas, Caburé e São Luís. Viajávamos com artesanatos, malabares e instrumentos musicais, o que possibilitava ter um dinamismo no trabalho e não ficávamos restritos só a venda de artesanatos. Rasta ficou em São Luís. Eu e Bia seguimos até o oeste do Pará, a vila de Alter do Chão, próxima à Santarém, lá nos separamos e fui retornando pela transamazônica passando por Altamira, Tucuruí, até chegar a Belém, de lá fui direto à Fortaleza.

---

<sup>16</sup> Tínhamos um grupo de estudos e ações políticas que se chamava MER, movimento dos estudantes revolucionários, que era ligado ao Coletivo Contra Corrente, grupo constituído por intelectuais e ativistas marxistas nas Universidades Públicas do Ceará. Os coletivos posteriormente se ligaram a Ação Global dos Povos, AGP. Participamos de diversas manifestações, como a do relógio da Rede Globo em homenagem aos 500anos do Brasil. Falo da violência pois geralmente éramos espancados nos confrontos.

<sup>17</sup> Fora do contexto Universitário.

Voltando ao Ceará, após passar uns dias em Fortaleza, na casa dos parentes, fui a Jericoacoara e aluguei um chalé no sítio do Seu Chico, o mesmo local que havia mencionado antes. Estava vendendo artesanatos na feirinha da rua principal de Jericoacoara e também *mangueava*<sup>18</sup> na praia e na noite.

Foi aí então que conheci uns *malucos de estradas* que estavam começando a construir uma comunidade de *hippies* em um sítio numa roça perto da Lagoa Azul, na localidade Caiçara de Baixo. O Morrison era um dos compradores do sítio. Morrison é *maluco de estrada* e natural do interior de São Paulo, apesar de sua família ser da região do Cariri, sul do Ceará. Tendo ele ido passar uns dias em Jericoacoara, e dormido lá em casa uns dias, convidou eu e o Iamandú, um *maluco* amigo nosso natural de Rondônia, que estava dividindo a casa comigo e mais um, para irmos conhecer a Caiçara de Baixo, o sítio e a *malucada*.

Chegamos primeiro na Caiçara. Ali já senti um ambiente bem diferente de Jericoacoara. Comemos um pastel com suco na mercearia de Dona Maria, que tinha dado um real, muito mais barato do que os lanches comprados em Jericoacoara. A vila era pacata, tendo uma pracinha simples com uma igreja matriz, e no fim da rua se via a Lagoa da Caiçara. O sítio da *malucada*<sup>19</sup> era atravessando a Lagoa no outro lado, na Caiçara de Baixo. Após lanchar e beber umas cervejas, nós descemos pela rua do cruzeiro, umas das vias de acesso entre Caiçara e Caiçara de Baixo, colocamos as mochilas, o violão e os painéis de artesanatos na cabeça e atravessamos uma parte estreita do córrego, aonde o nível da água chegava até próximo aos ombros, no tórax. A paisagem era incrível. A noite já havia chegado e o céu estava todo estrelado. Chegando ao sítio, encontramos os outros dois casais que compraram o sítio junto com o Morrison.

Eles estavam em um ritmo intenso de trabalho. Ao mesmo tempo em que trabalhavam no manejo florestal do sítio, e na construção de cacimba e da casa, iam todos os dias ao restaurante Lagoa Azul, em uma parte da Lagoa da Caiçara próxima ao local, uns vinte minutos a pé, para vender os artesanatos.

---

<sup>18</sup> Manguear é vender os artesanatos como vendedor ambulante, oferecendo as pessoas. O mangue é o habitat do caranguejo, e também é zona típica dos litorais, faixas que antecedem a faixa litorânea. Categoria nativa dos viajantes de estrada.

<sup>19</sup> Malucada é a forma coletiva de malucos de estrada. Malucada são vários viajantes de estrada artesãos juntos.

Fizemos comidas na beira da fogueira, tocamos violão e conversamos um tanto naquela noite. No outro dia voltei a Jericoacoara, e logo depois de um mês sai para viajar pelo Brasil, porém no sentido sul, tendo feito Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste, e no final do ano, ao Sul do país.

Em 2005, retornei a Jeri em abril, e quando ia viajar para o Maranhão no fim de junho, após ter terminado um relacionamento, resolvi primeiramente passar pela Caiçara de Baixo. Tinha gostado da Lagoa, e antes de ir ao Maranhão, queria perguntar ao Poseidon, uns dos moradores do sítio, sobre roteiros de estrada pelo Norte, já que ele tinha viajado anos por lá. Além disso, a carona para Caiçara foi a primeira que apareceu na saída de Jeri. Ele e sua esposa tinham acabado de ganhar uma filha, e o parto foi em casa com uma parteira nativa de Jeri.

Chegando a sua casa, ele me recebeu bem e me perguntou se eu não estava interessado em comprar um terreno pela vila também, e se juntar aos *malucos* que estavam com ele. Eu tinha um dinheiro guardado e acabei comprando um terreno na Rua principal da Caiçara de Baixo, local mais próximo de onde moram os antigos moradores, do que próximo ao sítio deles, que fica mais próximo à Lagoa.

Dali para frente, passei a viver por lá, trabalhar nos restaurantes da lagoa e construir minha casa, além de reforçar aquela identidade que cada vez mais incorporava de *maluco de estrada*, e também quando não tivesse na estrada, tinha uma morada que possibilitava a vida no campo próxima a um pico turístico, o que me garantia uma segurança com relação ao trabalho com a venda de artesanatos. Passei uns dois meses construindo e reformando uma casa, plantando arvores, legumes e hortas. Já quase não ia mais a Jericoacoara. Praticamente ia para lá quando queria curtir uma balada e ficar por dentro do que estava rolando pela cidade, porém estava encantado com o ritmo tranquilo da Caiçara de Baixo, além do cansativo trabalho nos restaurante das Lagoas Azul e Paraíso, como em casa, com construção, manejos florestais e a reposição ou manufatura de mais peças artesanais.

Fiquei uns três meses na localidade, do fim de junho ao fim de setembro, tendo trabalhado na temporada de férias dos brasileiros em julho, dos estrangeiros em Agosto e vivenciado o período do caju na localidade, em Agosto e Setembro. Na lua cheia de julho deste ano, ocorreu o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas, o ENCA, no sítio de Confúncio, na localidade Sambaíba, no qual aglutinou muitos *malucos* e antigos *hippies* de várias partes do Brasil e do mundo, e que fez as comunidades da

Lagoa interagir bem com este grupo social, nesta época ainda éramos poucos moradores de fora a morar na Caiçara de Baixo, mas o encontro possibilitou um grande fluxo destes agentes na região. Na minha casa recebi alguns amigos, e também fui para o Encontro. Dentro das temáticas do encontro estavam: o trabalho comunitário, o vegetarianismo, permacultura e fossas ecológicas, yoga, cozinha coletiva e uma interação com os povos locais das regiões onde ocorrem os encontros. Para mim foi muito enriquecedor, e interessante para analisar posteriormente o fenômeno da migração de *malucos* para a vila, no qual fui mais um.

No final de setembro de 2005 saí para viajar. Fui de novo à Amazônia, até Alter do Chão, ficando até o final de novembro, depois desci desta vez pelo oeste, indo pela transamazônica Santarém-Cuiabá, de bicicleta um trecho e de carona outro, até o Mato Grosso, depois para Goiás. De lá para Minas, ficando a temporada de Janeiro na serra do Cipó a uns 100 km de Belo Horizonte. E por fim ao Rio de Janeiro, ficando lá desde o *show* dos Rolling Stones, em Copacabana, no final de Janeiro de 2006, até depois da semana santa, no final de Março. Lá no Rio de Janeiro haviam me falado muito bem das cidades universitárias e históricas de Minas e segui viagem para lá, e acabei ficando por um ano. Em Minas morei em cidades universitárias, principalmente em Viçosa, e convivendo novamente com os estudantes e a universidade me veio a vontade de retornar meus estudos. Percebi que a estrada era desgastante, e estava querendo mudar de profissão, e ainda tinha o velho sonho de ser professor e de pesquisar estas experiências de vida que tinha passado na estrada, sem ainda saber ao certo o que estudar especificamente.

Em abril de 2007, voltei a Fortaleza e consegui reabrir a matrícula na universidade. Nesta época ia a Caiçara, sempre que podia, mas estava morando em Fortaleza para estudar. O fato é que fui percebendo que a cada ano iam chegando mais e mais pessoas de fora para morar ou comprando terrenos para irem de vez em quando. Outro fato relevante era que a maioria dos novos moradores chegados, eram artesãos de estrada amigos dos antigos *malucos* que chegaram primeiro. Foi então nascendo o interesse por compreender sociologicamente a situação que estava se apresentando, e da qual eu também estava inserido.

Em 2009 casei com uma colega da universidade e da vida em comum, e tivemos dois filhos e novamente saí da universidade para trabalhar como professor de ensino médio em escolas públicas do interior. Em 2010, deixei a escola, que se encontra em

Guaramiranga, no maciço de Baturité, e fui morar com a família na Caiçara de Baixo, voltando a trabalhar com a venda de artesanatos e minha companheira com massoterapia, e lá ficamos até final de 2011. Nesta época vendia os artesanatos na Lagoa do Paraíso e raramente em Jericoacoara. Viajávamos pouco, mais para Fortaleza e Parnaíba. Estávamos mais caseiros por conta das crianças pequenas e dos trabalhos com o sítio. Consegui novamente a matrícula da universidade e em 2012 finalizei o curso com uma monografia que discute as modificações culturais do local, com o título de *o Vento e a Vela*, uma metáfora onde a *Vela*<sup>20</sup> representava a tradição e o *Vento* representa a modernidade, ou o progresso influenciado pelo turismo da região.

Para este trabalho venho aprofundar a pesquisa da monografia. Na monografia a temática tinha foco maior na relação Caiçara de Baixo com Jericoacoara e o turismo, e na vida nativa sendo modificada por esta relação. Para este trabalho, o foco vai se centrar nas interações sociais vivenciadas pelos antigos moradores e novos moradores, inclusive trabalho etnográfico de eventos locais de interação que ocorreram após meu trabalho de final de curso, como o projeto Cajus e o projeto das mulheres negras de Caiçara de Baixo.

Neste trabalho não apenas modificação dos nativos foi abordada, mas a modificação de nativos e moradores de fora, em eventos trabalhados juntos pelos dois grupos sociais.

O turismo de Jericoacoara passa para pano de fundo, e apesar da relação com a temática, serão analisados outros processos que não podem ser explicados apenas pelo crescimento do turismo, mas pela relação específica que fora construída pelos grupos sociais em interações no local. No capítulo a seguir vamos contextualizar o leitor no cenário turístico da região, apresentando Jericoacoara e a Caiçara de Baixo no contexto de cidade satélite do turismo.

---

<sup>20</sup> Vela é um pano amarrado em dois mastros de uma canoa, um na vertical e outro na horizontal, que recebe o vento para fazer a canoa se movimentar no mar ou na lagoa.

## 2. JERICOACOARA: AMBIENTE NATURAL E AMBIENTE SOCIAL TURÍSTICO.



Figura 4: Pedra Furada de Jericoacoara. Julho de 2013.

Foto: Autor

A Figura acima mostra a paisagem natural de um dos picos atrativos de Jericoacoara, a *Pedra Furada*. Como podemos ver na gravura, turistas e vendedores de água de coco e bebidas circulando pelo local. O movimento de turistas à paisagem é diário e o ano todo, faça chuva ou faça sol.

O relato abaixo se passa numa viagem de campo a Jericoacoara, por isso, a narrativa tem um formato peculiar de alguém que descreve uma viagem. Esta viagem ocorreu junto aos colegas da pós-graduação, por isso utilizo o “nós” em vez do “eu” em algumas situações.

Saímos de Fortaleza às nove horas da manhã, pela rodovia estruturante, CE 085 (no sentido noroeste do Estado), com destino a um dos mais procurados e falados picos turísticos do Ceará e também da Federação Brasileira, o parque Nacional de Jericoacoara.

Chegamos a Jijoca por volta das treze horas e seguimos todos a um restaurante do centro, ao lado do Mercado da cidade e de frente à lateral do Prédio do Banco do Brasil. Ao saborearmos o peixe Serra, comecei a sentir melhor o *clima*<sup>21</sup> do local. Mas o clima não era composto apenas por aquele fruto marítimo saboroso da costa oeste; ao sairmos do restaurante, observei o vai e vem de vários turistas brasileiros e estrangeiros que passavam nas camionetes ou entrando no Banco do Brasil (um típico “não-lugar”, no sentido de Marc Augé (1994) de lugar consolidado da supermodernidade).

Os elementos *simbólicos locais*, desde a chegada, já se apresentavam como elementos híbridos possíveis em locais de fluxo turístico considerável, *o típico da terra*, da região, e *o típico do mundo*, de todo mundo. Assim como escreve Krippendorf (2009), que o turismo traz modificações das localidades e das pessoas que visitam e que são visitadas além de causar diversas formas de interação, cotidiana e anticotidiana (que eu acharia melhor denominar *extracotidiana*, não sendo, portanto, uma negação do cotidiano, mais ele em situação extraordinária).

Após o almoço, fretamos uma camionete D 20<sup>22</sup> para o grupo. Éramos 10 pessoas. Passamos por localidades que cercam o parque Nacional e a Jijoca como o córrego do urubu e chapadinha, e que ficam na APA da lagoa do Paraíso.

Logo após, chegamos ao portal do parque, dali para frente não se viam mais casas, cercas e terreiros, mas um cenário “natural” de dunas brancas e amarelas claras, e alguns locais com vegetação rasteira típica do litoral do Ceará. A todo o momento passávamos por camionetes, carros grandes de passeio e também por motos, que pareciam ser pilotadas por pessoas simples da região, na sua grande maioria.

A presença humana ali estava bem caracterizada pelo fluxo e pela mobilidade, em vez das pessoas em seus terreiros, estavam às pessoas em movimento, entrando e saindo do parque. Aquela zona espacial era marcada pela intensa mobilidade humana, e ao mesmo tempo, uma espécie de cartão postal na entrada do parque, ressaltando a dimensão de *espaço natural*, como uma paisagem, uma obra de arte em movimento. Também estavam presentes os jumentos e os *tetés*.<sup>23</sup> Vale ressaltar, que em conversa

---

<sup>21</sup> A palavra clima está sendo utilizada no sentido de ambiente, de costumes locais. Não no sentido apenas climático, de medição de temperatura.

<sup>22</sup> Carro de tração usualmente utilizado para estradas de areia, com tração forte e pneus grandes. Antiga Pick-Up da Chevrolet dos anos 80 e 90, do séc. XX.

<sup>23</sup> Pássaros de pernas compridas e finas.

com um antigo morador da vila, o Limão, este relatou que em sua primeira viagem a *Jeri*, na década de oitenta, fizera a travessia de jumento, talvez burro, não sei ao certo, quando se levava o dia todo, segundo seu relato, para chegar lá.

Diante deste meu relato inicial comparado ao do morador antigo em sua chegada, percebe-se, começando pela forma como se chegava ao vilarejo, que várias mudanças aconteceram (e acontecem) por ali nestas últimas três décadas, com os atores sociais, e com o cenário integrado, do qual os atores estão inseridos em contexto.

Vários coqueiros imersos em casas, muitas dunas, e um enorme morro de pedras, de vegetação rasteira, com um farol lá no alto do morro, ficavam mais nítidos ao se aproximarem. O morro se chama Serrote, e boa parte da população regional conhecia antigamente a vila de Jericoacoara por este nome (LIMA 2012)<sup>24</sup>, apesar de não ser mais usualmente empregado. Nas palavras de um antigo morador da região:

A que para Jericoacoara não tinha nem saída e nem entrada para Jericoacoara. Aqui não tinha movimento com a Jericoacoara, tanto que minha mulher votava lá, e era a coisa mais difícil do mundo para arranjar um carro para lá. Foi de uns quinze anos pra cá que nós começamos a se comunicar com a Jericoacoara. A coisa mais difícil do mundo era nós e na Jeri, *patrasmente* agente conhecia lá como serrote. Não era nem Jeri, era Serrote. (Curupira em entrevista concedida no ano de 2011)

Com certeza, o cenário avistado tinha uma dimensão de miragem, a travessia do portal do parque, era também, uma imersão em uma situação de *encantamento* proporcionada pela natureza e impulsionada pela libido humana.

Uma cidade que, como por *encanto*, aparece em meio às Dunas e morros de pedras, que surge a vista como um Oásis no deserto do Saara, ou melhor, no deserto do Ceará. Porém a “lógica do encanto” não se sustenta apenas na *chegada*, mas também na *estada*. Ainda que por detrás desta situação paradisíaca tenhamos outras realidades, outros paraísos artificiais, que transitam entre o mundo da fantasia e a realidade.

Marc Augé (1994) relata que a dimensão da experiência do turista, que capta as fotos das viagens, tem aquilo como forma de agregar de forma espetacular, aquele local visitado a si mesmo. Bourdieu (2011) também se refere ao acúmulo de *capital simbólico*, por parte do viajante, como se agregasse valor ao seu ser social,

---

<sup>24</sup> *O Vento e a Vela: Modificações culturais dos Caiçarenses de Baixo com o desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara*. Fortaleza. UECE, 2012.

indiretamente um investimento do indivíduo em si para o jogo da vida social. Várias são as conotações e dimensões da fantasia, da viagem, e dela em si e para os outros.

Uma cidade simplesmente aparecia naquele contexto, cenário natural e social, rompendo com os antagonismos gerados das análises dicotômicas como sociedade e indivíduo, cultura e natureza, objetivo e subjetivo, contextos analíticos dissociados, mas sim, integrados e em movimento.

A natureza, a sociedade, os fluxos culturais, encontram-se em um contexto integrado, e o turismo se apresenta como porta para a análise destas categorias em processo integrado. Logo, na primeira impressão, ficava claro o contexto ambiental numa relação “desnuda” com a sociedade, a localização espacial, o lugar “escolhido”, não tinha como estar dissociado de suas relações sociais e ambientais.

Chegamos ao estacionamento do parque e seguimos até a casa onde nos hospedamos. A casa ficava umas quatro ruas ao oeste da rua principal, paralela à mesma, próxima a escola pública municipal. Alojamo-nos e saímos para ver o pôr do sol, mas este já estava se pondo no horizonte, em pleno mar. Ainda deu tempo para eu e alguns colegas tomarmos um banho de mar nos últimos minutos de luminosidade solar, *a boca da noite* (categoria nativa local). Seguimos depois para a ritualística roda de capoeira de Jericoacoara que acontece sempre depois do pôr do sol.

O Pôr do Sol comumente é visto de cima da duna a beira mar, chamada localmente de Duna do Por do Sol. Todos os dias dezenas de pessoas, os turistas em sua maioria, sobem esta duna para admirar o por do sol. Após este por do Sol, as pessoas, em maioria, batem palmas como se estivessem em um espetáculo teatral. Depois deste evento, *social, natural e turístico*, se sucede a roda de capoeira já mencionada. No outro dia, fomos à duna e vimos além destas dinâmicas “extracotidiana e cotidiana em Jericoacoara”, algo ainda mais *extracotidiano*, um casal que estava celebrando seu casamento em cima da Duna. Porém, o casal não estava só, consigo estavam várias pessoas vestidas de branco, que eram os convidados do casório. Perguntei a uma moça que estava na festa, que confirmou o fato já especulado por mim.

Essas e outras histórias é que também fazem a Jericoacoara ter o estigma de local “alternativo”, num sentido similar ao trabalhado por Becker (2009) em *Outsiders*, em que muitas vezes pessoas com estigmas sociais desviantes possuem sua própria

racionalidade, ou um porque de serem outsiders (ou alternativos), e é o lado normativo, ou a racionalidade dos *caretas*<sup>25</sup> que não entende o meio alternativo. Em suas palavras:

Alcoólatras são muitas vezes ambivalentes, por vezes sentindo que os julgam não os compreendem, outras vezes concordando que a bebida é compulsiva e maléfica. No extremo, alguns desviantes (homossexuais e viciados em drogas são bons exemplos) desenvolvem ideologias completas para explicar por que estão certos e por que os que os desaprovam e punem estão errados. (Becker 2009, pg. 16,17)

Em meio a tal situação, pode perceber que se trata de um lugar onde o ambiente, social, cultural e natural, induz os visitantes a ficarem mais a vontade e se permitam ter experiências diferenciadas do seu cotidiano. E esta busca por situações *alternativas* são efetuadas, muitas vezes, por pessoas que no seu local de morada fixa não vivem este mesmo clima *alternativo* contido no ambiente de Jericoacoara. A moça também me relatou que aquela não era a cerimônia “oficial”, esta tinha ocorrido um dia antes o casamento civil. Aquela era a cerimônia do jeito que eles queriam, com a mística na natureza, o Sol, a Duna, o Mar, e claro Jericoacoara e toda dimensão que aquele *espaço sociológico* (SIMMEL 2013) possui. Georg Simmel vai argumentar que o espaço sociológico é mais do que o espaço como unidade geográfica física, mas todos os aspectos sociais, culturais, lingüísticos quem identificam o espaço socialmente produzido. A própria Jericoacoara tem uma *identidade alternativa*<sup>26</sup>, ainda que com uma alta racionalidade capitalista desenvolvida no turismo, e nas demais relações desdobradas desta ou interligada a ela.

Após o anoitecer, quando a roda de capoeira terminou, alguns capoeiristas (que parecem organizar e participar sempre da roda) deram avisos sobre educação ambiental

---

<sup>25</sup> Categoria nativa empregada no meio alternativo para enquadrar as pessoas que são moralistas e se posicionam contra o comportamento alternativo ou diferenciado dos hábitos por eles compreendido como único e certo.

<sup>26</sup> Identidade alternativa, aqui está relacionada à visão geral, uma espécie de senso comum, que a praia está propícia a atividades alternativas de interação cultural. Diz que tanto ela como Canoa Quebrada, praia no litoral oeste, a aproximadamente 190 km de Fortaleza, foram vilas que se formaram com *hippies* dos anos 1970 e 1980, mais os pescadores da região. Existe todo um histórico, anterior a esse atual momento do desenvolvimento turístico e da institucionalização do parque nacional, em que essas duas vilas cresciam pelas interações entre esses mochileiros alternativos e os pescadores. Como falei no início da nota, existe uma tendência a relacionar a praia como de estilos de vida alternativos possíveis e mais regulares do que nos grandes centros urbanos.

e consciência ecológica em Jericoacoara direcionado aos turistas e demais presentes. Batem fotos e participam muitas vezes jogando capoeira. Antes de iniciar a roda, enquanto está acontecendo o espetáculo do Por do Sol, é comum encontrar pessoas fazendo aulas de capoeira com capoeiristas locais. Geralmente são estrangeiros que estão de passagem pelo local. Interessante, pois faz parte também da formação do turista, como dos nativos, de um clima de consciência ecológica, ainda com o lastro das esferas públicas por detrás (IBAMA, ICMBio)<sup>27</sup> e o fato de ser um parque federal de natureza. A Figura abaixo mostra o controle dos órgãos ambientais sobre os dispositivos turísticos naturais de Jericoacoara. No caso a proibição da subida na pedra furada, o que anteriormente era comum e sem nenhuma possibilidade de sanção legitimada do Estado sobre os infratores.



Figura 5: Placa do Parque Nacional de Jericoacoara na Pedra Furada. Julho de 2013. Foto: Autor

Voltando ao relato, seguimos, saindo da praia em direção ao início da rua principal que já estava ocupada por dezenas de barracas de bebidas. O clima da *night*<sup>28</sup> já começa

<sup>27</sup> Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), e Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). São órgãos federais de fiscalizam dos Parques Nacionais e Reservas Florestais.

<sup>28</sup> *Night* é sinônimo de noite, mas aqui utilizei para me referir ao clima de festa, de noite agitada, de balada, na gíria dos paulistanos. É assim que muitas pessoas no local se referem a noite em Jericoacoara, como se a cidade turística tivesse esta dimensão do espírito dionísíaco da noite pairando sobre a vila-cidade de Jericoacoara.

ali. Existe uma intensificação das baladas, após a meia noite, do clima noturno festivo, sendo que este horário de seis da tarde à meia noite é reservado ao descanso para quem fez atividades e passeios durante o dia e quer ir à balada após a meia noite ou momento em que os turistas saem para jantar nos restaurantes e comprar artesanatos, roupas e lembranças de viagem em geral.

Chegamos no dia de sábado, dia movimentado para a época de outubro, apesar de ser considerada baixa estação, a cidade estava cheia e tinham turistas nacionais e internacionais.

Não é preciso dizer como mudou o cenário espacial e ambiental do cenário de Jericoacoara, do réveillon de 1998 até esta última visita, em outubro de 2014. E estas transformações ambientais, espaciais e temporais, não dizem respeito apenas a uma cartografia geofísica, mas evidentemente as profundas transformações do *habitus* (BOURDIEU, 2011) dos indivíduos que acompanharam o desenvolvimento turístico nestas últimas três décadas, e das estruturas dispostas no local, ainda que com a inserção das disposições virtuais, internet. Como também analisa Certeau (1999), o espaço é um lugar praticado, ou ainda um espaço antropológico, como fala Merleau-Ponty, dando a dimensão de que estas transformações espaciais, ambientais e geográficas, também são transformações espaciais antropológicas e por conseqüência, das estruturas sociais. Certeau também analisa a dimensão histórica, quando a dimensão espacial está ligada a intervenção histórica da ação humana.

Pode dizer que o turismo, como rede de relações sociais e econômicas, intensificou o desenvolvimento urbano espacial da vila. Em 1996, a energia elétrica chegou ao vilarejo, e em 1998, podemos dizer que apesar de já existirem algumas pousadas e restaurantes, o contexto histórico, local, nacional e mundial, era bem diferenciado do de hoje. Quanto à vila, esta tinha uma padaria, que abria de madrugada, não tinha posto policial, nem de saúde, nem pousadas com mais de um andar, pouquíssima circulação de carros importados, poucas lojas de artesanatos, e poucos restaurantes. Fumava-se maconha tranquilamente nas ruas, e se viam, de noite ou de dia, rodas de violão espalhadas pelas ruas e pela praia. A interação entre os turistas e nativos era mais direta, menos pessoas e grupos específicos, existia um contato mais afetivo entre as pessoas naquela época. À noite na praia não predominavam barracas de caipirinhas e baladas em restaurantes e bares estilizados, mas pessoas festejando na beira da praia, assando sardinhas, tocando violão e demais coisas que já foram mencionadas.

Voltando a narrativa (ou descrição deste percurso antropológico e turístico, no sentido de itinerário [CERTEAU 1999], com os diálogos sociológicos) estávamos subindo pela praia rumo ao início da rua. À esquerda da praia, no início da rua, até a curva de pedras, ficavam restaurantes e pousadas, como o Restaurante do Alexandre que fica logo na curva de pedras. À direita duas grandes pousadas, inclusive uma *estilizada* a moldes de bangalôs havaianos, chamada Vila Kalango, e o outro um resort com apartamentos espelhados luxuosos de frente para o mar. Grandes paraísos artificiais “criados” pela relação entre desejo e capital, pela “adequação” da legislação aos empreendimentos do capital econômico e do desejo psicológico dos consumidores turísticos. Pelas condições objetivas e subjetivas, do capital e dos homens, na sua ligação essencial e simbólica, tendo a praia de Jericoacoara como palco de apresentação, da manifestação destas relações sociais e ambientais, reciprocamente, sinergicamente.

Não dobramos, nem à esquerda, nem à direita, seguimos subindo a rua. Na medida em que subíamos, passávamos por lojas de artesanato, restaurantes, sorveterias, lojas com serviços de terapias holísticas e massoterapia, pela “feira hippie” de artesanato (artesões que moram, em grande maioria, moradores da Caiçara de Baixo), até chegarmos a uma praça e em seu entorno, repleta de mais lojas, pousadas e restaurantes. Uma grande reconfiguração espacial ocorrera naquela “subida de rua”, de uns dez anos para cá. Não só pelo número maior de estabelecimentos comerciais, mas pelo aumento do padrão de sofisticação destes estabelecimentos, que mantém apenas por elementos estéticos, atrativos ao consumo, um visual “*retro*”<sup>29</sup> ou “*rústico*”.

Ainda existem pousadas, bares e restaurantes da década de 90 do século XX, como o bar Casa Grande Senzala, a Pousada da Isabel, Pousada Capitão Tomaz, Pousada do Véio, Pousada São Bento, Pizzaria Leonardo Da Vinci, Pousada Papagaio, a Padaria Santo Antônio (com a famosa fornada de pães de queijo, banana e coco, na madrugada), dentre outras, porém, precisamos ressaltar que foram modificadas as estruturas, ou “propostas”, assim como também *nem nós somos mais os mesmos*, utilizando de uma fala de um antigo morador, como minhas palavras também de antigo visitador e de pesquisador humano e integrado ao meu tempo histórico e não uma alma escolástica a ver tudo pela lupa científica descartiana (BOURDIEU 2001). O fato é que ocorrera uma

---

<sup>29</sup> Retrô, de retrospectiva, de visual rústico, aparência nativa. Talvez esta manifestação do *habitus* destes dispositivos retrós estejam inseridos no próprio contexto situacional local turístico. A natureza, a cultura nativa e a sofisticação da “modernidade urbana”, trazidas neste cenário de Jericoacoara.

expansão da organização pública e privada da vila, ou da cidade turística, que é o que mais caracteriza as relações atuais da localidade, fluxo de trânsito, intenso comércio de serviços turísticos, construção civil e pouca atividade pesqueira, extrativista, agrícola como anteriormente; ou seja, a consolidação do turismo como maior fonte de trabalho, e também, do capital simbólico mediado entre os agentes sociais.

Muita coisa modificou na estrutura da cidade nestas duas últimas décadas, como a criação de escola pública, e até a escola particular Tio Barnabé, *lan houses*, centros comerciais, posto de saúde, posto policial, praças, central de abastecimento energético, escolas de *Kite* e Wind surf, instrutores de capoeiras, associações de bugueiros<sup>30</sup> e rendeiras, quanto o cotidiano das pessoas locais, o aumento do fluxo migratório, além dos investimentos trazidos pelas pessoas que migram, com criação de pousadas e estabelecimentos comerciais, teve importância direta no impulso do desenvolvimento dessas políticas estaduais e federais de turismo (Secretaria de Turismo e Ministério do Turismo), desenvolvimento social e ambiental, como a “*institucionalização da vila*” com a consolidação da condição de parque ecológico nacional. (RODRIGUES, 2014).

O interesse do poder público se voltou concomitantemente ao seu desenvolvimento turístico, social e internacionalmente fronteiriço, pela grande quantidade de imigrantes estrangeiros. Este contato trazido pelo turismo está causando modificações nas relações sociais e econômicas, trazendo novas questões de fluxos culturais, “limites”, perpassavam pelas questões de identidade, e hibridações culturais. Discutindo os aspectos migratórios, e as remodelações culturais trazidas pela intensificação destes fluxos de cultura e geográficos propriamente ditos, Hannerz (1997), nos dá algumas chaves de compreensão para estas relações, dos fluxos citados a cima, com o aparecimento de relação de limites, identidade, e hibridações culturais, aonde locais que o turismo vem se expandindo tem total ligação com os fluxos mencionados e os efeitos destas reconfigurações culturais.

Os fluxos culturais através das distâncias estão se tornando também cada vez mais poliformos. Lembremos novamente de Pedro Arcanjo e Kirsi, gesticulando entre si, um desconhecendo a língua do outro, e de Kirsi aprendendo as danças da Bahia. À medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como fluxo migratório, o fluxo

---

<sup>30</sup> Motoristas de carros pequenos de praia que fazem passeios turísticos nas atrações turísticas dentro e no entorno da vila cidade de Jericoacoara.

de mercadorias e o fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que provavelmente diferem muito na maneira de fixar seus próprios limites; ou seja, em suas distribuições descontínuas entre pessoas e pelas relações. (HANNERZ 1997, p. 18)

Estes fluxos, que não necessariamente negativos, são o foco do estudo aqui proposto. A modernidade “remodelando” o ambiente, natureza e cultura, devido a dinamicidade inerente a estas esferas da vida e dos sentidos da qual esta pesquisa se Assim, funde-se ao cenário a dimensão do *paraíso de natureza à de paraíso de consumo*, uma vez que existe toda uma estrutura que possibilita “consumir” estes dispositivos naturais e simbólicos locais. Estrutura essa que também está diretamente ao campo midiático, uma vez que a viagem para Jericoacoara começa a “ser vendida”, na divulgação da mídia e agências de Turismo, como pela relação afetiva entre pessoas que foram ao local e retornam aos seus lares divulgando suas experiências de interação com estes dispositivos naturais, sociais e culturais do local, para suas redes de relações afetivas.

A natureza é bela e está aí para ser interagida e “consumida”. Levar fotos, artesanatos locais ou cangas com o nome de Jeri, são formas de levar um pouco do local, assim como também de ter feito os passeios e caminhadas ao redor da vila, ou curtido a noite nos bares, ou ainda uma roda de viola entre os amigos a beira mar, assando sardinhas e tainhas na brasa.



Figura 6: Esportista de Windsurf preparando o equipamento

Foto: Autor

Todo este cenário é permeado pela manifestação de diferenciados agentes que compõem o cenário: praticantes de esporte: *Wind e Kite surfing, sandboard* e capoeira, os *malucos de estrada*, os funcionários públicos da região, donos de pousadas, donos de mercadinhos, músicos, trabalhadores dos serviços turísticos em geral e os turistas de rápida estadia. Claro que uma pessoa pode ser praticante de *Kite surf* e ser funcionário público ou turista de rápida estadia, quis apenas ilustrar as diversas esferas de sociabilidade, esportivas e culturais sociais, e até econômicas. Numa pequena localidade do interior do Ceará, esta miscelânea pode ser vista como efeito ou o próprio, esta rede de comunicação entre os viajantes e os nativos imersos no ambiente total natureza e sociedade. Na segunda-feira pela manhã, eu e alguns colegas fomos à praia e “nos despedimos” de Jericoacoara com um banho de mar. Porém, não retornei a Fortaleza, e sim, fui a Caiçara de Baixo.

Pela ótica da discussão feita pela Sociologia e a Geografia Humana de território, pude perceber que além de fluxo de culturas, existe o fluxo de territórios, nos aspectos simbólicos. Os moradores vindos de fora podem também serem classificados como “nativos *transterritoriais*”.<sup>31</sup> Aqui o termo *transterritorial* também pode ser atribuído aos filhos dos nativos que migraram para outras regiões e retornam a localidade. Como abordei um pouco na nota de roda pé, a *transterritorialidade* é um elemento característico de povos que estão em fluxo, mas ao mesmo tempo em construção com a resignificação feita pelo agente em cada território que vivencia. Para ser mais claro, o viajante é nativo em cada local que passa um tempo, mas é nativo do próprio movimento também, o *nativo transterritorial* pode até ter casa, ou casas, porém o fluxo e a estrada são inerentes a esta categorização sugerida no texto para identificar agentes que se movem e que trazem consigo este “movimento” com elos em cada local que passa e interagi. Obviamente que o *território* ultrapassa a dimensão geográfica física,

---

<sup>31</sup> Os moradores locais se dividem nestes dois grandes grupos categóricos, de nativos do local, de nascimento, filhos dos povos oriundos das populações tradicionais locais, e os *transterritoriais*, aqui usando o aspecto subjetivo do sujeito que se desloca por territórios, e que não são oriundos do território local, mas de outro lugar. Existe a idéia de transito, por isso trans, ao mesmo tempo que a idéia de local e espaço, no sentido geográfico e simbólico internalizado nos agentes, como já fora discutido anteriormente relacionando ao conceito de *habitus* de Bourdieu (2011). O morador *transterritorial* está ligado diretamente ao turismo, ação de mão dupla entre os agentes do turismo, e o turismo como agente social.

ainda que esteja contemplada, e perpassa por conexões culturais e sociais. *O território é chão, mas é mar também, são vôo e acúmulos de pousos.*

Estes grupos categoriais não indicam que os atores sociais inseridos em cada grupo tenham condições sociais homogêneas. Dependendo da análise posicional social, indivíduos podem estar em classes sociais semelhantes, porém em grupos diferentes. Por exemplo, certos *malucos de estrada* podem estar em patamar social ou posição social no *juego* (BOURDIEU, 2011), similar a de um pescador, mesmo que estejam aparentemente em classes opostas pela condição de locais e *outsiders*, ou *os de fora*. Outros já podem pertencer a mesma classe social, como os donos de pousadas, mas entre eles iremos identificar os mais variáveis tipos sociais de locais e *transterritoriais*.

O trânsito de pessoas do mundo inteiro, e, portanto, de *habitus* (cultura prática e incorporada) os mais variados, em interação numa pequena vila litorânea brasileira implica o foco para entender o desenvolvimento do turismo em aspectos políticos e econômicos, mas também sociais e psicológicos.

Utilizando-se da premissa de Clifford Geertz quando afirma: “*somos todos nativos*” (GEERTZ, 2011), no contexto da rede de interações dos agentes no processo local, tanto velhos ou novos moradores, de fora, que estão de alguma forma agindo na relação, participando do contexto interacional do local, em atividade, portanto, são aqui reconhecidos como *nativos*, porém se faz mister esta sub-classificação para fazer uma diferenciação entre os *nativos locais* e os *nativos recém- locais* ou *transterritoriais*, logo não reduzindo só aos antigos moradores ligados a cultura regional tradicional como sendo nativos. Mas deixando clara a existência de diferença entre os *nativos* de fora e os antigos moradores, assim como entre eles, internamente na categoria.

A grande quantidade de investimentos e a constante estruturação, pública e privada, que a vila vem recebendo, possibilitam a maior expansão de investimentos, e conseqüentemente, a migração de pessoas de fora, ou investimentos externos na economia local. Como argumenta Harvey (1993) em diálogo com o pensamento de Lefebvre:

Devemos a idéia de que o domínio do espaço é uma fonte fundamental e persuasiva de poder social na e sobre a vida cotidiana à voz persistente de Henry Lefebvre. O modo como essa forma de poder social se articula com o controle do tempo, bem como com o dinheiro e outras formas de poder social, requer uma maior elaboração. Vou explorar o argumento geral de que, nas economias monetárias em

geral e na sociedade capitalista em particular, a interseção do domínio sobre o dinheiro, o tempo e o espaço forma um nexos substancial de poder social que não podemos nos dar ao luxo de ignorar. (HARVEY 1993, p. 207.)

Ele ressalta que o triângulo espaço, tempo, e dinheiro, manejam os lugares e as conexões práticas econômicas e simbólicas de pessoas e locais. O dinheiro é algo que aparece no cenário como forma substancial de nexos social. Os investimentos, as políticas públicas, aeroporto, parque nacional, consumo turístico de natureza e de festas, dentre toda a dimensão pela qual o capital aparece substancializado no dinheiro, como todas as formas de consumo, não são passíveis de serem deixados de lado da discussão apesar das dimensões simbólicas não estarem sobrepostas à dimensão econômica.

O dinheiro como um nexos social (MARX 2011), também se torna um elo cultural. “*Ganhar dinheiro*” passa a predominar sobre a noção de trocar favores e trabalhos, ainda que existam de forma mais discreta e reduzida, digamos. O turismo traz certa “malícia”, sem ser necessariamente maldosa. O convívio do turista com o local, e a dimensão do dinheiro que este fluxo trouxe e trás, fez a população local estar mais presente, na prática, com o fluxo do dinheiro, e com o desenvolvimento de serviço para captar este recurso. Sem tirar toda a subjetividade e afetividade que possam existir entre turistas e locais, há certa relação, não meramente representativa, mas ativa, que o fluxo do turismo traz: trabalho, renda e dinheiro. O turista é de certa forma este fluxo incorporado, tanto objetivamente quanto subjetivamente e é quem, de certa forma, traz “*os recursos*”, na voz de um morador antigo.

É comum o trânsito de turistas estrangeiros em Jericoacoara. Desde o princípio, na época em que tinham apenas mochileiros e pescadores, época já mencionada no texto, havia a presença de mochileiros estrangeiros. Hoje com o desenvolvimento da estrutura do turismo na vila, em níveis de desenvolvimento urbano, econômico, político dentre outros, com certa dinâmica, ainda que inicial, de turismo de massa, o turista estrangeiro e brasileiro que vão a vila, não ficam de forma totalmente isolada do contexto social e cultural local, por isso muitos optam por se fixarem no local.

Parece fazer parte do *ethos* local, o nativo e o *gringo*, como agentes culturais *estigmatizados*, sem a força depreciadora que traz o conceito de estigma abordado por Erving Goffman (2004), mas como uma regularidade do olhar dos turistas em geral, um senso comum construído.

Quando se fala em Fortaleza de viajar para Jericoacoara a maior parte das pessoas associam a cidade à bela natureza, às festas e uso de drogas, e a idéia de um ambiente com muitas pessoas estrangeiras e de outras partes do Brasil convivendo com os nativos locais. Nas palavras de um interlocutor da pesquisa que morou tanto em Jericoacoara com na Caiçara:

Nossa! O nativo absorveu muito essa cultura de fora. Mas não tem consciência. Eu morei duas vezes, que foi em 2006, e agora em 2013, convivendo com a vila por trabalhar no colégio, e o que eu vejo é o nativo querendo ter uma Hilux, camionete Toyota, usando drogas também, principalmente esta coisa do crack, que em 2006 não tinha, mas o crack chegou e o nível de violência aumentou muito, e não se pode mais deixar as portas abertas na hora de dormir como quando morei em 2006. Agente via pequenos furtos e este ano que se passou agora eu soube no noticiário que assassinaram uma italiana<sup>32</sup>. **Então imagina só; eu sou um nativo da Caiçara de Baixo, cresci na minha casa rural e a dez quilômetros da minha casa tem uma cidade globalizada cheio de drogas, festas e prazeres. É muito difícil manter essa vida rural com um contexto fácil desses. Então estes dois mundos quando se encontram gera muita perda cultural, e violência, no sentido de drogas, que pessoas da zona rural ficam viciadas e marginalizadas.** Parece que a ascensão social é casar com uma gringa e ir morar no estrangeiro ou montar um negócio e ficar rico. É difícil viver lá sem se vincular a isso, ou melhor, sem ter isso como objetivo. Apesar daquela natureza exuberante que tem ali, se quiser viver um contexto mais rural de vida, é como se tivesse fora do que está ali. A gente viveu isso. (Entrevista concedida por Cajueiro em 2015 comentando o assassinato da turista italiana em 2015).

Por isso é “normal” se ouvir falar que Jericoacoara é cheia de *Gringos*, ou é uma cidade internacional dentro do Ceará, mas não é bem verdade esta última proposição, e é isso que pude observar, dialogando com Hannerz (1997), que não existe apenas cidade internacional com equipamentos culturais, ou dispositivos subjetivos mercadorizados, nem o contrário, uma cidade local com dispositivos internacionais operando através do

---

<sup>32</sup> Assassinato que ocorreu em Jericoacoara, no qual não se conseguiu achar os verdadeiros culpados e que movimentou a opinião pública e a mídia internacional.

turismo, mas uma relação de interação entre estas *duas correntes* (a da globalização e da identidade regional), que manifestam relações híbridas e limites culturais, através das interações dos agentes em suas práticas coletivas e da incorporação e da ação prática social do *habitus* de cada agente.

Marc Augé (2010), em *Por uma antropologia da mobilidade*, fala a respeito da expansão massiva do turismo. Ressaltando que existe uma contradição no fluxo migratório, no qual os migrantes dos países do Sul que vão para os países centrais<sup>33</sup>, passam por situações difíceis e arriscadas, enquanto os migrantes dos países centrais que vão para os países do Sul, são os turistas de passeio, que vem para gastar e se divertir, ou quando para trabalhar, na condição de investidores, na grande maioria, sem grandes entraves dos órgãos públicos e governamentais.

Esta visão, ou melhor, estas práticas ou fluxos sociais têm sofrido *contrafluxos*<sup>34</sup>, não se podendo dizer que o fluxo dominante de Norte para Sul, ou Centro para periferias, esteja tão consolidado quanto na década passada. Dentre outros fatores, à crise econômica nos países centrais, desde 2008 e o aparecimento de turistas de classe média e alta do Brasil, dentre outros países do Sul, que vão fazer turismo na Europa, EUA, Japão, dentre outros, parecem justificar o aparecimento de *contrafluxos* migratórios, e de uma discreta inversão, com o aumento do movimento turístico de passeio de pessoas dos países periféricos para os países centrais. Além destes contra fluxos mencionados, existem outros mais específicos e simbólicos como a adesão a certos *estilos de vida*, como de Europeus que por escolhas subjetivas objetivadas decidem ir morar nos países do Sul, e Jericoacoara é um cenário muito rico desta última causa.

---

<sup>33</sup> Termo usado para se referir aos países que estão com a maior parte da economia mundial, Japão, EUA, Europa. Hoje o contexto vem se diferenciando com o crescimento vertiginoso da China, e também da Índia e Brasil, ainda que em menores proporções que a China.

<sup>34</sup> Contra fluxo aqui dialogando com a idéia de ações práticas coletivas que não estão no fluxo das ações práticas ordinárias sociais regulares. Dentro de processos de crise social, as estruturas tanto econômicas quanto simbólicas, passam por modificações em suas 'ações normais', ou regularmente observadas na maioria das pessoas. O contra fluxo aqui está aproximado ao conceito de *hysteresis* usado por Bourdieu (2011), quando fala sobre *habitus* que apresentam ações diferenciadas do que a regularidade do seu campo social está propensa.

## 2.1 A Caiçara de Baixo no contexto de cidade satélite do turismo.

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (GIDDENS 1991, p- 29)

Duas coisas que traz muita gente pra cá, em primeiro lugar é o sossego, e em segundo lugar é a Lagoa. Muita gente que veio há dois anos aqui, que marcou terreno pra comprar, por causa da Lagoa, hoje ele vê pela internet e acaba o negócio, lá onde ele tá mesmo, seja Tocantins, Pará, seja qualquer canto, não! Não tem Lagoa, tem sossego, mas não tem lagoa a gente não vai. Duas coisas que trouxeram eles aqui foram: o sossego e a Lagoa. ( Entrevista concedida por Curupira no terreiro de sua morada em 2014)

Na primeira citação acima, Anthony Giddens fala da aparência, a forma visível, e de relações distanciadas que determinam a essência do que se observa na interação face à face. Na segunda citação, de forma diferenciada, um interlocutor, com uma percepção empírica, fala que com a seca da Lagoa, o turista que estava com planos de comprar uma terra, quando olhava pela internet, e via que a Lagoa estava seca, não precisava se deslocar, pois do seu lugar mesmo desfazia o negócio. E ainda ressalta que não importa o lugar que esteja, se no Pará ou Tocantins, a comunicação e a ação, do negócio, podem ser feitas a distância.

Seguindo estes raciocínios percebemos a modernidade atual *desencaixada* (GIDDENS 1991) do espaço e tempo. Seguindo estes raciocínios percebemos a modernidade atual *desencaixada* do espaço e tempo. Ela percorre o que Giddens chama de um espaço vazio, um hiato, na qual está diretamente ligada aos dispositivos tecnológicos desenvolvidos na atualidade. Relações afetivas, de trabalho, dentre outras, são executadas a distância, viabilizada pelos informatizados meios de comunicação e o acesso a terras longínquas, tornou-se mais acessível pelo alto desenvolvimento dos meios de transporte aéreo, e o maior acesso econômico da população mundial ao mercado de viagens, no qual está localizado o turismo.

O litoral de países de climas quentes, próximos à linha do Equador, como o Nordeste do Brasil, países do Caribe, países indochineses e países africanos, estão paulatinamente sofrendo transformações sociais, culturais e econômicas desenvolvidas pela dinâmica da indústria do turismo e a hibridez cultural dada à interação de nativos e estrangeiros, como a expansão dos empreendimentos econômicos privados, e as políticas públicas de desenvolvimento do turismo (RODRIGUES 2014). Tanto as paisagens naturais bonitas e preservadas, quanto às populações simples e rústicas que habitam estes “paraísos turísticos”, são atrativos para o desenvolvimento dos fluxos migratórios temporários ou permanentes impulsionados pelo turismo.

Não apenas fluxos migratórios temporários vêm ocorrendo, mas fluxos onde o turista acaba se fixando nas localidades, tornando-se morador e se integrando de forma mais intensa no contexto da historicidade local, da cultura local, do que simplesmente como turista de passeio. Geralmente vindo de grandes centros urbanos, estes agentes sociais trazem consigo, incorporados em seu *habitus*, elementos da vida urbana, ainda que estes indivíduos estejam procurando no contexto rural, uma forma de vida alternativa à vida agitada e conturbada das metrópoles e das cidades grandes em geral.

Nos complexos turísticos esta realidade tem se proliferado na medida em que o tempo passa. Complexos turísticos aqui não entendidos, como rede de hotelaria e Disneylândia, ainda que sejam também, mas de zonas territoriais que são influenciadas pela a dinâmica de vilas turísticas já consolidadas. O complexo envolve não apenas o “plano piloto”, mas também suas “cidades satélites”. O fluxo migratório muitas vezes ocorre em cidades satélites, que com o tempo, passam a sofrer reconfigurações culturais estabelecidas pelo convívio social entre novos e antigos moradores. Estas reconfigurações modificam não só o espaço encarado como lugar, a localidade em si, sua urbanização e expansão residencial, mas também modificam os indivíduos e suas condições objetivas de vida, que refletem, ou melhor, reflexivamente agem sobre suas subjetividades. Entretanto, esta aparente homogeneização trazida pelo contexto global da *modernidade tardia*, não suprime as particularidades locais. As culturas locais fazem suas traduções (BHABHA 2013) criando elementos híbridos que nem estão totalmente modernos e instrumentalizados, e nem um retorno romântico à tradição como forma social.

Mais uma vez, é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência. E, uma

última vez, há um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração. (BHABHA 2013, p- 31)

A hibridez, o limite, e a fronteira, passam a se manifestar no cenário da localidade e na manifestação de estilos de vida dos agentes, em suas ações sociais. Como muito claramente argumenta Stuart Hall (2003) sobre a diáspora internacional e os novos contextos culturais desenvolvidos no que ele chama de *modernidade tardia*, já mencionada anteriormente. Hall argumenta o seguinte a respeito da globalização e das manifestações culturais da identidade:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes tradições posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando as suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema. Pois há outra possibilidade: a da tradução. (HALL 2011, p- 52)

A Caiçara de Baixo é uma localidade que vem passando por diversos processos migratórios e de reconfigurações sócio culturais. A cada ano que passa mais pessoas de fora vêm comprando terras e fazendo casas, e paralelamente, mais os filhos dos antigos moradores da região, oriundos dos antigos povos tradicionais do local, estão migrando para grandes centros urbanos. Tais prerrogativas serão melhores desenvolvidas, como os dados empíricos, nos capítulos a seguir, na descrição da chegada dos moradores de fora, e nas relações comunitárias entre os agentes sociais, é que poderemos de fato confirmar o que está sendo argumentado neste capítulo.

Tais fluxos migratórios não se dão de forma unilateral e permanente, de fixar no local migrado sem mais ligação com o local de origem, geralmente, a mecânica do retorno (de voltar a morar na região) é constante, e mesmo estando fora da vila, existem elos de identidade e costumes, que reforçam laços comunitários, no sentido weberiano, de comunidade não necessariamente atrelada ao mesmo espaço geográfico físico, ao mesmo território, mas as mesmas identificações subjetivas, e que associadas de alguma forma em coletivo. Mesmo estando em São Paulo, os filhos dos nativos criam redes de

interações e relações entre eles, recebendo mais amigos e parentes e abrindo caminhos para que fiquem na cidade. Estas redes de relações também são observadas entre os migrantes de fora que se fixaram na vila, *os hippies ou malucos de estrada*<sup>35</sup>, que compõe o perfil da maioria dos migrantes de fora que foram morar na vila da Caiçara de Baixo, e que mantêm ligação direta com Jericoacoara. Podemos dizer que chegaram por lá, e estão ligados pelo trabalho e pelas redes de relacionamentos com lá.

Como aborda Barreto (2009) a migração atual é mais circulante que fixa, em suas palavras:

Também há diferenças que precisam ser levadas em conta, enquanto as migrações estavam ligadas ao conceito de permanência no século XX, no início do século XXI está ligada ao conceito de circulação. A migração estava relacionada com o permanente, com responsabilidades com trabalho e educação, acompanhada de uma fantasia moderada a respeito do futuro. O turismo, ao contrário estava ligado ao efêmero, à ausência de responsabilidade, à fantasia exacerbada na procura do prazer. Na atualidade, as fronteiras se apresentam cada vez mais difusas. (BARRETO 2009, p-09)

Ao retornarem para Caiçara de Baixo, os filhos dos nativos da região, em grande maioria, vem com objetivo de manter a vida urbana, que tinha nas cidades grandes, optando por buscar trabalhos na área de serviços de turismo: hotelaria, guias, bugueiros<sup>36</sup>, professores de esportes náuticos (Kitesurf e windsurf), serviços gastronômicos, construção civil ou comércio em geral, e preferindo ter residência fixa, em Jijoca ou Jericoacoara, que são os vilarejos mais urbanizados da região, se é que são vilarejos, cidades pequenas, fronteiras entre a vida cosmopolita e a tradicional.

Jijoca por ser a sede distrital política do município, possui maior estrutura do que as localidades como a Caiçara de Baixo, possuindo: rodoviária e rota de acesso estadual e interestadual, mercantis, bancos, farmácias, postos de gasolina, pousadas, e a lagoa do paraíso como atrativo turístico de Natureza, além de ser o centro

---

<sup>35</sup> Os malucos de estrada são artesãos viajantes que ficam compraram terras na localidade pela proximidade de Jericoacoara, e a possibilidade de realizarem uma “comunidade alternativa”, que melhor está descrita na dissertação nos capítulos direcionados a chegada desses atores a comunidade, sendo aqui apenas citados para melhor compreensão do cenário sociológico.

<sup>36</sup> Motoristas de carros de passeio em Dunas, chamado de Buggy. Os passeios para Lagoas do paraíso e Azul são feitos nestes veículos.

administrativo da região, tendo hospitais, fórum, cartório, prefeitura e demais repartições pública

Jericoacoara é o centro das atividades turísticas e econômicas, onde tem maior rotatividade turística, podemos dizer que é o núcleo central do potencial turístico, político e econômico, uma vez que é um Parque Nacional. É também o local cosmopolita da região, com um alto índice de moradores locais estrangeiros e de outras cidades grandes do Brasil. Tem o mercado imobiliário especulativo mais caro da região, e hoje em dia, uns dos mais caros do Estado do Ceará<sup>37</sup>, até pela condição legislativa do Parque Nacional. A Caiçara de Baixo, portanto, encontra-se na situação de “cidade satélite” em relação a Jericoacoara.

Ela não possui pousadas, restaurantes ou postos de gasolina, apenas sítios cercados de arame e casas simples de barro cru ou de tijolos vermelhos furados. Terreiros com bastantes cajueiros, e roças de mandioca. Fica nas proximidades de uma linda Lagoa Azul turquesa, que geralmente tem água, porém dependendo dos períodos de seca no estado do Ceará, ela seca também. Bem diferente das estradas de asfalto e pedra da Jijoca, na Caiçara de Baixo só há estradas de areia e piçarra. Diferente também da imensa quantidade de lojas, restaurantes e pousadas de Jericoacoara, lá não existe sequer uma pousada no local, nem loja de artesanatos e nem restaurantes.

A pousada e restaurante que fica mais próxima se encontra no Córrego das panelas, vilarejo vizinho, chamada pousada e restaurante Lagoa Azul. Na Caiçara de Baixo há apenas umas quatro mercearias, que muitas vezes não chega a ter queijo ou ovos. Sua população é de aproximadamente 300 habitantes, contando moradores nativos antigos e moradores de fora que se fixaram há alguns anos. Na figura abaixo temos uma foto de um local da Lagoa do Paraíso.

---

<sup>37</sup> Em pesquisa a sites de imóveis, observei a média de 5.700 reais o metro quadrado, sendo o quarto mais caro do Ceará segundo reportagem do Diário do Nordeste.



Figura 7: Restaurante na Lagoa do Paraíso

Foto: O Autor

Então, onde se encontram os mencionados valores e aspectos urbanos, tal qual a suposta queda dos valores tradicionais em detrimento de uma modernidade globalizada, tendo em vista a descrição do local feita acima? Será preciso *chegar mais perto* para ver o que aparentemente não parece existir. A investigação feita pela pesquisa etnográfica evidenciou que apesar do aparente aspecto tradicional, questões como o trabalho, o valor da terra e os fluxos de pessoas, deflagram aspectos *modernos e pós-modernos* ocorrendo na vida social local.

As relações compartilhadas entre os grupos sociais criam nexos de hibridez, incorporações dos agentes de aspectos culturais construídos entre os nativos de fora e os nativos da região, mas também cria uma relação de reconhecer a si, alteridade dos indivíduos e limites culturais. Como já foi apresentado na introdução.

## **2.2. Da comunidade tradicional: Como vivíamos e como vivemos. Narrativas de vida de antigos moradores.**

Aqui só tinha sabe o quê, Rafael? Vou lhe falar, aqui só tinha era mato! Aqui não tinham estes cajueiros, aqui só era mato, que nem a chapada. (Entrevista concedida por Dona Flora em novembro de 2011)

E a Caiçara de Baixo era conhecida como Sítio Mangabeira. Quem tava na Caiçara que atravessava a Lagoa para cá, dizia que ia para o lado de baixo, para o Córrego das Panelas, vilarejo ao lado da Caiçara de Baixo, e aqui era o sítio Mangabeira. Eram só veredinhas, não tinha estrada. Eram tipo umas trilhas. Não existia carroça, não existia moto, não existia carro, o que tinha era as veredas que nem essas que você pega quando vai para a Lagoa tomar banho. *Patrasmente*<sup>38</sup> era difícil, Rafael, era difícil! O transporte que tinha era o animal, o jumento. Hoje em dia uma mulher para ganhar um neném o carro é bem aqui na porta, agora antigamente era só com a parteira se Deus quiser. Não tinha Hospital, doutor, não tinha nada disso. (Entrevista concedida por Curupira em novembro de 2011)

Os dois relatos introdutórios apresentam uma Caiçara de Baixo rural, com uma vida minimamente vinculada as sedes administrativas municipais e ao contexto turístico que já fora apresentado nos capítulos anteriores. Nesta seção vou descrever e analisar, baseada nas narrativas dos antigos moradores, como era a vida deles na Caiçara de Baixo antes da chegada dos moradores de fora, e do desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara, chamada por eles antigamente de Serrote.

Suas narrativas falam de uma Caiçara rural e sem conexão aparente com a vida urbana. Indivíduos que se valiam apenas da pesca, extrativismo e agricultura para sua subsistência. Onde a terra era basicamente usada para o plantio e a moradia, não existindo nesta época o mercado imobiliário e especulativo que se desenvolveu simultaneamente ao desenvolvimento do fluxo migratório, supostamente impulsionado pelo turismo na região. Também comentar a visão que estes antigos moradores têm com relação à vida urbana, e as dificuldades que passaram em épocas de estiagem da Lagoa.

---

<sup>38</sup> O mesmo que dizer antigamente. A forma como este interlocutor fala de tempos atrás.

Este capítulo vai dialogar com meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais, intitulado *O Vento e a Vela: Modificações culturais dos Caiçarenses de Baixo com o desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara*. O trabalho tem uma seção que descreve a região e os nativos e sua cultura de pesca, de construção, artesanato, etc. Neste trabalho trago relatos coletados naquela e nesta pesquisa atual, nestes dois últimos anos.

Em linhas gerais, apresentar a Caiçara de Baixo antiga, com uma configuração social simples e tradicional. As narrativas dos moradores que revivam os fatos e as histórias que se passaram desde os anos de 1950 até a chegada dos primeiros moradores de fora. Algumas partes descritivas com relação a farinhada, a pesca, dentre outros saberes e atividades de subsistências tradicionais, se verificam até os dias atuais por alguns moradores da localidade.

### 2.2.1. “*Patrasmente a Lagoa era nossa mãe*”... Pesca e vida regional dos Caiçaras

E a pesca na Lagoa? Como era a pesca da lagoa?

A pesca da lagoa era *patrasmente* o nosso pai e a nossa mãe era a lagoa. Botava a bóia, a rede, uma guluzema, uma coisa e de manhã bem cedo tinha o peixe. Tinha *traira*, tinha o *mussum*, o *cará malhado*, o *negócio era bom* sobre o peixe. A carne não, *ninguém via carne por essas bandas*, não é como hoje em dia que tem o mercado. Só quem tivesse o dinheiro. Quantas vezes eu não botei essa enxada no ombro, e ia pra Jijoca, trabalhava o dia pra ganhar o litro de farinha, e se pegasse o litro de farinha mais o litro de feijão era dois dias de trabalho, ficava devendo um. Hoje em dia uma diária compra. *Patrasmente* não, e ia *de pés* pra Jijoca, hoje a gente entra 7 horas no serviço, naquela época não, começava o serviço 5 horas, clareou o dia tinha que ir trabalhar, se fosse mais longe tinha que sair *com o escuro*, de madrugada. *Era mais quem ainda tinha alguma coisa, porque quem não tinha nada mesmo*, chegava do trabalho e quando era de noite ia pra lagoa, ajeitar uma *guluzema*, uma bóia, caçar *uma isca uma coisa*, e quando *se ajeitava* pra dormir já era quase hora de sair para trabalhar de novo.

- E aquela história que você estava dizendo antes que quando chegava *se ajeitava para pescar a janta...*

- É essa história que eu estou contando. Como eu disse, a gente passava o dia todo trabalhando para ganhar um litro de farinha, mas quando chegava em casa 6 horas, a mulher tava com os filhos encostados, trazia o litro de farinha, mas não podia comer, mulher guarda a farinha aí, e *vâmo bora* pra lagoa. Essa minha menina aí, a mais velha, *ainda alcançou mais eu*, este tempo. A mãe rapava mandioca para os outros, eu chegava 5 horas, seis horas, pronto, essa farinha é para guardar pra eu ir para a lagoa fazer o *faxo de palha de coqueiro*, pegava uma palha na outra, fazia o montinho, como o faxo, amarrava com o olho da carnaubeira, *fazia os amarradiços* botava o *faxim no ombro*, *acendia a ponta dele*, é como hoje a *lanterna*, ia *chegando o amarradinho* e o fogo baixava, e clareava para pegar os peixes na beira da lagoa, de vez em quando topava uma *trairinha*, o *mussum*, *quando pescava o suficiente para comer*, ia *simbora*.

Quando era dez horas da noite minha mãe tava cozinhando os peixes, tratando, assando, e daí o mais novo tava dormindo, mas ela deixava sempre guardada a comida de quem não tivesse comido para o outro dia. No outro dia mais trabalho. *E assim tocava a vida, assim tocava* (Entrevista concedida por Curupira em 2012).

A Lagoa como já foi dito anteriormente é elemento fundamental dentro da vida tradicional do Caiçarense. Talvez seja melhor dizer que já foi um elemento fundamental a pesca na Lagoa. *Patrasmente* a pesca na Lagoa era uma atividade de rotina para os povos tradicionais do local, e o peixe um alimento diário em suas mesas. Não só Curupira e Virgílio, que são antigos nativos, mas Marco Polo, que é o mais antigo morador de fora do local, comentavam a exuberância de beleza natural quanto de fartura variada de peixes que a Lagoa proporcionava. A vida era um tanto em torno da agricultura, extrativismo e da pesca na Lagoa. Curupira fala também da forma artesanal que pescavam, se assemelhando as técnicas indígenas, quando fala de fazer o feixe de luz feito com as palhas de carnaubeira para iluminar as águas e avistar a pesca. Porém em seu relato está presente o trabalho na roça, que dá para entender que era para sua família e para os outros em troca de um litro de farinha de mandioca. O relato traz uma marca de dificuldade para adquirir a subsistência através do trabalho pago por um litro de farinha, que ele fala está melhor hoje com a diária paga em dinheiro, porém de uma Lagoa farta de várias espécies de peixe, que hoje tem sofrido de constantes estiagens, possuindo poucas espécies de peixe.

Assim como na *Introdução*, percebo que as narrativas falam de aspectos positivos e negativos da antiga vida rural que levavam antigamente. Tem uma leveza na vida mais integrada com uma natureza mais acessível e farta, mas também uma dureza nas condições de trabalho e das oscilações climáticas da região que depende de bons invernos para manter o nível da Lagoa, e o sucesso dos plantios.



Figura 8: Mangueirão, lugar antropológico na Caiçara de Baixo

Foto: Autor

Em épocas de estiagem, antigamente, os moradores ficavam em condições subumanas de sobrevivência. A fotografia acima é do local chamado de mangueirão, que como já fora falado era utilizado antigamente como local de moradia de famílias e pescadores da lagoa. Local onde a Caiçara de Baixo tradicional era praticada antigamente.

Dona Flora fala ter vivido uma seca grande nos anos cinquenta do século passado. Diz que seus pais fritavam até insetos da lagoa, *os cabeças de prego*, para fazer alimentos para a família. Em suas palavras a respeito do momento:

No ano de 1958 a gente passou tanta fome eu mais meu pai, minha mãe e meus irmãos, que eu chorava, porque via as crianças, meus irmãos, menor do que eu tudo chorando de fome, a gente se tacava na lagoa, nesta época não tinha nem lagoa direito era só uns poços, atrás de cabeça de prego. Você sabe o que é cabeça de prego?... É um inseto virado de sujo, ele é feito de lixo, quando a tava pouca ficava eles na água e a gente caçava eles trazia pra casa, torrava e comia, pra não morrer de fome meu filho! Só, porque farinha não tinha não. A farinha sabe o que era? Era batata de cipó. Era pequena, porque tinha pouca. A gente ralava a batata no ralo feito com lata de óleo furada, a

mandioquinha era da grossura do meu dedo, hoje tem grossa, mas antes era escassa. A gente torcia no pano para tirar a aguinha, como uma casa de farinha manual, e colocava nos caco pra secar... As nossas panelas eram de barro, as nossas colheres eram de pau. A gente morava lá perto do Mangueirão. Aqui era mato, só tinha mato que nem a chapada. (Entrevista concedida por Dona Flora em novembro de 2011).<sup>39</sup>

Seu Virgílio também comenta de uma época em que o inverno fora tão farto que a Lagoa estava avançando e inundando várias casas de localidades que se localizam as suas margens como já fora demonstrado nos mapas anteriormente. Neste período os agentes públicos e os moradores locais cavaram um canal para fazer a Lagoa desaguar no mar. Segundo Virgílio várias espécies de peixe entraram na Lagoa, e a água ficou com peixes de rio e de mar. Porém ela nunca mais foi a mesma. Nunca mais pegou volume suficiente como antes e a cada ano tem mais estiagem na Lagoa, que tem formado vários poços com a estiagem.

- No 84 arrombaram a Lagoa, lá na Lagoa do paraíso. Lá abriram a Duna e a lagoa partiu para o mar. Rapaz nisso entrou tanto peixe do mar para dentro, que com quatro anos na frente, tinha peixe do mar de toda qualidade que você queria. Daí pegaram peixe com mais de doze quilos. Tamborim, Kara Peba, Curiman, Tainha, rapaz!

- O que foi que aconteceu, o peixe passou do mar pra lagoa?

Guarani: Entrou, e depois que a Lagoa baixou o nível, e a terra tomou de conta da parte lá do sangradouro, porque a lagoa era de mata a baixo, era como um mar, um mar d'água mesmo, com tudo dentro. Com junco, um lugar pro peixe comer, e era tão grande, tão imensa por todos os lados, que tinha muito peixe, muitas qualidades de peixe que se escondia e a pessoa num dava conta de pegar todo peixe não. Se você pegasse um peixe dava pra três quatro dias, se pegasse dois aricó por semana, só não fazia vender. Nesta época agente pescava mais pro nosso consumo. Depois foi que a negada começou a pescar mais peixe pra comer e vender, e a lagoa foi secando, o peixe foi se acabando, e deu no que deu, eu tou em casa com uma jangada, porque na Lagoa não tem mais água, e eu não botei mais a jangada na Lagoa,

---

<sup>39</sup> Relato tirado do trabalho Vento e a Vela, do mesmo autor, mencionado anteriormente.

não tem água e nem peixe. Quando tinha era demais. (Trecho de entrevista realizada com Virgílio e Guarani em Setembro de 2015)

A Lagoa foi impactada ambientalmente e agora os impactos se refletem sobre a pesca e os pescadores que tem sua atividade limitada pelas condições atuais da Lagoa.

A culinária, as garrafadas e remédios dos nativos da região, também estão em ligação com a natureza da região e as condições simples dos caboclos da floresta. Em *O Vento e a Vela* (2012) tinha argumentado que Curupira apresentava em seus depoimentos um saber sistematizado que chamei de “ciência da floresta”, e ele como Mestre ou Doutor da mesma, porém, não cheguei a correlacionar com alguma teoria social. Hoje, penso que o que o antropólogo Lévi-Strauss conceituou com ciência do concreto em seu livro *O pensamento Selvagem* (2012), tem uma relação com a ciência da floresta do antigo nativo da Caiçara de Baixo, e da região próxima.

Curupira tem um vasto conhecimento da botânica local, inclusive sabendo para que sirvam a casca e o leite de árvores nativas. Curupira e sua esposa cultivam varias ervas em seus quintais para temperos e chás medicinais. Podemos dizer que foram meus curandeiros, ou médicos no sentido ocidental, indicando e fazendo chás para dores de cabeças e náuseas. Um relato meu a respeito da temática no trabalho *Vento e a Vela* (2012):

Quando cheguei à Caiçara de Baixo, comecei a plantar diversas árvores frutíferas, pois além do terreno ser pequeno, eu não achava interessante ter apenas cajueiros, como era o costume do local, e com eles as roças de mandioca, e as do inverno que são de feijão, batata, abóbora (jerimum), e melancia. O Curupira sempre me ajudou a plantar e a dar manutenção, estrumando e aguando as plantas. Aos poucos fui percebendo a rica ciência dos agricultores locais, sobre os plantios e o extrativismo.

Quando tinha uma dor de cabeça, pegava uma erva no canteiro e fazia chá. Se tivesse dor de barriga, eu sofria muito de dores estomacais e intestinais, faziam chá de alfavaca ou chá do *olho da goiabeira*<sup>40</sup> e me davam. Depois o Curupira me apresentou as garrafadas que ele fazia com as cascas das árvores. A “*Janaguba, a Almeixa, Angelca, o Barbatimão*”<sup>41</sup>, são algumas árvores conhecidas na região que fazem

---

<sup>40</sup> Olho da Goiabeira é um ramo novo que está nascendo na ponta do galho da Goiabeira.

<sup>41</sup> São Árvores Nativas do Local que os nativos utilizam suas cascas e leite para fins medicinais.

garrafadas “*para limpar o sangue*”, como falam na região. O Curupira falou uma vez sobre o leite da Janaguba. Falou que vinham pessoas da capital, Fortaleza, para comprar o leite da Janaguba, pois era uma substância usada para tratamentos, inclusive no combate ao câncer. Ele mesmo brinca que é o *Zé Curupira da Floresta*, pois da “*ciência da floresta*” é a que ele entende, quando comenta a relação do conhecimento, comparando o seu conhecimento, *da floresta*, com o conhecimento aprendido nas escolas, o acadêmico. (LIMA, R.C., 2012, p-37).

Assim como Lévi-Strauss (2012), acredito ser uma *ciência concreta* a ciência da floresta, ou melhor, um saber sistematizado pela vivência empírica que nem precise ter o título de ciência. E como venho argumentando no trabalho existe *uma troca de saberes entre os nativos e os moradores de fora*, assim como uma resignificação do saber compartilhado, pelos atores que entra em contato com a nova experiência. Uma vez que estou convivendo com eles e o hospital não é o que estamos tendo acesso, a medicina tradicional entra em contexto, e é vivenciada por mim e os outros moradores de fora que usualmente recorre aos medicamentos farmacêuticos. Nas palavras de Lévi-Strauss:

Para elaborar técnicas, muitas vezes longas e complexas, que permitam cultivar sem terra ou água; para transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos ou ainda utilizar essa toxicidade para a caça, a guerra ou ritual, não duvidemos de que foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico, uma curiosidade assídua e sempre alerta... O homem do neolítico ou da proto-história foi, portanto, o herdeiro de uma longa tradição científica. ( Lévi-Strauss, 2012, p.31)

Boaventura Santos (2006) também levanta a questão necessária de dar voz e vez aos saberes marginalizados pela Ciência Ocidental Eurocêntrica. Ainda que numa perspectiva diferenciada de Lévi-Strauss, o sociólogo pensa a necessidade de se expandir o leque de oportunidades de experiências de vidas e saberes, que não estejam sub julgados ao olhar da Ciência Exata. Uma Ecologia dos Saberes é proposto pelo Cientista como uma nova forma de se fazer Ciência e uma nova racionalidade que se afaste da dicotomia que tende a polarizar e ofuscar a diversidade dos saberes empíricos. Em suas palavras:

Na transição em que nos encontramos, em que a razão metonímica, apesar de muito desacreditada, é ainda dominante, a ampliação do mundo e a dilatação do presente têm de começar por um procedimento que desigmo por sociologia das ausências. Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como alternativa não-credível ao que existe. O seu objeto empírico é considerado impossível a luz das Ciências Sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. Falo, centrando-se nos fragmentos da experiência social não socializados pela totalidade metonímia.( SANTOS, 2006, p. 102)

O lar e a cozinha é um local muito peculiar nas casas de Caiçara de Baixo. Como em várias comunidades rurais, a cozinha, a casa e o terreiro ao redor da casa, onde ficam hortas e jardins é um espaço feminino. A rotina das mulheres do local com seus maridos, geralmente começam com o cantar dos pássaros e do galo, ao raiar do dia, por volta das cinco horas da manhã, quando iniciam as tarefas matinais. Observando Curupira e Jacinta, percebi que ele se ocupa em preparar o fogo, amolar a enxada para trabalhar, enquanto a mulher prepara o café da manhã e começa a varrer o terreiro, aguar o jardim, antes que o sol comece a ficar demasiado forte, e depois que o marido sai para trabalhar ela vai para dentro de casa fazer trabalhos de limpeza e o almoço.

A maior parte das mulheres nativas, até hoje, vivem esta dinâmica de trabalhos domésticos. Como será analisada em capítulos seguintes, esta lógica vem mudando, e algumas mulheres já passam a trabalhar fora de casa, ainda que em conflito com os maridos. Porém, no meu trabalho de monografia, ainda não tinha acontecido os projetos sociais que as nativas trabalharam. E um trecho fica bem claro que minha observação pelas narrativas das nativas era a perspectiva da mulher para o lar e para cuidar dos filhos. Como no outro trecho acima trago um ponto em comum observado na casa de nativos e moradores de fora pela preferência por o alimento preparado a lenha, que não diz respeito a tradição, ou machismo, mas a saúde e sabor dos alimentos feitos a lenha.. O trecho é este:

Em todas as conversas que tive, com as mulheres locais, principalmente as mais velhas, existia a cozinha, os alimentos e o preparo nas memórias. Dona Flora falava sempre que Seu Virgílio ia

trabalhar pelo peixe e a farinha e ela ficava em casa zelando e preparando os alimentos.

O Curupira também mostra a sua preferência pelo cozimento a lenha, e fala que o peixe já têm o óleo natural dele, que é da gordura do peixe, e já dá o sabor quando está na brasa. O peixe frito na frigideira pega o gosto do óleo. Eu sempre apelava para o óleo, e realmente fui percebendo que na brasa sujava menos, não gastava óleo, não queimava panelas, para depois ter que limpá-las, e principalmente, ficava mais saboroso. Percebi também que a fritura é um hábito que trazia do urbano, e que no fogo a lenha ela pode ser reduzida.

Não só na casa dos antigos, mas também na casa dos que chegaram posteriormente, vê-se que todos, ou quase todos têm fogão e fornos a lenha, e sempre que podem estão cozinhando assim, e na maioria das casas dos artesãos as pessoas saem para vender os artesanatos, porém quando estão em casa se vê a preferência pelo uso da lenha. (LIMA, 2012, p-32)

A questão é que além de ser um hábito cultural do nativo, cozinhar a lenha, é também uma questão econômica e social, pois é difícil terem dinheiro para só cozinhar ao gás. Não que as casas dos nativos não tenham fogão a gás, mas existe um hábito de cozinhar na lenha com maior regularidade. Apesar de existirem elementos de coesão, no uso da lenha, ainda que por motivos nem sempre semelhantes, existem também elementos de distinção observados nas culinárias dos nativos e dos moradores de fora.



Figura 9: Fogão a lenha feito de tijolos cru. AGOSTO DE 2007.

Foto: Autor

O cardápio dos antigos moradores costuma ser composto por tapioca, café, peixe na brasa, porco na brasa, enquanto nas festas comemorativas nas casas das pessoas de fora, percebi que geralmente se preparavam pizzas, bolos e pães. Claro que não é regra, mas uma questão para analisar os hábitos alimentares como posições no campo social, que mostra Bourdieu (2011) em sua teoria a respeito da reflexividade das classes e estratos sociais em seus costumes e comportamentos. A tabela<sup>42</sup> que ele elaborou como resultado de sua pesquisa na França, talvez não tenha utilidade pelos resultados obtidos, como industriais bebem uísque e camponeses vinhos, na Caiçara de Baixo certamente a cachaça e a Zinebra são mais conhecidas pelos camponeses do que o vinho e uísque.

---

<sup>42</sup> Tabela na página vinte do capítulo um, do livro Razões Práticas. O autor sistematiza as classes sociais na França e seus hábitos, através de pesquisa empírica realizada. BOURDIEU 2011, p- 20.

### 2.2.2. Casas de palha, casas de mundurú e casas estilizadas. Arquitetura tradicional e *traducional*.<sup>43</sup>

Em uma entrevista com Flora e posteriormente com Jacinta, ambas comentaram que antigamente, logo quando chegaram, as casas eram cobertas de palhas de coqueiros e carnaúba, entre umas árvores que escolhiam. Dona Flora comentou que quando chovia era um sofrimento para eles, que tinham que ficar nos cantos em que a água não passasse pelas palhas. Posteriormente foram começando a fazer as primeiras casas de Taipa como o barro Munduru.

Mundurú é um barro natural do solo do local que possui cores amarelada ou acinzentada, dependendo da profundidade cavada, com uma boa consistência argilosa é muito utilizado nas construções de moradias na localidade, tanto por antigos moradores quanto pelos novos moradores.

Mundurú é o nome pelo qual é chamado na localidade desde a época que só existiam as populações tradicionais locais onde antigamente faziam suas casas de taipa, que são construídas com paus e cipós trançados se cruzando a todo instante, amarrados por cipó da mata, que tem que estar verde ainda para o feitiço. Os cipós são retorcidos antes da amarração para dar melhor maleabilidade do cipó, sendo preenchidas as lacunas com o barro de munduru umedecido e feita à massa.

Só depois passaram a fazer as grades de madeira para *cortar de tijolos cru*, ou fabricar tijolos ao sol. Nesta outra técnica de construção popular da comunidade, a casa de tijolo cru, passa por algumas etapas. Similar à construção da casa de taipa, ao final da tarde, aproximadamente às 16 horas, começam a cavar e a molhar os montes de barro de munduru deixando a massa no ponto para permanecer de molho durante a noite. De madrugada, as quatro horas da manhã aproximadamente, os trabalhadores da terra

---

<sup>43</sup> *Traducional* é uma palavra inventada, ela não existe na língua oficial portuguesa brasileira. Aqui ela vem no sentido de tradução, de hibridez cultura nos aspectos de construção civil e arquitetura. Como será melhor desenvolvido no texto, pego a idéia de BHABHA (2013), de tradução cultural pelos agentes imigrantes, que consiste em resignificar aspectos culturais locais com os dos imigrantes. Aqui no caso a arquitetura desenvolvida tem um misto entre técnicas locais de construção com o barro do mundurú, e técnicas de designer vindo de influências dos moradores *transterritoriais*, ou vindos de fora. As casas de Marco Polo possuem este prisma da *tradução cultural*, feita por ele e Guarani em conjunto, experimentando e criando em cima do criado, elemento que surge da experiência nativa e estrangeira em interação.

começam a cortar os tijolos, que é colocar o barro dentro da grade, duas células feitas de caibros recortados e pregados na forma de dois retângulos, com apoio para as mãos, fazendo dois tijolos por vez, aprumar a massa dentro com as mãos, molhar as mãos e passar os dedos em cima, marcando os tijolos, para facilitar na construção, a fixação na massa, e tiram a grade, formando dois tijolos. Geralmente se trabalha de quatro da manhã até as dez e meia da manhã para cortarem mil tijolos crus. Depois os tijolos secam ao Sol durante alguns dias. Por este motivo, se constroem com tijolos crus no verão, ou estação dos ventos e sem chuva de Julho à Dezembro.

Eles começam a trabalhar ainda “*com o escuro*”, como falam, mais ou menos às quatro da manhã, e por volta das dez horas da manhã estão com os tijolos prontos. Passam em média de três a quatro dias secando ao sol. Só então estarão aptos para construir e passar o barro molhado, a massa, para juntá-los. (LIMA, 2012, p.36)



Figura 10: Casa de Tijolos Cru de Barro Munduru por vista por dentro

Foto: Autor



Figura 11: Casa de Tijolos Cru de Barro Munduru por vista por fora. Outubro de 2015. foto: Autor

As figuras acima foram tiradas de uma casa construída com tijolos cru, feitos de barro munduru. Ela, no caso, foi rebocada com cimento por dentro, mas por fora ficaram os tijolos amarelos aparentes.

A casa é construída de duas maneiras. Com as paredes *singelas*, que é a forma local como chamam a construção de paredes com apenas uma fileira de tijolos um em cima do outro, ou com as paredes *dobradas*, que são paredes com duas fileiras de tijolos. As amarrações e a colocação da massa entre os tijolos são similares a construção de alvenaria e tijolos vermelhos, e a massa não vai cimento ou areia, a não ser na *sapata* da casa, que é um anel de massa de cimento reforçada para segurar o peso do telhado, mas isso já vem sendo feito mais atualmente, antes eram todas de barro, tijolos e massa.

Há predominância de construções com o tijolo cru na região, por vários motivos. Existem construções da época em que não havia cimento, ou quando havia o poder aquisitivo das pessoas era muito baixo, e acabava por fazerem os seus tijolos, e ainda hoje reformam as casas com tais tijolos, apesar de não ser regra geral. As pessoas que vieram de fora, em sua maioria, adotaram a técnica do tijolo cru, por razões estéticas, e de planejamento, são casas mais frescas, as paredes são dobradas, e também por questões econômicas sociais, visto que construir com o tijolo cru é mais barato do que ter que transportar material de depósito, pois o barro está no chão, e também pelo fato de

gerar renda para o povo local, e estabelecer vínculos sociais. (LIMA, 2012, p. 36).

Não sei se hoje chego às mesmas conclusões que cheguei neste momento da pesquisa de graduação. Percebo que na pesquisa de Mestrado tive abertura para maior percepção do campo, tanto pelo aumento do estudo da matriz do conhecimento sociológico e antropológico, que me fez ver coisas que não via, como também pelos novos elementos trazidos nos últimos contatos com o campo, que me fez entender que não existe uma dicotomia de valores e posições no campo social, entre os moradores de fora e os nativos antigos.

Quando afirmo que as pessoas de fora preferiram as casas de munduru por questões estéticas e econômicas, tem uma margem de incidência, mas percebo que está muito ligado ao estilo de vida dos *malucos de estrada*. Nem todos os moradores que vieram de fora são artesãos de estrada, e se influenciam a construir as casas de munduru por outros aspectos. Os malucos de estrada têm uma visão mais holística da construção, pois, eles querem também uma conexão com valores ambientais e artísticos, uma casa ecológica e feita de forma artística. Não sei se isto é puramente estético, acho que é um tanto referente aos códigos incorporados pelo agente das estradas *hippie* de Caiçara de Baixo. Por isso o título traz a questão da tradução, pois como venho a argumentar em todo trabalho, uma relação híbrida que surge na relação de atores sociais diversos.

As casas de munduru feitas pelos novos moradores trazem elementos que dizem respeito também a seus estilos de vida, tanto numa dimensão do coletivo, do grupo, como do indivíduo, aquele que se identifica e provoca a ação. Portanto a uma tradução da técnica do muduru entre os moradores de fora, uma vez que incorporam elementos simbólicos, próprios do seu grupo, como a ecologia e a arte na construção, na realização de suas casas.

### 2.2.3. Das batatas de cipó as farinhadas e cajueiros. Extrativismo e Agricultura.

Assim como a pesca, a agricultura é outro ponto muito presente na cultura Caiçarense e de toda região. Claro que aspectos da agricultura foram se modernizando em todo Ceará e na conjuntura local isso também foi acontecendo. A atividade é tipicamente de subsistência e familiar. Não existem grandes latifúndios na região produtores de monocultura, a não serem alguns sítios produtores de Caju, e geralmente os plantios são por épocas, o que mostra o caráter familiar da atividade, predominantemente, e o conhecimento artesanal no lido com as plantas e a natureza.

De início Curupira e Flora relatam que não existiam plantios de mandioca como nos dias atuais. Eles viviam mais do extrativismo e da caça. As batatas de cipós nativos eram que eles utilizavam para fazerem a farinha. Tais cipós são da mata nativa, nascem sem precisar ser cultivado. Segundo relato dos interlocutores tais batatas não chegavam nem a ficarem grandes, tamanha era a escassez dos alimentos nestes momentos. Posteriormente é que foram aparecendo os primeiros roçados de mandioca na vila, e depois a casa de farinha e as *farinhadas*<sup>44</sup>.

Na época das *farinhadas* é rico o cardápio de comidas típicas feitas com a mandioca. O bolo com canela é uma delícia, além das tapiocas e pirões de peixe. Quando vai a São Paulo visitar os filhos, a Jacinta se prepara para levar comidas típicas para eles. Leva sacos de farinhas: puba, branca e goma; de bonitos (peixes de carne rosada do mar) secos e salgados; de sardinhas, também secas e salgadas. Da vez que estava morando lá, em 2010, presenciei eles criarem um porco por oito meses, e depois transformarem em bastante comida, da qual parte foi para São Paulo com a dona Jacinta.

A imagem abaixo mostra uma arranca de mandioca, uma colheita, chegando à casa de farinha e sendo despejada da carroça para iniciar a raspagem do legume.

---

<sup>44</sup> *Farinhada* é um evento social e cultural que ocorre com frequência nas regiões de plantio de mandioca. No Nordeste é bastante comum esta prática, podendo ter alguns variações de contexto e operacionalização, mas geralmente funcionando desde a colheita da mandioca, levada para a casa de farinha, lá sendo descascadas, pelas mulheres, depois passando pelos processos de feitiço específico. Os homens trabalham primeiramente no plantio da roça de mandioca, na qual se espera um ano e meio em média, depois do tempo na colheita da mandioca, e depois no feitiço da farinha branca, da farinha puba, ou d'água, e da goma de tapioca.



Figura 12: Carroça com Colheita de Mandioca. Agosto de 2007.

Foto: Autor

Existe uma identidade nordestina, cearense e caiçarense nestes costumes e hábitos. Muitas vezes as roças de mandioca são plantadas em outras localidades, como no Paraguai e Alto Alegres (localidades vizinhas da região) por pessoas da Caiçara de Baixo em terrenos de compadres, e na hora da *farinhada* todos fazem juntos. Após o processo de feitiço das farinhas, se divide a farinha, ou melhor, as farinhas entre os participantes. Lá existe uma casa de farinha que é utilizada por todos da região. Geralmente há um acordo entre o dono da mandioca e o dono da casa de farinha, ficando parte da produção para a casa de farinha.

Virgílio é o dono da casa de farinha e ele costuma ser o organizador das *farinhadas* que vão desde o mês de agosto, às vezes inicia-se em julho, e vai até setembro, podendo ocorrer em outros meses, mas o tradicional mês das *farinhadas* é Agosto, período após as chuvas. Pode-se dizer que cada família ou duas famílias juntas fazem a *farinhada*, e assim é o mês de agosto, de *farinhadas* e preparação para a “época do caju”. A época do Caju é muito importante para a atividade agrícola da região e uma importante fonte de renda para os moradores, através da venda das castanhas e do beneficiamento do fruto do Caju, em doces, vinhos e polpas.

### 3. A CHEGADA DOS MORADORES DE FORA

Neste capítulo vou descrever a chegada dos malucos de estrada. São três momentos: o primeiro a chegada do Marco Polo, depois dos primeiros artesãos amigos de Marco Polo que chegaram comprando terras mais próximas à Lagoa e por último no bairro novo dos hippies que foi a partição em lotes por um hippie da Jericoacoara que possuía um grande pedaço de terra já mais para o lado do sertão, na divisa da Caiçara de Baixo com a localidade do Paraguai.

Percebi que estes três momentos deviam ser divididos em tópicos, pois se trata de épocas diferenciadas, a de Marco Polo até o bairro novo. Marco Polo, como já foi apresentado inicialmente, é um italiano com um *estilo de vida alternativo* que chegou pelos anos noventa ao Brasil, já vindo de uma *estrada* por outros países, as ilhas canárias e a Europa em geral. Chegou com a esposa e família e viajavam de carroça pelo interior do nordeste brasileiro. Chegou a Caiçara em 1991, vindo da Chapada Diamantina na Bahia. Através dele, posteriormente, iria chegar uma nova leva de moradores de fora, malucos de estrada brasileiros, e daí o crescimento de uma rede de novos moradores artesãos que vieram por intermédio destes últimos.

No capítulo vou descrever estas chegadas e estabelecimento destes nos atores sociais no vilarejo, ou melhor, nas subseções seguintes vamos empreender um estudo no intuito de elaborar um *tipo ideal* do viajante ou maluco de estrada, em linhas gerais, e depois traçar a trajetória da chegada dos hippies na vila e a expansão de novos moradores.

### 3.1 “Pedi demissão para ir para a estrada”. Tipologia do Maluco de Estradas.

“A fera em nós precisa ser enganada; a moral é uma mentira forjada, para que não sejamos dilacerados por ela. Sem os erros que se encontram nos dados da moral, o homem teria permanecido animal. Assim, porém, se tomou por algo superior e se impôs leis mais severas. É por isso que odeia os segmentos que permaneceram mais próximos da animalidade: é por essa razão que precisa explicar o antigo desprezo pelo escravo, um ainda não homem, uma coisa.” (NIETZSCHE, P. 68)

Pensando na reflexão sobre a moral humana que “se castiga” por ser animal, que teme e ultraja o ser humano que desenvolve suas potências de vida em detrimento de uma moral racional e não de uma razão moralista. De um ser que não oculta sua parte animal, tornando-se frustrado e histérico, mas o contrário, que a enxerga como vida, como força vital a ser potencializada, que é legítima e não ilegítima. Digo isso por que posteriormente vamos iniciar uma discussão sobre o que é ser *maluco de estradas* e isso passa por um confronto de racionalidades, de práticas de vivências e de ligações intrínsecas ocultadas entre o que é ser “maluco” e o que é ser “convencional”. Não é a toa este nome *maluco*, pois é considerado um “louco”, a pessoa que larga sua vida *formal* e passa a viver viajando pelo mundo. Agora será que as fronteiras entre *sorrisos e caretas* são tão óbvias e antagônicas em tempos de virtualidade e intensa cultura de consumismo? O que é normal e o que é anormal? Isso existe? O normal é que é anormal para quem é visto como anormal? Tais perguntas irão nos ajudar a apresentar o *típico maluco de estradas* segundo as observações e interpretações analisadas nessa pesquisa.

Na sociologia weberiana (WEBER 2009) o *tipo ideal* é um recurso ideal usado pelo sociólogo para aproximação da realidade através de uma categorização ideal. Penso como o autor deste método criar em alguns casos tipos ideais para melhor capitação dos fenômenos sociológicos, porém sem pretensão de tornar o tipo ideal em padrão rígido da apreensão da realidade social que é muito mais complexa e dinâmica. As ferramentas conceituais e os conceitos não são a realidade em si do que pretendem interpretar e explicar.

Mas todo esse papo para tentar formular um tipo ideal de *maluco de estrada*. Por isso antes de falar a respeito da chegada destes atores a vila e a problemática, vou tentar apresentar um tipo ideal destes atores.

Como já havia falado cada *maluco de estrada* tem seu jeito de ser, de pensar, sua trajetória pessoal de chegada a esta vida de estrada, sua procedência de classe social, e usando o conceito de Bourdieu (2011), sua posição social no campo dos *malucos de estrada*, e no campo social mais amplo, sendo impossível da conta da multiplicidade de cada maluco de estrada. Logo aqui vou me reportar o que vi de incidência entre esses atores sociais. Tais incidências passíveis de serem observadas como códigos culturais e formas de se portarem entre os mesmos, que faz uma pessoa que viaja pela estrada ser um maluco de estrada, e não um *playboy*, um *pardal*, um *jagatá*, um *trabalhador no trecho* ou um *favorzeiro*.

Para o *maluco de estrada* o *playboy* é o que viaja sem trabalhar, e gosta de vestir roupas de marca e curtir em festas badaladas. O *jagatá* seria o hippie que vive em sítios e possuem filosofia macrobiótica e orientação espiritualista. Este apelido foi criado, segundo alguns *malucos de estrada*, na época de uma novela da Rede Globo de televisão em que a atriz e cantora Sandy, era uma *hippie* de uma comunidade *jagatá*, em Pirenópolis, no interior do Goiás, onde até hoje existem várias fazendas comunitárias e espiritualistas. O *pardal* é o antigo maluco que parou de viajar e fica parado, ou nunca viajou, mas vende seus artesanatos nas *pedras dos malucos*, local onde os artesanatos são expostos a venda. O *maluco de estrada* tem uma visão crítica dessas outras agremiações, pois acham que são de classes sociais superiores e não boicotam ou não são *alternativas* reais ao “sistema”. Os *favorzeiros* já são criticados por serem “escorões” e degradados. Geralmente são alcoólatras ou drogaditos que não vendem artesanatos, e ficam só a pedir favores. Muitos *malucos de estrada* acabam na situação de *favorzeiros*, quando se destroem pelo uso excessivo de drogas. Outros seguem caminhos contrários, preferindo viver uma vida mais saudável ou parando de viajar por conta de filhos, se aproximando da situação de *Jagatás* ou do *Pardal*.

Com relação ao contexto de trabalhadores no trecho, em mobilidade, venho me reportar ao trabalho de Guedes (2013), que faz uma etnografia da vida dos trabalhadores de garimpo e da construção de usinas hidrelétricas, oriundos do norte de Goiás, que também viviam uma vida de itinerário, de viagem, de trecho, no sentido similar ao da estrada empregado aqui. O autor constata que o trabalho nos garimpos tem muita relação com festas por parte dos garimpeiros que encontram grandes pepitas de ouro. Não posso afirmar que isto é herança cultural do povo brasileiro, de gastar muito quando ganha de uma só vez, mas como os garimpeiros, os *malucos de estrada* também

gostam de viver a vida e o instante e não se importam muito de gastarem em “noitadas” todo o dinheiro que ganharam com seu trabalho. Em uma viagem com Iamandú, presenciei este ganhar de uma só vez quinhentos reais, vendendo artigos de couro para uma senhora francesa em João Pessoa, na praia de Tambaú; deixar cem reais comigo, e dizer para mim, *aí, Rafa, até amanhã!* E partir para a farra. Ou nas narrativas de Hera quando fala das festas que os *malucos de estrada* faziam em altas temporadas em Jericoacoara. Como eles costumam a falar: - *Sem miséria*. Nesta situação, podemos ver que o capital econômico importa. Tentam viver à parte do sistema, mas quando pode acessá-lo o fazem de modo veemente. A questão é como fazem, pois diferente da Ética Protestante de acumulação e investimentos com o dinheiro ganho com o trabalho, os malucos parecem mais estarem sobre uma Ética das emoções, não vendo outra lógica senão a de sentir prazer imediato e desvalorizar o dinheiro como forma de dignificação do homem. Mais uma vez percebemos um embate entre a racionalidade do homem dito consciente e ético, e a racionalidade emotiva e aventureira do maluco de estrada.

Pude observar muita coisa nas viagens e em convívio com a *malucada*, e também com base nas entrevistas que realizei com os *malucos de estrada* que vivem atualmente na vila, agentes e interlocutores desta pesquisa.

Os *malucos de estrada* costumam viajar sustentados pela a venda de artesanatos, mas não qualquer artesanato, geralmente são artigos que servem para adornar pessoas como colares, brincos, pulseiras, tornozeleiras, bolsas, carteiras, cachimbos e maricas ( piteiras de fumar pontas de cigarros) ; feitos com linhas, couro, arame; e também artigos decorativos, geralmente esculturas e máscaras feitas com durepox, couro, madeira; filtro dos sonhos, incensários, pinturas em azulejo dentre outras. Estes trabalhos utilizam técnicas passadas de maluco para maluco na estrada, onde os recém-chegados vão colando nas *pedras* para aprender a fazer os artesanatos e ver como se relacionam os *malucos de estrada*. No relato de uma *maluca de estrada* em seu início de entrada no movimento:

Morando em São Paulo foi que surgiu assim, como agente tava falando eu levava uma vidinha da casa para o trabalho, parada, atrás de fazer uma faculdade, quando de repente, eu observava, eu sempre observava aquela galera ali, até que fui me aproximando e fui fazendo perguntas, ficava impressionada: “como você fazia esse brinco? Como você faz?” A mesma admiração que o povo tem quando pergunta para mim depois que eu me transformei, né? Optei por viver, unir o útil ao

agradável, a viagem e o artesanato. O princípio da escolha, de viver a filosofia, foi aprender o trabalho, o artesanato, e perguntava para a pessoa você consegue fazer a mão? Depois de comprar ficar em casa admirando, e ficava pensando eu vou tentar, eu vou conseguir fazer isso daqui um dia. Aí depois de tentar ver que a vida que eu levava não tava completa e sempre tinha mesmo uma tristeza ali, por viver em São Paulo, a vidinha careta, sempre a mesma coisa, depois de eu tentar e conseguir um brinco foi abrindo os horizontes. Não agüentava mais ver um artesão, um hippie, passando perto, tanto que peguei uma rota de passar perto da rodoviária que eu sabia que ali ia ter algum. Daí eu parava, comprava, interrogava, e foi aumentando, a minha vontade, a minha curiosidade. Quando encontrei um casal marcante, o Paulinho e a Silvana. Ela olhou para mim e disse: “- Minha filha você gosta de trampo, não é? Senti aqui. Você disse que já tentou fazer algumas coisas, não é? Vamos ver o que você sabe fazer.” Foi a florzinha de Lótus. Daí ele disse: - Pronto agora você vive na estrada. Você come com isso. Isso daqui é uma sobrevivência. Daí ele contou a história dele que não vem ao caso. Pedi demissão do emprego, com a intenção de usar o dinheiro do tempo de serviço, porque eles me indicaram indo da capital, na avenida 25 de março você compra a linha ali, o arame lá, tá tudo anotadinho aí, vai para São Paulo, e sai desse emprego, sai dessa vida, deram esse incentivo que depois eu passei na rua para outras pessoas, na estrada, aí a intenção de chegar no emprego, foi essa a motivação maior. Pedi demissão para ir para a estrada. (Hera em setembro de 2015 narrando sua chegada ao movimento da *Br.*)

Eu tava em Jeri também nessa história da *Br.*, e é mais ou menos isso, acaba que agente não se encaixa no mundo em que vive, de trabalho, ganhar dinheiro, aquela rotina, do mundo comum, e você fica se perguntando o que é que eu tenho de errado, e vai sempre buscar, por que quando você é jovem sempre buscando encontrar sua tribo, o seu lugar no mundo, e lembro que eu era menor de idade ainda e sempre viajava. Eu comecei a trabalhar muito nova, com quatorze anos de idade, e sempre que podia viajava por interior de São Paulo, pro Rio, pra Bahia, e sempre encontrando galeras diferentes, com idéias diferentes, e tinha decidido que não queria mais morar em São Paulo,

não sabia como, mas sabia que queria viajar. E lembro que era menor de idade ainda, dependente, naquela rotina. Daí uma mão que eu fui para o Maranhão conheci o Pai dos meus filhos, agente se trombou, e acabei saindo assim de vez. (Dandara narrando sua chegada à estrada)

Na fala das duas interlocutoras se percebe uma insatisfação com a vida urbana e a rotina do trabalho que desempenhavam. Além disso, a perspectiva de cursar uma faculdade é tida como uma seqüência natural daquela rotina, sem empolgação, sem uma escolha real dela perante sua vida. Quando fala do momento em que cola na *pedra dos malucos* se percebe como um encanto, como um encontro com uma vocação, e também uma ruptura com um *estilo de vida* urbano e convencional que estavam lhe sufocando nos íntimos. *A estrada e o artesanato* são elementos desta ruptura, desta vontade de se libertar.



Figura 13: Painel Expositivo de Artesanatos. Setembro de 2010.

Foto: Autor

Na Figura 13 temos uma fotografia de um painel de artesanatos. Também chamada de *asa* pelos *malucos de estrada*, o painel de artesanatos é prático para a venda ambulante e até a exposição em feira, poupando a utilização de mesas.

Como desenvolve Silva (2015) em sua tese sobre viajantes “independentes” de longa duração, considero que a ruptura com a rotina, que aborda como *liberação de*, e como Dandara e Hera expõem em seus relatos de romperem com uma vida que lhes angustiavam, Silva também trabalha com a *liberação para*, essa diz respeito ao que se vai fazer viajando, inclusive viajar, liberado para viajar ao se liberar do trabalho ou da universidade que é um ensino voltado para o mercado de trabalho. Nas palavras do próprio Silva (2015) ao analisar a fala de um interlocutor viajante chamado Benny:

Considerando o exposto, faz sentido afirmar que para Benny a “fuga” do cotidiano não se sustenta como o único elemento motivador de suas viagens. Há uma proposta evidente de engajamento em um *cotidiano outro*, mesmo transitoriamente, que também irá conferir valor à sua experiência de deslocamento. O “escapismo” ou a “liberação” da rotina carregam consigo, portanto, uma propensão concreta de interações diversas, que não passa pela simples suspensão do familiar. O “ato compensatório”, a vivência que faz Benny conseguir retornar a sua própria vida cotidiana, efetua-se plenamente quando da mesma forma oportuniza uma *liberdade para* e não só uma *liberação de*. (SILVA, 2015, p. 97)

Voltando para as caracterizações ou símbolos do movimento *maluco de estrada*, teremos o espaço de reunião dos malucos: a *pedra*. A *pedra* seria como o *pico* para o *skatista*, um local de encontro, prática e interação, mas no caso dos malucos de estrada, também um local de comercializar a arte e interagindo com os outros grupos sociais e não apenas entre si, como as pessoas que vêm apreciar e comprar os artesanatos, os que vendem lanches nas proximidades, os vigias de praças, os fiscais das prefeituras, as prostitutas, os usuários de drogas, dentre outros agentes sociais. No caso de Jericoacoara a *pedra* fica perto da praia, na rua principal. Hoje em dia se encontra em formato de feira de artesanatos *hippie*, como já havia mencionado em outro momento. As *pedras* geralmente têm um ambiente *underground*<sup>45</sup>, ou pelo menos estigmatizado por alguns indivíduos como tal. Porém depende da situação e do local. As grandes cidades costumam ter *pedras* mais *undergrounds*, onde o espaço de trabalho e o lúdico se confundem.

---

<sup>45</sup> *Underground* no sentido de local subversivo a ordem do *status quo* social e cultural.

Em seu relato, Hera conta que vai, no caso, aprender a fazer o artesanato na *pedra dos malucos*. Ferreira (2015) em seu artigo sobre os *skatistas*, fala do pico como local da prática do skate, e que é necessário compreender que nem todo local é propício para a prática do skate. Entendo que a pedra é o local para a venda e a prática da feira dos *malucos de estrada*.

Outro aspecto importante levantado sobre, na situação de iniciante, a importância de aprender o ofício do *hippie* para ser um *hippie*, para rodar o mundo e sobreviver com isso. Percebo que diferente do movimento *hippie* clássico, do paz e amor nos anos 1960, na era do Woodstock, o *maluco de estrada* no Brasil foi e é necessariamente um artista, um trabalhador, ou seja, um artesão. O artesanato também carrega um jeito, um *ethos* específico, que faz com que outras pessoas que não são do ramo identifiquem, como uma pulseirinha ou um cachimbo dos *hippies*. O *hippie* também é aquele que está como um vendedor ambulante de seu artesanato, nas praias, nas praças, nos eventos, em locais turísticos, nas grandes cidades, em locais paradisíacos e com poucos povoados, o maluco de estrada não necessariamente vive em locais turísticos, ou só transitam por eles, apesar de terem ciência da hora de ganhar dinheiro ser nestes locais. Na fala de uma interlocutora:

Hera: - E aí estrada, ta, desde 98, Sul, Norte, Centro Oeste, fazendo várias histórias pelo caminho, milhares de histórias, se for parar pra contar, é muita coisa, detalhes demais. Muita bagagem que a pessoa carrega. Viver do artesanato é ao mesmo tempo, ta naquela pracinha, que você escolhe de um interior, pra você passar uma semana, depois passar quinze dias, por que você conhece fulano, sicrano que arrasta você para cá, depois arrasta para lá, acampava na praça mesmo. Acampava, comia, vendia, ali mesmo. Daí um dos lugares dessa estrada foi aqui, dos picos, dos interiores que eu gostava muito pelo Brasil, quando adquiria um dinheirinho, para algum objetivo maior, daí escolhia a praia pico tal...

Rafael:- Os picos que vocês escolhiam tinham que ficar perto de um lugar turístico na estrada?

Hera: - Não, não. Na Estrada em si, quando você tava atravessando um Estado, a rota era essa, o meu destino era esse para sair de um Estado e entrar no outro, não me preocupava com o dia do amanhã. Aonde cair, aonde parar, onde ficar.

Dandara: Porque tipo assim, você passava nos picos, porque uma você queria conhecer, onde tem muito turismo, geralmente os lugares são muito bonitos, as praias são muito exuberantes, pela beleza natural, os lugares já são chamativos. E aí sempre rolava muito mais grana do que nos outros interiores, porque é um local onde as pessoas já vão com mais grana pra curtir, e daí você vai curtir o pico, mas a maior parte do tempo você viaja fora do pico. Pelos interiores.

Nessa hora podemos observar também uma característica de *aventureiro* que o *maluco de estrada* traz consigo. A incerteza e o desafio, de passar fome, de ficar sem dinheiro, de ter que dormir em coretos das praças, faz o perfil destes agentes sociais. Sendo o acúmulo de experiências de viagem, a sagacidade criativa do artista e do vendedor, elementos que fazem a diferenciação entre os integrantes desta tribo itinerante. Um *maluco considerado* pode o ser, por ter viajado muito ou por ser bom artista ou por ser um bom vendedor, e ainda, por colocar medo nos demais, impondo uma moral pelo medo. Vários são os motivos que trazem um prestígio no meio, mas não vou me aprofundar nisso, apenas para trazer a temática da diferenciação específica deste campo de atuação social específico.



Figura 14: *Malucas de Estrada* voltando do *Mangueio* na Lagoa do Paraíso. Julho de 2007

Foto:

Autor

A Figura 14 mostra duas *malucas de estrada* voltando do dia de trabalho, do *mangueio*. Essa foto foi retirada na localidade da Sambaíba na Lagoa do Paraíso, local no qual era na beira da Lagoa do Paraíso, e existia um trecho de terra alto que se atravessavam para o outro lado da Lagoa onde ficam os restaurantes e pousadas que recebem os passeios diários de *buggy* e onde os *malucos de estrada* vão vender artesanatos e gerar sua renda de trabalho.

Os *malucos de estrada* possuem estratégias específicas com relação às temporadas e a viagem aos *picos*. Apesar do contexto anárquico que a maioria empreende ao viajar<sup>46</sup>, possui alguma racionalidade nas buscas por matérias primas e de locais em temporadas turísticas. Para título de categorização, existe a temporada de natureza e a temporada de vendas. Por todo o Brasil existe um circuito turístico, de praias, montanhas, florestas e centros urbanos. Porém existem épocas em que as cidades turísticas recebem maior fluxo de turistas, e esta é a hora das temporadas de vendas, que em Jericoacoara funciona entre Julho e Agosto, e de Janeiro a Fevereiro, apesar de ter fluxo turístico o ano inteiro. Em outras partes do país, existem matérias primas das quais os malucos utilizam em suas jóias artísticas. Ossos, como dentes de jacaré, tubarão e onça, pedras semipreciosas e lapidadas, capins dourados, couros de animais silvestres e de carneiro e boi, rolos de linhas baratos, dentre outros, são conseguidos em diversas partes do Brasil em determinadas épocas. Por exemplo, ossos no Pantanal, na época de seca, pedras semipreciosas em regiões de Minas e Goiás, arames de qualidade no Rio Grande do Sul e São Paulo, várias sementes e couros na Amazônia, capim dourado do Tocantins, cristais na chapada Diamantina e por aí vai. A vida itinerante é também conectada com as temporadas turísticas e com as de natureza, o que cria uma lógica nômade visceral ou ontológica do artesanato e do artesão maluco de estrada.

Como é ressaltado pelas *malucas*, a estrada, ou a *Br*, não está condicionada ao *pico* turístico. Porém, observo uma contradição em suas falas, ou pelo menos um distanciamento da atual realidade vivida por elas e da de um viajante aventureiro por conta das oscilações dos trechos. Elas depois vieram falar que ao terem filhos tiveram

---

<sup>46</sup> Geralmente se viaja sem plano certo, vai *fluindo* de acordo com a experiência nos locais da viagem. Muitos mudam constantemente as rotas ou ficam mais tempo que esperavam nos locais. Mas uma vez compreendida a lógica do artista, do viajante, do místico e do trabalhador, ou comerciante de artesanatos, vai ocorrendo uma racionalidade que explico no texto.

que parar de viajar, mas o elo com a vida da estrada é ainda bem presente, o que mostra que possuem total identificação com o movimento cultural manifestado por esta tribo, que não sei ao certo se urbana ou rural. O que vejo são elementos urbanos e rurais que perpassam esta tribo.

O *maluco de estrada* também tem uma relação muito intensa com o lúdico, com as festas e as drogas. Como falei, existe uma pluralidade de sujeitos, e tem *malucos* que são *hippies* de Cristo, e não usam drogas, nem roupas rasgadas e nem ficam sem tomar banho, mas a grande maioria quando está viajando fica numa condição conhecida como *micróbio*, que é o *hippie* que não toma muito banho, nem troca muito de roupa, tem poucos trabalhos, apesar de poder saber fazer muito, usam drogas regularmente e preferem ficar em *mocos*<sup>47</sup> a pousadas.

Alguns segmentos da sociedade, que não são poucos, encaram o viajante de estrada como vagabundo, por não trabalhar como os lojistas de artesanato do turismo convencional, mas na realidade, pelo menos o que pude constatar com a observação e experiência como um, é que se trata de um artista e um trabalhador informal. Parte da Sociologia contemporânea que analisa os turistas e o turismo, acredita existir um *lupen proletariado* viajante e que está à margem da experiência do turista preparado para os padrões de consumo. Tal visão que reduz todos os viajantes que não são turistas de *vagabundos*, foi criticada por muitos autores que compreendem que existem mais variedades de *tipos ideais* envolvidos do que o *turista e o vagabundo*.

O *maluco de estrada* transita entre vários destes tipos ideais, pois são variadas as possibilidades e os sujeitos que participam deste movimento. Tanto tem os malucos que são mais concentrados no trabalho e na família, quando os que são mais boêmios e malandros, e também as duas coisas ocorrendo simultaneamente.

Existe uma questão estética, a arte e a viagem aventureira, meio épica. Em algum ponto como o bandeirante ou o herói grego, e a econômica e social, que é o enquadramento de trabalhador, como produtor e vendedor de artesanatos, portanto gerador de renda e de conteúdo simbólico de inserção na sociedade como trabalhador autônomo. Porém, sua relação com o meio *alternativo* e sua *estigmatização* como drogado o fazem ser enquadrado, muitas vezes, como vagabundo. A realidade é que existem várias identificações de acordo com as situações.

---

<sup>47</sup> Moco é um local abandonado, ou uma rua, uma praça. Um local onde possa ficar de graça, geralmente público e exposto. Na estrada o micróbio raramente fica em pousadas, preferem os mocos.

Na Caiçara de Baixo, por exemplo, vejo que é bem diferente a relação dos *malucos de estrada e os hippies* com a sociedade local, pois são muitas vezes os padrões, na construção de suas casas ou quando contratam nativos para serem caseiros, o que gera um efeito de mais respeito do que depreciada da visão dos antigos moradores, talvez por saírem um pouco da condição de *micróbios* ao pararem na localidade.

Existe uma questão *estética*<sup>48</sup>, a arte e a viagem aventureira, meio épica, e a econômica e social, que é o enquadramento de trabalhador, como produtor e vendedor de artesanatos, portanto gerador de renda e conteúdo simbólico de inserção na sociedade como trabalhador. Porém sua relação com o meio alternativo, e sua estigmatização como drogado, o fazem ser enquadrado como vagabundo.

A verdade é que existem várias identificações de acordo com as situações. Como já foi falado, na pós-modernidade fica difícil, dada a conjuntura histórica ter apenas uma identidade, sólida e coesa. Dentro dos malucos de estrada que moram em Caiçara de Baixo, observei que existe uma diferenciação social e econômica, principalmente entre os que chegaram antes e os que chegaram anos depois, no novo bairro, que é uma história a ser narrada no capítulo. Esta introdução foi para apresentar mais ou menos os sujeitos que se identificam como *malucos de estrada* em um tipo ideal.

---

<sup>48</sup> Estética no sentido trabalhado na Filosofia da Arte, de realização da beleza, sendo que não na obra de arte em si, ou o artesanato, mas na vida aventureira, que seria a realização do inusitado, portanto, do belo anárquico de viver viajando.

### 3.2. A Besta do Apocalipse ou início de um novo tempo

Daí o Marco Polo chegou e perguntou: - O Seu Virgílio!- Daí vinha aquele homem alto, de cabelo muito grande cheio de trança, com uma mulhezona de lado, olha menino tomo mundo saiu pra rua assombrado! Puxando uma besta branca, com uma casa de ferro em cima de uma carroça, nunca agente tinha visto este povo aqui não. Era novidade. E lá se vem com uma fala diferente e a mulher e com os meninos, eu disse: - Pronto negada é o fim do mundo!- Olha, Rafael, tem uma História que fala da besta fera do fim do mundo, pois nós pensava que era! Nunca tinha visto, ninguém conhecia este povo! Daí ele disse que tinha sabido que o Virgílio tinha dois terrenos. Mas o Virgílio disse que tinha entregado o terreno da filha, pois tava sem condição de pagar o aforo. Daí ele perguntou ao Virgílio como é que fazia para conseguir este terreno de volta. Virgílio falou que era fácil, era só chamar o senhor Medidor<sup>49</sup> que ele tinha entregado o terreno e pagasse o aforo da terra, que o véi era doido por grana. E nesta época o Marco Polo tinha grana, tinha era dólar! Eu era uma das empregadas da casa, e as vezes tava eu varrendo um negócio parecido com dinheiro, e era dinheiro mesmo, só que mais pequenininho, até uma vez perguntei a Perséfone a mulher do Marco Polo, se era dinheiro mesmo.(Relato de Dona Flora a respeito da chegada de Marco Polo e Perséfone a Caiçara de Baixo)

Marco Polo e Perséfone é um casal de estrangeiros que primeiro chegou a vila para se estabelecerem como moradores, com perfil de *hippies alternativos*. Eles possuíam cabelos dread locks, modelo rasta fari, até a cintura, e vinham de viagem pelo nordeste, da Bahia, mas precisamente da Chapada Diamantina, com os filhos em uma carroça coberta com lona e puxada por uma burra.

Este casal foram os precursores da chegada dos malucos de estrada na vila, e também os precursores na interação com os nativos quando “compraram” terreno, na verdade lhe foi doado por seu Virgílio, passaram a fazer sua casa e a trabalhar com os nativos da região. Marco Polo sempre desenvolveu agricultura orgânica, trabalhando

---

<sup>49</sup> O topógrafo, profissional da Paróquia responsável pela medição das terras documentadas.

com os nativos em canteiros de hortaliças e sistemas agros florestais (combinação de mata nativa com leguminosas e frutíferas). Também deixou uma grande mata nativa ser preservada em seu sítio, estando esta faixa em crescimento desde que chegaram até os dias atuais. Mas não só isso. Também fizeram casas com as técnicas do local, construção com tijolos de barro munduru secados ao sol, desidratação de frutas e verduras ao sol, preparo de vinhos de caju, queijos, e em relatos dos antigos moradores, diziam que ele era bom de velejar na Lagoa, já tendo ganhado campeonato local e tem até hoje um bote pequeno encostado em um dos pontos da Lagoa da Caiçara de Baixo, próximo ao Mangueirão.

Como fala o relato da interlocutora, parecia a imagem do fim do mundo, a passagem bíblica que fala da besta do apocalipse. Diferente da interpretação da bíblia, de besta como negativo, profano e destruidor, foco na ideia de apocalipse, de final de ciclo, e claro, de início de um novo. Acredito que a chegada daquele casal marcava um período de mudanças na rotina da vila, que ia passar a entrar em contato com o estrangeiro e sua cultura. As interações destes atores já anunciavam a época futura, na qual o crescimento considerável migratório de hippies para a vila iria culminar em interações relacionais entre nativos e hippies que serão descritas e interpretadas sociologicamente posteriormente.

- Quando foi que o senhor começou a vender terras?
- Quando o Marco Polo chegou. Aquele terreno que é dele era meu. Daí eu passei para ele.
- Ele lhe pagou alguma quantia pelo terreno?
- Não, não. Ele só ficou pagando o *aforo*.<sup>50</sup> (Virgílio a respeito da chegada de Marco Polo)

Como fala Virgílio neste trecho da entrevista, o terreno não fora comprado por Marco Polo na época, mas foi lhe dado para zelar, pois o dono não tinha como pagar o *aforo* da terra, imposto que a Igreja Católica pedia para os antigos moradores pelo direito da posse da terra. A família de Virgílio passou a ter uma relação estreita com Marco Polo, sendo que o seu filho mais velho, o Guarani, até hoje trabalha junto com Marco Polo no plantio das hortas, na fabricação dos vinhos de caju e é zelador do sítio, quando Marco Polo sai para viajar, pois atualmente trabalha com passeios turísticos em temporadas chegando, por vezes, a ficar mais de um mês fora de casa.

---

<sup>50</sup> Taxa anual que se pagava a Igreja pela posse da terra.

### 3.3. Os malucos de estrada e a sociedade alternativa.

Ao falar sobre a chegada dos novos moradores, seu Virgílio diz:

Depois vieram os *hippies*, eu não sei nem se eles gostam que chamem eles assim. Mas este pessoal não é como a gente aqui que fica direto. Eles tão sempre no mundo. (Virgílio)

Começo com esta fala de um nativo local sobre os *hippies*, grupo em que está de fora, mas que interage com eles, e percebe a relação que os novos moradores têm com as viagens, a estrada, fazendo com que Virgílio compreendesse como “natural” para os *hippies* estarem sempre viajando e retornando. As tais racionalidades “ausentes”, como comenta Boaventura Santos (2006), mas que se torna presente em alguns trabalhos. Virgílio percebe uma racionalidade na questão da mobilidade como característica fundamental para os novos vizinhos, os *hippies*.

Acredito que essa característica é bem peculiar para a relação entre os grupos, pois como fala uma interlocutora viajante e artesã:

*Os malucos por viajarem muito têm uma bagagem que quer trazer para o local ( Hera)*

Que são tais experiências *transterritoriais* junto com os *saberes locais*, que posteriormente ganharam a dimensão de projetos sociais. Além desses aspectos, temos a relação criada com os nativos que ficam “tomando de conta” das casas dos viajantes enquanto estes viajam. Relações culturais, sociais e econômicas (trabalho e geração de renda) surgem destas relações de interação entre antigos e novos moradores. Nas figuras 15 e 16, abaixo, vemos uma confraternização de aniversário de uma *maluca de estrada*, onde foi feita uma fornada de pizzas, pães e bolo e muita música.



Figura 15: Fornada de Pizzas realizadas pelos *Malucos de Estrada*

Foto: Autor



Figura 16: Parabéns do aniversário de uma *Maluca de Estrada*. Agosto de 2007

Foto: Autor

### 3.3.1 A sociedade alternativa ou a chegada dos *neohippies* a Caiçara de Baixo

A chegada de cinco malucos específicos à localidade também marcou um novo período na Caiçara de Baixo. Demarco como sendo a chegada dos *neohippies* à Caiçara de Baixo, pois Marco Polo e Perséfone já eram *hippies*, alternativos em diversos aspectos dos quais já foram descritos. A chegada desses *neohippies* é a chegada dos *malucos de estrada* tipificados há pouco, para morar e fazer uma comunidade alternativa, na qual foi ganhando outros percursos. Hera e Hermes foram juntos com Posidon, Akira e Morrison, os precursores desta chegada. Trago aqui um depoimento de Hera a respeito desta chegada, no caso de sua trajetória até Jericoacoara e posteriormente à Caiçara de Baixo:

Vou contar o que me aconteceu para chegar a Jericoacoara. Eu tava perdida na Bahia, me veio o pensamento de me dirigir para Jeri, para construir em Paraty, Rio de Janeiro. Eu já tinha um terreno, que compramos em 98 quando saímos para viajar e a gente tem lá até hoje. Em 2004, foi quando aconteceu de comprar aqui. Vim da Bahia, me instalei na Jericoacoara, aquela coisa de ainda ta começando a chegar a luz, era outra energia, era outra *vibe*, era outro comércio, era outra visão, Jericoacoara. Estando em Jeri trombamos pela segunda vez o Posidon, daqui, que nos fez a cabeça para vir conhecer aqui a Lagoa Azul, que era o *pico* que quase nenhum maluco vinha. Ele conhecia um italiano que tinha uma casa perto, e que era amigo dele, o Marco Polo. Aqui tava abandonada. Acampamos e depois de quinze dias conhecemos a Dona Flora e Seu Virgílio, que nos venderam aqui o sítio todo onde nós estamos. Reformamos um pouco o sítio e depois pegávamos a estrada. Sabia que aqui era bom de trabalhar, e viajava e voltava por aqui. Até vir a gravidez, e depois a idade escolar do Pedrinho, nos paramos por aqui. (Hera)

Posidon e Akira foram grandes articuladores para a chegada dos malucos na comunidade. Posidon é do Paraná e saiu para a estrada com quatorze anos de idade. Antes de conhecer a Caiçara já tinha viajado por quase todo o território brasileiro, e já possuía um terreno em Atins, nos lençóis Maranhenses, que posteriormente vendeu para se fixar na Caiçara de Baixo.

Tanto o terreno da Caiçara quanto o de Atins, Posidon e Akira relataram terem comprado com a venda de artesanatos nos próprios locais. Posidon pela sua experiência

e vivência nas estradas, possuía uma ávida agilidade para o comércio de artesanatos, e o mapeamento em sua cabeça de todos os locais bons para coletar natureza, matérias primas para o artesanato, quanto para a venda dos mesmos, os locais turísticos. Não foram uma nem duas vezes que ia a sua casa para pegar os toques dos picos de natureza e turísticos no país, e além do itinerário, ele sempre me indicava possíveis *malucos* e simpatizantes que estavam morando nos *picos*, e que tinha trombado<sup>51</sup> pessoalmente, ou sabidos através da rádio cipó<sup>52</sup>.

Eles já conheciam o Marco Polo. Posidon já havia me relatado que tinha conhecido o casal, Marco Polo e Perséfone, na Chapada Diamantina nos anos noventa do século passado. Posidon relatou que tinha uma vida vegetariana quando morava na Chapada Diamantina, época que conheceu Marco Polo e Perséfone. Também já conhecia a Caiçara de Baixo desde os anos noventa, época em que o casal Marco Polo e Perséfone fez a viagem de burro da Chapada para a Caiçara de Baixo, já mencionada anteriormente.

Portanto Posidon já conhecia a Caiçara de Baixo e Jericoacoara, antes mesmo de casar com Akira, e logo, antes desta chegada com os demais parceiros da estrada. Porém foi neste contexto que eles viram a possibilidade e o interesse em se fixar naquele local. Quando falo na *sociedade alternativa* no título, estou me referindo a esta intenção coletiva que os malucos tiveram de morar naquela localidade rural, próximo a um ponto turístico, e de compartilharem o mesmo sítio, trabalhando junto no seu manejo e na construção de hortas, pomares e moradas. Ligado a isto, tinham o propósito de serem malucos de estrada unidos, então continuando a mecânica de ir para as estradas, e retornando nas temporadas, e revezar o cuidado com o sítio.

---

<sup>51</sup> O mesmo que encontrado, na gíria dos malucos de estrada.

<sup>52</sup> A rádio Cipó é um veículo de comunicação entre os malucos de estrada. Ela funciona assim, eu encontro uns malucos em algum local, e quando passo em outro local falo para os outros malucos que encontrei uns malucos e as coisas que estão acontecendo nos picos, tanto turísticos, se está em alta temporada, se tem fiscalização, se pode manguear, se tem feira e etc, como nos de natureza, se está rolando matéria prima no pantanal ou pedras em Minas e etc. Com a internet em larga escala de acesso, e a inserção dos malucos de estrada nesta nova realidade atual, vejo que a rádio cipó sofreu modificações. Mas ainda permanece esta dinâmica, e suponho que ela tenha sido ampliada com a internet em vez extinta, mas precisaria de uma pesquisa mais detalhada da rádio cipó, ou melhor, o que ela representa, para saber se ainda existe com a expansão da comunicação da sociedade.

Porém, com o tempo, assim como o oxigênio, que dá a vida, mas também causa o desgaste das células vivas, a mecânica de viagens se confrontou com a mecânica do ficar no local e desenvolver o trabalho no campo, na casa, e firmar os pontos de venda na região. Assim como o oxigênio, a estrada que dava vida e sentido ao *maluco de estrada* começou a se confrontar com a lógica do viver no sítio, parada e produzindo no local. Em um primeiro momento, em que acompanhei de perto a construção da comunidade dos malucos no sítio, percebi uma força integrada e coesa, que acho ter me sugestionado a comprar o terreno próximo a galera.

Posidon e Akira tiveram uma filha, que já descrevi em relato anterior, e passaram a ficar mais no local. Ainda chegaram a viajar um ano, em que passaram a maior parte do tempo em Itacaré, na Bahia, mas quando voltaram passaram a se dedicar muito ao sítio, e sentiram que o grupo tinha sobrecarregado eles de tarefas. Então resolveram separar o terreno que aconteceu com clima tensionado, rompendo também o elo de amizade entre os casais, sendo que Morrison ficou do lado de Hermes e Hera.

Após esta cisão, os casais possuíam amigos de estradas em comuns e outros não, que passaram a frequentar mais ainda do que antes quando eram juntos. Tinham dois pontos agora. E a expansão migratória fora se dando, em que não havia mais um plano de solidariedade a ponto de compartilhamento da mesma terra e casa, como foi no princípio, mas cada vez mais malucos de estrada foram comprando terrenos, e também pessoas de fora afins ou por intermédio dos malucos, como o caso de meus vizinhos que trabalham com outros ramos da cultura, cinema e museus, mas que conheceram a Caiçara de Baixo em minha casa e eu conheci na casa de Posidon, ou melhor, no sítio da *comuna dos malucos*, e eles por sua vez conheceram na casa de Marco Polo e Perséfone, que chegaram de *Br*, em uma carroça ao Vilarejo. Percebe-se que não fora aleatoriamente à chegada dos malucos a vila, como o interesse destes em comprar terrenos e construir moradas e elos afetivos e pragmáticos no contexto apresentado. Eram três casais fixos no local, mas sempre recebiam *hippies* durante todo o ano que foram comprando mais terras na localidade.

Dandara e Ares também chegaram por esta rede de relações estabelecidas entre estes atores sociais, onde conheceram os *malucos* em Jericoacoara. Nas palavras de Dandara:

Sáímos e fomos viajar, daí estávamos *uma mão*<sup>53</sup> em Jeri, e viemos conhecer a galera aqui. Lá em Jeri o pessoal disse: - Tem uns malucos na Caiçara de Baixo, lá é uma roça, é legal e pá! E daí conhecemos a galera, a Hera, daí agente não tava nem pensando em ficar, e a Hera disse que tava vendendo um pedaço da terra, e nós compramos com um dinheiro que tínhamos juntado. Depois viajamos, e pensava em parar depois que o primeiro filho, o Dudú já tivesse no tempo da escola. Mas quando tive gêmeos tinha um lugar já, e no Brasil todo os cantos que havíamos passado não tinha canto em lugar nenhum, e quando fiquei grávida dos gêmeos resolvemos voltar porque já tínhamos uma casinha. (Dandara)

Dandara ainda chegou a comprar terreno perto do sítio dos malucos, na verdade, um pedaço que pertencia ao sítio na parte de Hera e Hermes. Porém a área depois ficou especulada, se tornando uma “área nobre”, próxima a Lagoa, e os preços dos terrenos subiram, e deixaram de ser comprados por *neohippies*, como também já quase não há nativos nesta área. Outra área que posteriormente sofreu migração de *malucos de estrada* na Caiçara de Baixo, menos próxima a Lagoa e mais perto da localidade do Paraguai, que será narrada na próxima seção com o nome de *bairro novo*.

---

<sup>53</sup> Uma mão é o mesmo que dizer por um momento, em uma das vezes que estávamos em Jeri. É uma gíria.

### 3.3.2 O Bairro Novo e Associação dos artesãos de Jericoacoara e região

Neste processo de expansão de migração de *neohippies* aconteceu outro evento conflituoso que demarcou o que chamo aqui de criação do *bairro novo dos hippies*.

Posidon e Akira tinham ficado mais parados na região e sempre recebiam *malucos* em seu sítio, geralmente que conheciam em Jericoacoara ou que já conheciam de outros *picos* e estavam de passagem em Jericoacoara. Artemis e Apolo eram um casal de *malucos de estrada* que conheceram Posidon e Akira em Jericoacoara e por intermédio deles a Caiçara de Baixo. Chegando lá se interessaram em morar na localidade, assim como em trabalhar em atividades comunitárias que Posidon e Akira. Junto com os demais desenvolviam em mutirões de coleta de lixo dentre outros a serem descritos posteriormente.

Apolo e Artemis compraram um terreno de um senhor da Jijoca, o José, que tinham conseguido o terreno em troca de um serviço ao peruano Luiz, de uma casa em Jericoacoara. Porém, o peruano reivindicou a terra entrando em conflito com o casal e com o José. Posidon e Akira entraram em apoio a Artemis e Apolo, que conseguiram a terra e a documentação. Luiz e Posidon chegaram a brigar de murros, e se fizeram inimigos. Apolo e Artemis também eram amigos de Hera e Hermes, e depois ficaram amigos de Luiz, e por alguma razão, da qual não foi revelada, se intrigaram com Posidon e Akira.

O fato é que Luiz ainda tinha uma grande porção de Terra naquela região da Caiçara de Baixo e foi repartindo em lotes pequenos e vendendo ao preço de mil reais cada, a vários *malucos de estrada* que estavam em Jericoacoara. Logo, uma nova *malucada* foi chegando ao local, e eles tinham uma condição diferenciada economicamente dos primeiros artesãos que chegaram, que já se encontravam mais consolidados no ramo e nos pontos de comércio estratégicos da região, como a exclusividade que Posidon, Akira, Dandara, Hera e Hermes possuem de trabalhar no restaurante da Lagoa Azul em dias de passeios turísticos. Digamos que os *malucos* que chegaram depois estavam mais *micróbios* do que a *malucada* que chegou antes.

Neste período, em 2010, eu estava morando na localidade e trabalhando também com artesanatos nas Lagoas. Alguns restaurantes das Lagoas passaram a proibir o comércio de ambulantes, no caso dos *malucos de estrada*, e outros restaurantes se limitando a escolher um ou dois casais fixos, que era o caso de Posidon e Akira, e

Hermes e Hera, que tinham exclusividade no restaurante da Lagoa Azul, que era o mais próximo de casa. Os donos dos Bares alegavam que a maioria dos *neohippies* são folgados e ofensivos na venda, e por isso estavam escolhendo apenas os que já conheciam, e proibindo para os demais. Também ocorreu um fato de que alguns *micróbios* que estavam hospedados no sítio de Hermes, Posidon, Hera e Akira, arrombaram o bar do restaurante para pegarem mochilas suas que lá estavam guardadas, mas também roubaram bebidas, que causou a proibição imediata e a posteriormente a liberação apenas dos mais antigos *neohippies* e moradores da Caiçara de Baixo.

Essa proibição depois se estendeu para alguns restaurantes da Lagoa do Paraíso, e em algumas ocasiões os *neohippies* eram expulsos dos restaurantes pelos seguranças ou garçons. Além disso estavam querendo proibir a venda na beira da Lagoa também, onde colocavam suas mesas, porém se utilizando do espaço público para os fins privados empresariais.

Isto fez os malucos se mobilizarem e reivindicarem nos órgãos públicos a liberação da venda na Lagoa, já que era pública, e os donos estavam privatizando o espaço público. Queixas foram feitas, agressões de ambas as partes ocorreram. Um grupo organizado, composto a maior parte por moradores da Caiçara de Baixo, resolveu formar uma associação de artesãos de estrada de Jericoacoara e região, esse também era o nome proposto, para garantir direitos e estabelecer uma ordem no comércio, uma legalidade para o comércio.

Ocorreram algumas reuniões acompanhadas pelo Secretário de Turismo e Cultura de Jijoca, na época, porém, sem a consolidação e institucionalização da associação. Posidon e Apolo divergiam fortemente, o caso particular entre eles parecia atrapalhar as decisões coletivas, e ninguém queria se comprometer, de fato, com os cargos de direção, pois vários *malucos* falavam que “ficariam com tudo nas costas”. Não existia confiança entre os agentes com relação ao compromisso institucional da associação. Alguns argumentavam que aquilo iria fechar possibilidades que ainda se encontravam abertas, e outros apenas diziam que não tinham saído de casa para viajar, para terem uma vida compromissada e *careta* igual tinham antes.

O fato é que a associação não chegou a acontecer na prática, mas a prática política e a manifestação de conflitos e disputas de poder entre atores sociais estavam claras. A expansão dos *malucos de estrada* como moradores, a meu ver, gerou uma nova realidade política do grupo de artesões em contato com as esferas públicas e do turismo

e as iniciativas privadas. Jericoacoara é vendida como vila-cidade do turismo de Sol e Praia, em que o meio *alternativo* e os *hippies* artesões fazem parte desta figuração social. O que se torna uma propaganda ou *marketing*, também é uma realidade social.

O Bairro novo e a pretensa associação dos artesãos de Jericoacoara e região, são interessantes para compreender o desenvolvimento destes atores e de sua expressão política frente à rede de relações impulsionadas com o turismo e a migração dos *neohippies* para a região.

#### **4. CONSEQÜÊNCIAS E DESDOBRAMENTOS NA TERRA: DISCUTINDO ESPAÇO, MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE EM CAIÇARA DE BAIXO.**

##### **4.1. Floresta ou Roçado de Mandioca? Questões econômicas simbólicas, posições sociais e perspectivas práticas dos atores sociais em relação.**

Recuperando a Memória vivida no local, em conversa que tive com Marco Polo, em 2005, logo na primeira época em que lá morei. Na conversa Polo estava revoltado porque Jacinto, que é da família de Virgílio e Flora, portanto um nativo local, tinha brocado um grande pedaço de mata nativa, para plantio de mandioca, ou roçado, como chamam. Depois, Polo falou da importância de ir comprando terras para preservar e reflorestar conscientemente e não para desmatar e fazer monoculturas.

No decorrer da conversa, falou que o seu Jacinto tinha vendido um terreno de dez hectares para Thor e Odin, que são também estrangeiros (mais tarde fiquei sabendo por intermédio de Curupira que o seu Jacinto tinha vendido o terreno a um morador de Jijoca por mil reais, que mais tarde repassou para Thor e Odin por dez mil reais).

Esses compradores tinham como objetivo fazer a restauração da área desmatada, com mata nativa, reservando pequenos espaços para a construção da casa, o plantio de árvores frutíferas e um pequeno roçado de mandioca. E foi o que fizeram. Nesta fala percebi a inclinação política ecológica de Marco Polo e sua vontade em somar forças para o reflorestamento da mata local, e moradores mais conscientes ecologicamente. Está incorporada ao seu *habitus*, a luta pela causa ecológica, assim como o estilo de vida alternativo ao padrão das grandes cidades e até dos empreendedores de Jericoacoara que nem sequer moram lá.

Porém, ancorado em outros enfoques analíticos que consideram o lado social como fundamental para compreensão da questão ambiental, naquele cenário natural e social em que estava inserido o senhor Jacinto e sua família a desenvolver seu *habitus*, suas práticas incorporadas nas vivências estruturadas e estruturantes da cultura, ou melhor, no ambiente, social e ecológico em que está imerso, o desmatamento para uma plantação de mandioca, não caracteriza uma atitude intencionalmente e de fato antiecológica. Portanto, ambas as perspectivas possuem um enfoque ecológico sobre determinada visão que está diretamente ligada à sua condição social, ou posição social. É a manifestação coletiva incorporada nas práticas dos sujeitos.

A agricultura é a forma da subsistência e de interação social local, por isso longe de ter apenas uma função meramente econômica, visto que a farinha só chega ao estômago depois de ter passado por todo um processo socializante que é plantar, colher, realizar a *farinhada*, repartir aos trabalhadores, ensacar; depois, preparar, cozinhar o alimento, que também tem uma série de maneiras (tapioca, carraspanas, pirão, farofas, bolo de puba, dentre outros) até chegar à mesa da refeição. Todas estas práticas são feitas coletivamente sob signos sociais compartilhados. Além destas dimensões socializantes e culturais, podemos também analisar a dimensão dos aspectos sociais e econômicos cotidianos, como o trabalho, a renda, dentre outras, dos que querem preservar as matas e dos que estão desmatando para preservar sua cultura e subsistência material e simbólica. A dimensão prática da existência é ocultada na crítica do reflorestamento, pois não apresenta como argumento viver como os pássaros, ou apenas do extrativismo e uso consciente dos materiais naturais.

O que está implícito é o que a dimensão do turismo vem deflagrar. Thor e Odin podem optar pela preservação, pois a renda material destes não está diretamente ligada à agricultura, mas ao turismo ou a renda proveniente da primeira morada, no caso de que não moravam na localidade, apenas passavam poucos dias ao ano.

A preservação da Natureza não está só pautada no campo de uma moral, mas das práticas sociais e das posições sociais que os agentes ocupam. Os nativos agricultores e os moradores de fora, no contexto das relações simbólicas e materiais da vida, manifestam interesses de acordo com suas incorporações culturais e as dimensões práticas que elas assumem da vida.

Assim se percebe dimensões, tanto de um lado quanto do outro, ligadas ao contexto ambiental e social, sendo que por óticas diferenciadas, porém a meu ver, não antagônicas, mas posicionais, representando interesses de classes. Marco Polo ao fazer a crítica à Jacinto, por cortar as plantas para fazer o roçado, não levou em consideração a dimensão social, simbólica e natural que tinha aquele roçado, que se tratava de uma agricultura familiar de pequeno porte e não uma indústria de fécula de mandioca, que iria plantar em todo o território.

Na atualidade a terra está reflorestada e os roçados, assim como os roçadores, passaram a habitar terras mais distantes da Lagoa, pois nesta região não se planta mais, nem é mais comum a morada de nativos locais, que migraram mais para perto da rua principal, mais longe da Lagoa, muitos porque venderam suas terras para os moradores

que vieram de fora. Os terrenos próximos a Lagoa estão praticamente todos vendidos ou à venda, para pessoas que quiserem comprar, e geralmente a acessibilidade está voltada para as pessoas que vem de fora, geralmente quem podem pagar. Esta região, próxima a margem da Lagoa, sofreu uma valorização entre as demais, pelas construções e pela proximidade da Lagoa, como uma condição de valor, num contexto não mais de pescarias, e sim vinculado ao turismo de natureza.

A Lagoa e a Terra passaram a ter outros sentidos econômicos e simbólicos. Pessoas passaram a se fixar no local não mais para pescarem, mas para trabalhar com turismo em Jericoacoara e na própria Lagoa, ou melhor, nos restaurantes da Lagoa Azul e da Lagoa do Paraíso. A própria pesca se direcionou para abastecer pousadas e mercearias, mas ainda existe pesca para consumo familiar. A terra ainda é utilizada para plantar, mas também cresceu muito entre os nativos o comércio da terra, a venda de terrenos para pessoas vindas de fora.

Dialogando com a ecologia política em relação à questão da Caiçara de Baixo podemos concordar com Paul Elliot Little quando argumenta:

Em conflitos socioambientais, a agência humana e natural deve ser analisada na sua interação para compreender melhor a dinâmica do conflito. Essa interação não funciona segundo um determinismo ambiental- por visões opostas, -, mas via relacionamento constantes de dupla via entre agências natural e social (Levins; Lewontin,1985)... Se um grupo social não mantém o poder (ou o conhecimento) para “conter” ou “controlar” a ação das forças biofísicas dentro de seu território, a soberania e a autonomia desse grupo são colocadas em xeque. (LITTLE, 2006, p. 94).

A natureza em seu cenário agora compreende, também, fonte de comercialização e dinâmica de manutenção e socialização dos agentes. A natureza passa a ser um agente, significado e significante, como na fala de Curupira sobre a Lagoa e o Aeroporto de Cruz:

Duas coisas que trouxe eles aqui: o sossego e a Lagoa. O sossego que você ta vendo uma hora dessas (sete da noite), não tem barulho, e a Lagoa. Como amanhã bem cedo, se junta um monte de gente para pegar o carro para ir trabalhar na Jeri, era a gente se ajuntando para ir pescar no mar ou na Lagoa. Hoje em dia não. É só Deus e o mar. Mas o movimento de gente não parou. Devido este aeroporto o pessoal continua a comprar terreno e colocar para vender, mas o pessoal ta

ficando sem terreno para vender e os terrenos tão ficando mais caros. Agora mesmo o Arguelles colocou cinco mil neste terreno do vizinho da frente, um pedaço do seu terreno, e ele não quis negócio por este preço. E vou dizer: quem não tiver paciência, que não souber sofrer e quem não souber ver cinco ou dez mil na sua frente e vender o terreno vai ficar sem. (Curupira)

Tanto estes indivíduos quanto à luta pela preservação da cultura e da natureza estão sofrendo processos de hibridismo e demarcações culturais. A História e os indivíduos estão em processo dialético, produzindo e sendo produtos do meio ambiente que também está interligado ao meio social, e não separado em instância diferenciada. Nas palavras de Ingold a respeito desta relação dialética e dinâmica entre natureza, sociedade e ambiente:

O que o antropólogo chama de cosmologia é, para as pessoas, o mundo ad vida. Somente a partir de um ponto de observação além da cultura é possível observar o conhecimento Cree sobre as relações entre caçadores e caribus como uma construção possível, ou “modelada”, acerca de uma dada e independente realidade. Mas somente a partir deste ponto vantajoso, é possível aprender a realidade dada como o que ela é, independentemente de qualquer preconceito cultural. (INGOLD 2000, p-02).

Acreditando serem possíveis as análises das interações sociais deste contexto histórico, neste sentido de sinergia, ou uma ecologia dos sentidos, nas quais as disposições sociais como: a migração, a comunicação e o turismo, analisados numa perspectiva inter relacional, possam dar respostas ou interpretações analíticas as estas novas configurações dos *Campos, Habitus e das Práticas sociais* desenvolvidas nos agentes e nas estruturas coletivas, e do meio ambiente como um todo em interação, e não apenas paisagem passiva perante a sociedade agente.

## **4.2 Da palavra ao Cartório. Analisando contextos sociais da venda e da documentação da terra.**

A teoria da racionalidade, e da instrumentalidade da modernidade em detrimento das antigas sociedades domésticas medievais, desenvolvida por Max Weber (2009) é interessante para dialogar com as transformações sociais e urbanas que a Caiçara de Baixo vem passando com a vinda de moradores de fora, e com desenvolvimento do turismo na região, apesar de ter que ser dada as devidas contextualizações históricas.

Na década de 1980, quase todos os nativos eram analfabetos, segundo seus relatos, alguns não tinham carteira de identidade, apenas certidões de nascimento e casamento. Hoje em dia, quase todas as crianças estão na escola, e muitos já saíram da localidade em busca de empregos mais rentáveis e, por conseguinte, de uma vida mais urbana. Os meios de comunicação também fazem uma grande diferença nesta situação de absorção dos valores urbanos pelos jovens moradores de zonas rurais.

É perceptível a transição da palavra, da honra, de um contexto social de solidariedade mecânica (DURKHEIM 1999) entre os moradores, na qual a questão do valor e da significação do uso terra era pautada para uma instrumentalização, pautada na confiança em aspectos racionalizados e legais (WEBER 2003) na figura do documento da posse e da compra e venda feita em cartório. Contudo, não acredito ser este processo linear e único, como talvez aponte as grandes teorias clássicas a respeito do desenvolvimento da racionalidade ocidental. Percebo que existe sim uma expansão da lógica mercadológica imobiliária da terra, mas também novas redes de escambo, como é o caso da formação do Bairro Novo dos *malucos*, no qual as terras foram vendidas a preços irrisórios, pois se tratava de amigos do dono da terra, e do interesse dele em somar aliados ao seu redor.

Em campo e na minha história pessoal, pois também tenho propriedade rural no local, identifiquei algumas situações de conflito que ocorreram pela falta da documentação da terra ou pela venda de uma terra duas vezes. A palavra e a honra ficaram “fracas” diante da constante valorização monetária da terra e o documento registrado em cartório passa a ser a regularidade em detrimento de tal situação, local e global. A lógica da especulação exige uma garantia e esta não está lacrada pela palavra, mas pelo papel jurídico legal, e por vezes, nem por este.

Afirmar tais conclusões a respeito de uma instrumentalização dos aspectos contratuais e uma crise dos valores tradicionais sem apresentação de dados empíricos não faz sentido algum, como um espírito sem corpo para manifestar a presença. Logo vou narrar alguns episódios e apresentar alguns trechos de entrevistas que trazem um pouco estas afirmações que trago inicialmente assim como desenvolver a argumentação sociológica proposta a luz desses dados empíricos. Começamos com este relato da esposa de Virgílio sobre o pagamento do aforo da terra, taxa da paróquia para os posseiros:

O valor era pouco, Rafael, mas o ganho também, e agente ficou pagando sem poder, pois já tinha outros terrenos [um deles de atualmente esta desmembrado em vários terrenos de moradores de fora] um grande, e outro pedacinho que o Jacinto tinha trocado numa bacurinha com agente, daí eu disse para o Virgílio: - Virgílio tem rumo não. Se a gente num pagasse o aforo tomava o chão e se abandonasse outro ia tomar de conta, então nos resolvemos entregar. (Dona Flora)

Virgílio relatou algumas histórias que trazem um pouco esta discussão. Nos relatos ele comenta que as terras, primeiramente, antes da chegada dos moradores de fora, eram trocadas por porcos, sacos de farinha ou outras coisas que não eram dinheiro propriamente dito, ou quantidades pequenas de dinheiro. Como já fora mencionado anteriormente Marco Polo não comprou a terra de Virgílio, mas o segundo entregou a terra para que o mesmo continuasse a pagar o aforo e tomasse de conta. No relato abaixo Virgílio fala de sua primeira compra de terra de seu irmão:

O primeiro terreno que eu comprei é aquele que é do Marcelo. Aquele terreno, não era aquele terreno todo, mas era uma parte, eu dei mil cruzeiros e uma novilha de porca e um saco de farinha branca, eu troquei com este meu irmão, o Jacinto. Não tinha documento, só passava a pagar o aforo. Quem pagava o aforo era ele, mas eu comprei dele daí ele já caiu fora e que passou a pagar o aforo era eu. (Virgílio)

O terreno que Virgílio comprou era o mesmo que vendeu posteriormente aos malucos de estrada que chegaram primeiramente, após a geração de Marco Polo, história que também já fora mencionada anteriormente. O fato é que em outro momento seu relato já passa para a questão levantada neste capítulo, a questão da legitimidade da

posse, e da legitimidade do Estado e do campo jurídico, contra a legitimidade do uso das terras por moradores há muitos anos.

Pelas primeiras impressões em campo tinha me dado mais por conta do desdobramento econômico que estava acontecendo na região em torno de Jericoacoara, e, portanto, de uma introdução mercadológica imobiliária em terras próximas a vila turística, mas quando peguei os relatos dos moradores, percebi que a legitimidade da posse e da propriedade da terra estavam ligadas diretamente a questão do comércio delas. Como fala no relato abaixo, Virgílio sente que ocorreu um freio na compra das terras por elas não terem um documento da propriedade de fato e de direito. Nas suas palavras:

Aí quando o Posidon chegou daí eu vendi aquele terreno. Aquele eu vendi mesmo. Foi a primeira vez que eu vendi terreno. Daí vendi outro pedacinho e parou não vendi mais não. Eles exigem o documento e agente não tem os documentos destas terras. O documento é do padre. Tanto que ouvi umas conversas aí que o padre quer vender os terrenos para os proprietários para fazer os documentos públicos. Até agora não mexeram com nada, que é para vim um povo para medir os terrenos, de cada morador, para saber quantos hectares, para cobrar pelos terrenos. Daí meu filho disse que ele iria cobrar caro pelos terrenos, não ele vai vender o terreno e não o que é nosso, ele não pode vender casa, nem cajueiro. O terreno é da Igreja, mas a posse é dos Donos. Uma vez o Posidon tava falando assim, o pessoal não tá mais querendo terreno, com medo que nem aconteça como em São Paulo, que a máquina derrubou as casas dos povos. Eu disse, rapaz lá em São Paulo pode até acontecer assim, aqui pra uma pessoa bater cabeça, daqui até este travessão da CE, e passar por lá até a beira da praia tem muita gente morando em cima, e cada qual tem suas coisas, e ninguém quer perder. Garanto como não quer. Sem tem um acordo, mas não tem jeito de bulir não. Não tem condições, você vê que do Preá para cá, olha que eu sei toda altura de terra aqui. Começa ali da firma Machado e vai para o Córrego dos Anas, tem umas terras documentadas que não pertence à Paróquia, mas o resto pertence à Paróquia, e tem muito morador neste chão, daí é questão grande, e eles não entram não. (Virgílio)

Durkheim chama de solidariedade mecânica, a forma de relação e organização social que se estruturam as sociedades mais simples, baseadas nas relações de parentesco e numa divisão do trabalho social muito ligada às atividades tradicionais de trabalho, como a pesca, o artesanato e o extrativismo. Também ressalta a influência marcante da religião e dos aspectos tradicionais das culturas nas estruturas políticas dessas sociedades. Para este autor a personalidade dos indivíduos, suas ações e inclinações individuais, diminuem em detrimento ao pensamento coletivo social.

Portanto, esta solidariedade só pode crescer na razão inversa da personalidade. Há em cada uma de nossas consciências, como dissemos, duas consciências: uma, que é comum a nós e ao nosso grupo inteiro e que, por conseguinte, não é nós mesmos, mas a sociedade que vive e age em nós; a outra, que, ao contrário, só nos representa no que temos de pessoal e distinto, no que faz de um indivíduo. A solidariedade que deriva das semelhanças se encontra em seu apogeu quando a consciência coletiva recobre exatamente nossa consciência total e coincide em todos os pontos com ela. (DURKHEIM, 1999, p.106)

Percebo que sua concepção de solidariedade mecânica esteja muito ligada a uma comparação com o conceito de solidariedade orgânica, também desenvolvido por ele, em tal comparação se daria em oposição, numa relação dicotômica, de complexidade das relações de trabalho versus simples divisão do trabalho, da indústria em vez do artesanato, do mercado nacional em detrimento da subsistência local e tribal.

Assim caindo numa linearidade do tempo, típica do pensamento ocidental de sua época, que reduz a fatalidade de povos tradicionais em se tornarem integrados e subordinados aos Estados modernos capitalistas, que seriam as sociedades orgânicas, com valorização do indivíduo dentro do coletivo, mediado pela sociedade da divisão do trabalho social. Acredito que esta crítica é relevante, e que não existe uma teoria que venha a sair da temporalidade e das situações específicas para dar conta de explicar toda e qualquer situação.

Contudo, vejo que a teoria, em alguns pontos, dialoga com algumas questões que vieram à tona na observação do campo, em que as estruturas tradicionais de relação, como a *palavra* e a *honra*, que seriam elementos de integração e controle do pensamento individual, se vêem em crise perante o desenvolvimento da lógica do

mercado de compra e venda de terras, e que também entra em crise a legitimidade de morar dos próprios nativos que estão a gerações povoando as terras que pertencem juridicamente à Paróquia da Igreja Católica, ou como eles falam as terras do Santo, São Francisco.

Um caso interessante que me fora narrado por Curupira, que se encaixa nesta temática, foi a venda de um pedaço de terra duas vezes por um nativo, antigo morador regional, a dois moradores de fora diferentes. No caso, Curupira estava fazendo as reformas no sítio de um dos moradores, aqui vou chamar de Joaquim, e em partes, o conflito caiu sobre sua pessoa. Bento Sá é um antigo morador, e casado com a irmã de Curupira, sendo, portanto, da mesma família. Ele, como Virgílio, é uma das pessoas que mais possuíam terras na localidade, sendo que foi vendendo aos poucos para moradores vindos de fora.

Joaquim é amigo meu de Fortaleza e chegou a Caiçara de Baixo por intermédio de um amigo nosso em comum, o Charles, que comprou uma terra comigo, ao lado da minha, e dividimos a terra. Charles sempre recebia Joaquim em sua casa, são amigos de Fortaleza e trabalham com temáticas afins, sendo Charles cineasta com temáticas de povos indígenas no seu trabalho, e Joaquim historiador e museólogo, trabalhando com inventários culturais de povos tradicionais, indígenas e de populações de periferia.

Ao conhecer a localidade ficou muito envolvido e encantado e surgiu a oportunidade de comprar um terreno de Bento Sá, próximo à Lagoa. Porém o terreno tinha difícil acesso, e resolveu comprar mais um pedaço de Bento em um acesso a uma rua nos fundos do terreno. Vizinho a Joaquim, um italiano que mora a muitos anos em Jericoacoara, o Fellini, comprou o resto do terreno de Bento Sá, que era a casa onde ele morava com a família até então. Como comprou por uma quantia muito superior ao estipulado pelo mercado imobiliário informal local, por sessenta mil reais, em 2013, causou uma pressão grande sua chegada a localidade. Fellini queria aumentar a entrada de seu sítio e para tanto precisava comprar a parte que Joaquim já havia comprado anteriormente. Curupira relata que Bento Sá intimidado pelo italiano e impressionado com o dinheiro, vendeu novamente a terra, e o italiano mudou a cerca deixando o pedaço na sua propriedade. Chegando para trabalhar no terreno de Joaquim, Curupira se depara com a cerca alterada, e sai com uma foice para cortar um cajueiro que estava impedindo ele de fazer a porteira dos fundos do sítio de Joaquim. Fellini então chega para ele e o ameaça, dizendo que se ele cortasse a árvore ele dava uma surra nele. Então

ele disse que tinha comprado a terra e que se quisesse tomar satisfações fosse falar com Bento Sá, que tinha vendido duas vezes a terra, e que era dele.

Trago esta narrativa para analisar como tal situação apresenta um campo dinâmico de relações sociais, interacionais e conflituosas, em que o dinheiro, e a representação de poder criada pela posse dele, rompem e impactam as relações sociais entre os indivíduos. No caso não aconteceu um exemplo clássico e dicotômico entre nativos e moradores de fora em lados opostos do conflito, mas um dinamismo das alianças dos indivíduos, uma clara divergência entre os nativos, o que vendeu a terra e o que condenou aquela atitude, e um conflito de terra entre os moradores de fora, que, completamente desconhecidos um do outro diferentemente dos nativos que são parentes, colocaram-se em uma relação tensa e desconfortável para uma vizinhança e como novos recém chegados moradores na localidade.

Marx (2011) traz uma importante contribuição em seu legado ao discutir como o dinheiro, além de mediador das trocas de mercadorias, torna-se um nexos social nas sociedades capitalistas modernas. Este nexos social pode ser percebido pela transformação da terra em mercadoria especulativa imobiliária. O que antes se tirava da terra pela atividade agrícola, se quer tirar pelo dinheiro que está contido em sua venda. Rodrigues (2010) também analisa os processos da especulação imobiliária em Tatajuba, praia que está localizada nesta região turística da costa oeste cearense e os conflitos tensionados entre os moradores locais, divididos em várias associações, e grupos imobiliários empreendedores do ramo turístico.

O dinheiro faz ligação não só com a troca das mercadorias, mas com a potência trazida pelo poder de consumo, na atual sociedade consumista em que vivemos. Consumir é algo que passou do âmbito econômico para o cultural e o subjetivo. Bauman (2001) faz interessante discussão sobre o fetiche da subjetividade, e os consumos de dispositivos culturais. Para ele, o consumismo está ligado a estilos de vida, e não meramente à questão econômica objetiva. A subjetividade é moldada pela esfera do consumo, como Weber (2009) analisa as classes sociais, pelos seus dispositivos de consumo, culturais e materiais.

Porém, não pretendo me limitar a discutir o que vem passando em todo o litoral, de estrangeiros comprando terras de nativos, sob uma ótica dicotômica, em que o comprador é o vilão e o vendedor é um coitado. Pude observar que o *nativo local*, *vestiu a camisa de investidor* e que também compra e vende terras.

Simmel (1983) fala que o conflito não é uma anomia social, mas uma relação fundante, ontológica da sociedade, é antes uma forma de sociação do que uma aberração social. No conflito é que se apresentam as dinâmicas pela qual a sociedade enfrenta e se lapida. Percebo que o conflito apresentado, e aqui vem minha argumentação, está diretamente relacionado com o enfraquecimento ético e moral que a conjuntura do desenvolvimento do mercado imobiliário traz consigo.

Existem correntes que podem optar por ver a situação como consequência maior de uma questão individual, de opção por desvio de caráter do indivíduo, mas percebo algo a mais que um desvio psicológico de caráter. A moralidade, num sentido de estrutura que age nas atitudes dos indivíduos, é impactada pelas outras estruturas que passam a agir no indivíduo. Percebo uma indução do sujeito a esta ação, de ruptura com a honra, portanto com a moralidade, pela natureza sociológica da situação criada pela venda das terras e a possibilidade de ascensão social rápida pela aquisição de capital econômico imediatamente, fatores que dizem respeito aos aspectos objetivos e subjetivos, tanto na estrutura socializante, a tradição, como na subjetividade do sujeito, o caráter e sua ação perante a moral e a Ética.

Como já fora argumentado algumas vezes ocorre uma transformação tanto nas estruturas, quanto nas agências e nas ações. O “desvio de caráter” de Bento Sá, ou talvez a pressão que sofreu por parte do italiano para que tivesse o “desvio de conduta”, também é alimentado pela situação socializante que a comunidade atravessa. O *Habitus* do nativo e a estrutura de mensuração do valor da terra, mensuração não apenas de capital econômico, mas de significado da terra em relação à cultura local. A passagem de troca de terras por porcos para sessenta mil reais, não é visto aqui como algo irrelevante, mas não é apenas o aspecto econômico que determina a transformação e o enfraquecimento da moral e da tradição, mas vem tudo em um conjunto integrado de campos: econômico, cultural, político, dentre outros, e a manifestação do *habitus* descritas nas ações dos indivíduos e nas interações afins e conflituosas que geram os processos de resignificação social e cultural.

### 4.3 Terra para venda ou terra de quilombos? A terra como identidade *versus* a terra como investimento e meio de sobrevivência.

Voltando do sítio dos *malucos* em direção à minha casa, tinha ido marcar umas entrevistas com alguns deles, passo em frente à casa de seu Jacinto e sua esposa, estava na porta e me convida para entrar. A casa deles é bem humilde e fomos para o terreiro dos fundos, onde tem várias árvores frutíferas e mais ao fundo um roçado de mandioca e macaxeira. Neste local também tinha uns varais de roupa e uns girais de madeiras, mesas feitas com madeira da mata, onde tinha um de seus netos tratando uns peixes. A sua filha estava por lá também, fazendo a comida do almoço no fogão de lenha, também em giral rústico. Ela começou a puxar conversa comigo e perguntei se agente podia gravar as coisas que fossemos conversando.

Ela lançou vários pontos interessantes, e vi que estava bem mais politizada do que na época em que morava na comunidade. Parece que seu envolvimento com os projetos da comunidade, que envolveram as pessoas *de fora* e os *nativos* locais, a fez ampliar a percepção para as questões sociais, raciais e a dinâmica em que a terra estava passando em sua comunidade. Os pontos que compreendi ter mais relação com a temática da terra e da identidade na conjuntura atual da comunidade, trago neste recorte da entrevista e depois vou trazer a análise sociológica para diálogo. A parte da entrevista é a seguinte:

Rafael:- E o que é os Quilombolas que você tinha falado?

Farfalle: - Os quilombolas? É assim, eles querem reconhecer nossa comunidade como remanescente quilombola.

Rafael:- Quem quer reconhecer vocês como quilombola?

Farfalle: Mas as pessoas não querem.

Rafael: Mas quem está propondo isto para vocês, de se reconhecerem?

Farfalle: - É o Damasceno, o secretário de Saúde da *cidade de Cruz*. Faz é tempo que agente vem nessa arrumação, aí fizemos uma associação. A associação era das mulheres negras da Caiçara de Baixo, aí depois não, agora botaram este nome de remanescente quilombola que é pra não ter mais direito nessas coisas, só que o povo daqui não quer. Eles não se aceitam, e tipo o que a Hera disse na reunião, que nós tava lá e ela falou que o povo tem um preconceito de não querer ser. Por que é ruim mesmo, né? A gente quilombola já

volta pro escravos, né? Aí tem gente que diz, nós vamos voltar a ser escravo, é? Vai ser tudo aquilo ali de novo? Daí eles explicam, mas acaba a reunião não sai ata, não sai nada.

Por mim eu aceitava, pela mãe, mas não é a gente, e outras pessoas não aceitam. As pessoas falam também de se prender a essas terras, de não poder vender e nem sair daqui, tem isso também, porque fecha.

Rafael: -Se fechar também não vende mais né?

Farfalle: - Não vende mais.

Rafael: O que precisa para ser reconhecido, abaixo assinado?

Farfalle: Precisa da assinatura do povo. Aí vai vim um homem, já veio, a Raimunda<sup>54</sup>, ela veio e disse é sim aqui é quilombola, tem raízes fortes mesmo aqui. Ela veio mais a Mercedes, e passou o dia tirando fotos e imagens, um documentário, mas até agora não saiu nada.

Rafael: Depois que se reconhece ainda tem outros processos para ir conseguindo os direitos e benefícios.

Farfalle: Ai tem muita gente que não quer, né? Tem muita gente aqui que tem terreno demais, ai se para daí mata o lugar, né?

Rafael: *Matar o lugar* é não desenvolver mais?

Farfalle: Não desenvolve porque nós aqui não temos como desenvolver, não é? A não ser se tivesse um seguro assim, pois não tem emprego. Porque eu não tenho condições de comprar um terreno, e se eu tiver um terreno não tenho como vender para tu, e a gente espera mesmo alguém lá de fora pra comprar um terreno aqui. A gente olhar bem tem muita gente empregada aqui na casa desses *hippies* mesmos. A gente olha essa questão, não é? Um terreno para mim só me dando, que eu não tenho condição de comprar um terreno. Aí agente olha de matar o lugar nesse sentido. Tem gente que diz que aqui não vai para frente, mas com o tempo vai, certo que se for pra mexer com um de nós não vai não, é preciso vim alguém de fora para fazer alguma coisa, a comunidade mesmo não tem este interesse. Que se tivesse também ia. Nesta questão aí, né? Tem o lado bom e o lado ruim, em tudo tem ,né? Aí elas acham que tem mais ruim do que bom né, aí fica difícil. Tem medo demais o povo daqui, por que já

---

<sup>54</sup> Raimunda é o pseudônimo para uma historiadora que foi fazer o parecer da comunidade

acostumado a dar pra trás as coisas, agente trabalha, trabalha as coisas tão começando a dar certo, cai tudo lá para trás de novo. Agente já vive com medo é disso mesmo. É só promessa, só promessa, não tem um juramento feito para ser cumprido. É só assinatura do povo, CPF, identidade, e pronto, essa *latejação* aí, a mesma ladainha, direto. Fizemos uma reunião deu muita gente, fizemos uns brindes para chamar as pessoas, depois fizemos outra com pouca gente, e um dia desses tava só o Pascal, o Damasceno, a Pietra e eu. Daí é desse jeito. Acho que falta aqui uma pessoa que fale a língua do povo, sabe? Que tem hora que eles falam que nem eu mesma sei o que eles estão falando. Num desenrola, eles botam nas palavras deles e num entra na cabeça do povo. A Hera falou mesmo o que ela falou foi o que entendi, ela disse que se fosse para o pessoal escolher entre uma música de origem afro, o Olodum, e um forró, o pessoal todo escolhe o forró, que é o já estamos acostumados, daí as outras danças de lá que eu chamo é macumba, daí ela diz que os outros querem trazer umas coisas de fora, por que quem nasceu liberto se esforçando para pagar água e luz, até acha estranho isso. Eu sei que fica nisso, vai, vai. (Entrevista com Farfalle, nativa local filha de Jacinto e Pocahontas, sobre as questões quilombolas na comunidade.)

Vários são os pontos interessantes levantados por Farfalle nessa parte da entrevista. A princípio ela fala de que *eles* querem reconhecer agente, e quando pergunto quem, ela diz ser o representante do poder público local, no caso o Secretário de Saúde. Na realidade essa questão será abordada mais detalhadamente, no tópico do projeto das mulheres negras da Caiçara de Baixo, no próximo capítulo, quando será narrada a história em que aparece o poder público, no caso, a Prefeitura de Cruz se aproximando dos projetos sociais da comunidade, mas vou dar uma contextualizada para chegar ao ponto em que pretendo nesta subseção, de discutir o processo da terra coletiva trazida pelo reconhecimento de identidade quilombola e a continuação de como está para que se possa continuar a vender as terras. Na realidade a entrevista traz esta temática e em cima dela continuarei a discussão.

Retomando, quando Farfalle diz que *eles querem que a gente se reconheça*, já se entende que existe uma dupla dimensão do reconhecimento, que é incentiva por agentes externos aos agentes que estão em processo de reconhecimento de identidade.

Pelo que venho percebendo nas observações minhas e nas entrevistas dos interlocutores da pesquisa, é que a questão quilombola existe na comunidade, é fato, mas os próprios estão em processo de decisão por saber se optam ou não, se são ou não. A influência externa é mediada por outros interesses políticos que não puramente o reconhecimento da comunidade por ser justo e certo e estamos fazendo apenas o nosso dever.

Porém a discussão da terra relacionada à identidade foi o que me chamou mais atenção. Além de compreender que a construção desta luta pelo reconhecimento é atizada por vários atores sociais, e não apenas pelos antigos moradores que apresentam o elo cultural e histórico com as populações quilombolas, o que estão pensando os povos nativos e os moradores de fora a respeito da coletivização do título das terras e a proibição de comércio da terra para pessoas de fora, é que venho focar neste tópico.



Figura 17: Família de Nativos Locais na confraternização de aniversário de uma maluca de estrada. Agosto de 2007. Foto: Autor.

Quando pergunto por que o pessoal não quer, Farfalle traz importantes questões. A primeira é que *o povo tem um preconceito de não querer ser*, a questão de se identificar como descendente de escravos e como se identificar com um povo que fora dominado, injustiçado, e que para ela, falando do que acham as pessoas do local, é um retorno ao atraso. Os moradores [ou os nativos] ainda não compreendem que o reconhecimento seja algo bom, como um valor histórico que a cultura africana tem no Brasil, e que precisam serem reparados os danos históricos sofridos por estes povos étnicos

enredo da história da nação. Mas a frente vou discutir o termo de neocomunidades onde analiso a possibilidade de está havendo uma etnogênese ao mesmo tempo que “espontânea”, é induzida pelos agentes externos e pelos moradores vindos de fora das comunidades.

Farfalle diz que os palestrantes explicam estas questões históricas e que falam a respeito dos direitos a terra e aos benefícios sociais para as comunidades que se reconhecem, mas as pessoas parecem não dar crédito e encaram como promessas que estão distante de uma realização mais imediata e urgente.

Outro ponto é do comércio das terras no local. Como disse Farfalle: *As pessoas falam também de se prender a essas terras, de não poder vender e nem sair daqui, tem isso também, porque fecha.* A venda das terras, como já foi abordada anteriormente, se tornou elo entre os nativos e os moradores *de fora*. A venda das terras não é meramente uma venda de mercadoria, como a venda de um peixe ou de uma toalha de mesa de crochê, o que é trazido na fala da interlocutora é que traz movimento para o local. Gera comércio de serviços também. São os *hippies*, como fala Farfalle, que trazem empregos para as pessoas do lugar, e também são as pessoas *de fora* que têm dinheiro para comprar uma terra na localidade, que faz as pessoas que têm algumas terras, ou melhor, a posse de algumas terras, participarem de um micromercado imobiliário, em que interagem tanto moradores de fora quanto os locais antigos.

A coletivização do título da terra dá o direito que as pessoas do local ainda não possuem, já que o título da terra é da paróquia, e eles só tem direito à posse das terras, mas em contrapartida, se perde o direito de vender as posses e muito menos o título da terra que é um para toda a comunidade, embargando o microcomércio imobiliário, e travando uma mecânica de geração de empregos e desenvolvimento do local, que na expressão utilizada pela interlocutora seria *matar o local*. Logo não são só as pessoas que possuem terras e vendem que se sentem prejudicadas com a coletivização do título da terra, mas também as que não tem terras para comercializar, mas que trabalham de caseiro, jardineiro, pedreiro, dentre outras funções para os moradores de fora.

## 5. Interações Comunitárias na sociedade Caiçara de Baixo: Conflitos e Ações compartilhadas

Falam tanto de uma nova era, quase esquecem do eterno é, só você poder me ouvir agora, já significa que dá pé, os cabelos da eternidade, são mais longos que os tempos de agora, são mais longos que os tempos de outrora, são mais longos que os tempos da nova era, da era, era, era, era nova, que sempre esteve e está pra nascer. (Gilberto Gil- *Era Nova, do álbum Refavela*)

Como já vem sido descrito em todo trabalho, a chegada dos *moradores de fora* impulsionou o surgimento de uma série de modificações culturais e sociais, que passam por temáticas relacionadas à identidade, a terra, trabalho, migração e resignificação cultural pelos atores sociais. As interações entre os grupos aqui analisados ultrapassaram a esfera do pragmatismo, como a compra da terra e relações de trabalho sem envolvimento pessoal mais aprofundado que os negócios para o campo das ações comunitárias voluntárias ecologistas e socioculturais. As interações sociais caminharam desde ações amadoras de coletas de lixo, rodas de capoeira e passagem esporádicas de filmes, para realização de projetos comunitários com apoios de órgãos públicos e de ONG's, com a participação de moradores de fora e nativos.

A princípio parece que as dinâmicas socioculturais na Caiçara de Baixo, como uma *cidade satélite* do turismo de Jericoacoara, se restringe à influência deste mercado turístico em seus moradores e novos moradores. Aliás, como já escrito, a vinda dos moradores de fora está intrinsecamente relacionada a esta conjuntura econômica e cultural da região. Porém, a pesquisa mostra que a vila não é apenas uma cidade dormitório de trabalhadores do turismo de Jericoacoara e das Lagoas. Dentro da Caiçara de Baixo foram se processando dinâmicas específicas que não têm relação casual, pelo menos direta, com o turismo, mas com as interações cotidianas dos atores sociais locais.

Este capítulo se foca nestas relações comunitárias, nestas dinâmicas sociais, que partiram do foco ambiental, da limpeza da Lagoa e da reeducação da comunidade com a temática do lixo, até chegar a temáticas mais sociais e culturais, que foram: a formação de uma cozinha comunitária para suprimento de merenda escolar; e o resgate da temática da identidade quilombola da comunidade. Ou seja, desdobramentos particulares das dinâmicas sociais causadas pela interação dos grupos sociais, que podem estar ligados pela dinâmica do turismo regional, mas que localmente

desdobraram ações ambientalistas e culturais, que culminaram em disputas políticas e conflitos internos bem mais complexos e mais diversos do que o campo turístico local possa explicar.

Estas disputas não envolvem de modo dicotômico os *nativos versus* os *moradores de fora* (em suas várias subdivisões), mas se dão de modo mais complexo entre agentes distribuídos entre essas categorias, criando alianças e oposições para além do “lugar de origem” e seguindo as dinâmicas específicas em que se envolveram os agentes desses grupos nos dois processos citados. Iremos descrevê-los a seguir.

### 5.1. Os mutirões de coleta de lixo na lagoa e a casa de reciclagem.

A paisagem da Lagoa é incrível. Sua água é transparente no raso e azul turquesa no fundo. A areia da praia é branca com uma vegetação rasteira nas proximidades. Porém, como em várias regiões do Brasil, o plástico e os produtos industrializados enlatados, foram aos poucos entrando na mesa do agricultor rural, e o que antes se *rebolava no mato*, que eram cascas de frutas, legumes, ossos de animais, ou seja, lixos orgânicos e biodegradáveis foram sendo substituídos por lixos inorgânicos, como garrafas de vidro, embalagens de plástico e de metal, dentre outros que não se decompõe com facilidade na Natureza, trazendo doenças e poluindo a atmosfera, quando queimado, e os solos e lençóis freáticos, quando enterrados.

Podemos neste raciocínio constatar que ocorreu a substituição, em partes, dos alimentos e do lixo destes produtos, mas não houve uma reeducação dos povos rurais, pelo menos no caso da Caiçara de Baixo, do novo lixo produzido pelos produtos industrializados. A *Coca Cola Company and Corporation* não falha em deixar seus produtos nas mercearias mais longínquas, mas não leva as cartilhas de educação e projetos de reciclagem de suas garrafas de vidro e pet, para as populações em que passam a consumir seus produtos.

As políticas públicas, por sua vez, apresentam falhas também, pois não realizam com eficiência esta educação das comunidades. No caso da Caiçara de Baixo também são falhos na estrutura e na política pública de saneamento, pois já faz mais de dez anos que a população reivindica uma coleta pública do lixo nas ruas da vila, o que ainda não foi atendido pelo poder público.

Frente a estes dois pontos, existe o terceiro, que Hera chama de bagagem que a gente traz das estradas, ou seja, com a chegada dos *moradores de fora*, vem também seu *habitus*, seus costumes e formas de organização.

Daquela época para cá a comunidade mudou muito. Eu não lhe dou tanto a certeza se foi para bom, ou para ruim, mas que houve uma mudança houve. E a gente esperava uma coisa do lugar se envolvendo com o nativo, tentando fazer com que a galera abrisse a mente, voltando a visão para a consciência do lixo, tentando fazer uma gincana, um eventozinho, mostrando a reeducação de não jogar lixo nas margens, mas sempre vai de água abaixo, porque o pessoal nativo

tem a cultura local deles e é difícil agente tentar abrir o olho deles com a nossa bagagem da estrada de várias experiências. (Hera)

Para os *moradores de fora* a coleta de lixo é uma questão de cidadania e de direito, e vê as políticas públicas locais com descaso a questão da cidadania no lugar. As ações de coleta de lixo nasceram nesta tensão, de uma vila que estava poluindo suas belezas naturais, “inconscientemente”, mediante transformações econômicas, a entrada dos “enlatados” no lar rural, e o descaso das empresas e do poder público com a educação do lixo em comunidades rurais. A chegada de um novo grupo social que traz em seu *habitus* incorporado um repúdio a poluição do ambiente e uma ação interventora que culminou nos projetos comunitários.

Existiram alguns mutirões de coleta de lixo na Lagoa de 2004 a 2013, em períodos dispersos, sem uma constância mensal. Eu era morador em uma destas épocas e participei ativamente do mutirão. Os mutirões não eram simplesmente a coleta de lixo, mas toda uma dinâmica lúdica e eventual, como um dia de atividades ecológicas e culturais. Posidon, Akira, Hera e Hermes, foram os primeiros a fazer estes mutirões junto com os nativos da região. Basicamente se coletava todo o lixo em caminhada pelas margens da lagoa, e nas ruas da vila, depois ia para o sítio dos *malucos* comerem um lanche e falar uma palestra sobre o assunto.

Como já escrito, fui morar em Caiçara de Baixo depois de um ano que a *comuna* tinha começado e nesta época Morrison, Hera e Hermes, estavam viajando, e só estavam Posidon e Akira. Passamos a fazer ações juntos, e tinham alguns amigos meus que estavam na minha casa que tocavam instrumentos, então, os mutirões passaram a ser com música, e as crianças também tocavam os instrumentos musicais. Nesta época, em dezembro de 2007, conseguimos um horário na rádio da Caiçara que se chamava *Nova Era Cultura Alternativa*, em que tocávamos músicas que escutávamos nas estradas, como Raul Seixas, Zé Geraldo, Bob Marley, Rock em Roll, e falávamos sempre algo sobre cultura nova era, como coisas sobre permacultura, calendário da paz<sup>55</sup>.

O programa também reforçava a propaganda ambientalista, marcando mutirões e pedindo para a população não queimar o lixo e separar o lixo orgânico do inorgânico. Nesta época fizemos um som ao vivo na rádio chamando para os mutirões e para as

---

<sup>55</sup> uma interpretação do calendário Maia dos índios mexicanos, dentre outras coisas sobre meio alternativo.

rodas de capoeira que passaram a acontecer na minha casa, tinha feito uma roda de cimento para isso, e depois na casa de dona Flora. Tanto a rádio quanto a capoeira, não duraram muito, por depender do voluntarismo dos professores de capoeira que vinham de Jeri, quanto dos *malucos* de irem para a rádio em vez de irem trabalhar no *mangueio* do artesanato. Ocorreu também um desentendimento dos participantes da rádio, que tem haver com a formação do Bairro Novo, já descrito no Capítulo 3. Eu estava indo apenas uma vez por mês, pois também tinha voltado à minha graduação em Fortaleza, e Posidon e Akira e Artemis e Apolo, ficaram na continuação da rádio, mas foi desarticulada com o tempo e o desgaste ocorrido da relação entre estes casais.

Porém os mutirões surtiram efeito, e Posidon conseguiu junto à Prefeitura de Cruz e outros apoios locais, material para fazer uma casa de reciclagem. Contudo não quis fazer em sua casa, e acharam melhor fazer no terreno de Dona Flora, pois era antiga nativa e já trabalhava com a reciclagem do lixo. Porém, ocorreram conflitos com essa escolha, pois parte dos moradores reivindicavam a casa de reciclagem de uso comunitário, sentiram que ela foi apropriada individualmente ou particularmente pela família de Flora. Flora já contra-argumenta e diz que aquilo é um serviço dela para comunidade, pois a renda é ínfima, para ser considerada como um ato seu de apropriação. Com isso, ela reforça que as pessoas da comunidade têm um péssimo costume de serem “mesquinhos e invejosos”, pois ninguém se preocupava com o lixo e depois que passou a dar uma renda, que ela fala ser irrisória, as pessoas passaram a reivindicar direito de propriedade da casa de reciclagem. Segundo seu relato é este sentimento que reverbera em uma ação social, a mesquinhez, que faz o lugar ficar parado, estagnado, ou em suas palavras, que *é por isso que o lugar não vai para frente!*

Por outro lado, alguns atores sociais, dentre nativos e *moradores de fora*, argumentavam contra este pensamento e que o motivo do “atraso” local ou “não ia para frente”, porque atitudes de apropriação privada dos bens comunitários, como esta de dona Flora, eram comuns e as pessoas nada faziam. Percebo que existe mais que uma questão de juizado, mas uma questão sociológica manifestada em um conflito político de agentes sociais em disputa. A questão não é quem está certo ou errado, como diria um sábio Mestre Oasqueiro<sup>56</sup>, todos estão certos nos seus pontos de vista e todos

---

<sup>56</sup> Referência aos ensinamentos do Mestre de uma religião que consagra *aiuaska* ou *oaska*, ou também conhecidos como *daime* ou *vegetal*, em religiões cristãs amazônicas brasileiras. Achei conveniente a colocação, pois, apesar da linguagem simples e cabloca do Mestre e de suas alegorias, possui uma

colhem o que plantam, sejam espinhos ou flores. A questão sociológica é o aparecimento de conflitos e dinâmicas de poder dentro de campos de ações comunitárias e de estratégias dos atores para atingirem seus objetivos no campo político e social.

Depois deste momento aconteceu uma interrupção nas atividades de coleta de lixo até a chegada de Dandara e Ares à comunidade onde começaram a movimentar novamente a temática. Dandara já havia trabalhado como guia em trilhas ecológicas em Serras do Estado de São Paulo. Desde jovem tem contato com esta dinâmica de educação ambiental em parques e locais de natureza. Diz ter participado também de atividades ecologistas, como voluntária, na época em que viajava na estrada, como no sul da Bahia.

E foi assim meio sem querer, eu já tinha trabalhado com projeto social em vários lugares que eu havia passado, em São Paulo, na Bahia, mas só como voluntário, e uma coisa pontual, vamos fazer uma oficina de artesanato com as crianças, vamos fazer uma trilha ecológica, e quando eu comecei a viajar com quatorze, quinze anos, eu fazia muita trilha na mata atlântica de São Paulo, Paranapiacaba, como não tinha internet, agente colocava os cartazes no centro cultural, falando da trilha e o contato de telefone, daí a galera ligava e agente fazia a trilha, com educação ambiental, catando o lixo da trilha, para levar para a cidade, que era um ponto onde o pessoal visitava para ir à cachoeira, mas deixava lixo na trilha. Em Porto Seguro eu também participei numa escola por dois meses como voluntária, num projeto de educação ambiental. (Dandara)

Podemos perceber claramente no discurso de Dandara que a questão ambiental e sua incorporação deste dispositivo educacional ambiental na sua agência são pertinentes e anteriores a sua chegada à Caiçara de Baixo e o seu envolvimento com a questão do lixo na comunidade. Além disso, percebe-se que antes de chegar à Caiçara, Dandara estava de passagem nos locais que participava como guia ou voluntária em ações ecológicas, porém, em Caiçara vem a se tornar uma *moradora*, e o sentimento de pertencimento ao local e de que o local seja um local melhor, ou com menos poluição e

---

profundidade moral e prática da vida e da relação com juízo de valores. A perspectiva de cada um, o ponto de vista, e também uma temporalidade universal do plantar e colher para cada um. Uma relatividade e uma universalidade, ambas, reflexivas.

mais educação, para ela, seus filhos e os demais da comunidade passa a ser uma luta territorial e ideológica. E é nesse campo em que as traduções dos agentes vão ocorrer, suas resignificações do que já trazem consigo incorporados e o que estão incorporando na interação como novas realidades. Podemos dizer que a situação do lixo em comunidades era uma situação em que ela agia por onde passava, e até em São Paulo, mas tomar para si a responsabilidade, vem como o fato de se tornar morador, de criar um elo de identidade com a terra e a vida que está levando na localidade.

## 5.2. Projetos sociais na Caiçara de Baixo. Interações e conflitos entre atores sociais

Os mutirões de coleta de lixo mostravam inicialmente a potencialidade da comunidade e do trabalho comunitário entre os grupos que interagiam neste novo contexto de relação entre nativos e moradores de fora artesãos de estrada. Porém, eles foram ganhando novos rumos, e a chegada de um casal ligado a uma ONG de Fortaleza que trabalhava com comunidades da região do Acaraú e Baixo Acaraú, a Terra Azul, viabilizou a passagem das iniciativas locais organizadas apenas pelos atores locais, e a entrada de uma ONG, para organizar, ou melhor, a entrada do grupo local no trabalho que a ONG já estava fazendo na região.

Acredito que, como será descrito e narrado a seguir, estes projetos sociais vieram a deflagrar mais questões políticas e culturais latentes no local e na situação mais *macro* de região turística de Jericoacoara e especulação imobiliária de suas proximidades, como os jogos microssociológicos dos atores envolvidos nos projetos sociais.

Depois do projeto vinculado a ONG regional, de Fortaleza, o grupo ganha um edital de um fundo carioca, de âmbito Nacional, e amplia a atuação do projeto. Por fim, após toda uma dinâmica de conflitos e ações entre os atores sociais, vem a tona a forma discussão política e étnica a respeito do direito da terra coletiva pela comunidade, sob a condição de reconhecimento dos órgãos federais de uma comunidade remanescente quilombola.

### 5.2.1. Projeto Cajus

O projeto Cajus foi a primeira atividade que contou com financiamento e apoio de órgãos externos à comunidade, pelo contato de um casal (Cajueiro e Fauna) que foi morar na comunidade em busca de uma vida mais natural e tranqüila para terem seu filho. O sub capítulo é baseado em seu relato, já no capítulo seguinte, o das mulheres negras da Caiçara de Baixo, será mais baseado nos relatos de Dandara e Hera. Os relatos apresentam uma relação tensa, em que ocorrem duas opiniões distintas sobre os projetos, como será melhor detalhado posteriormente, a formação de dois grupos em conflitos dentro da mesma comunidade e oriundos do mesmo projeto e grupo. O relato de Cajueiro procura ser imparcial, mas tem ataques a Hera e Dandara, já Dandara e Hera não apresentaram nenhuma queixa de Cajueiro ou Fauna, mas de outros atores como Mercedes, que encabeçaram a cisão do grupo, segundo elas, com motins e intrigas. Logo os sub capítulos a seguir vão apresentar as duas visões, sendo que em momentos diferentes. Nas palavras de Cajueiro a respeito do início do projeto Cajus:

Nós fizemos uma primeira reunião, apresentamos o projeto, apresentamos a proposta que era um curso que criava um grupo produtivo do fruto do caju, pois geralmente se coletava a castanha, para vender ou torrar, e um ou outro caju para comer, sendo que a maioria dos frutos se estragavam. O curso era para aproveitamento do fruto do caju para fazer cajuína, mel, doce, tem duzentos e trinta e dois produtos do beneficiamento do fruto do caju. E aí foi isso foi assim que começou... E esse resquício quilombola da comunidade, agente viu ali uma estratégia de aprovar projetos. E tinha um edital aberto, de uma instituição do Rio de Janeiro, destinado a mulheres negras no nordeste, então agente falou, é aqui. E melhor, a instituição não precisava estar formada podia ser um grupo informal. Daí agente rapidamente escreveu o projeto, eu a Fauna e a Dandara, que é negra, mas vinda de fora, de São Paulo, artesã, e o projeto foi aprovado. Daí elas precisaram fazer uma associação para criar uma conta no banco, para que chegassem dez mil reais para o projeto. Foi aí que começou haver a transição que aconteceu. (Cajueiro)

Cajueiro e Fauna, sua companheira que já conheciam a Caiçara de Baixo estavam trabalhando em um projeto do grupo Terra Mar Azul em comunidades da região do baixo Acaraú, onde a região da Jijoca e da Cruz também estava inserida no perímetro do projeto. Durante o projeto eles foram umas duas vezes visitar a Caiçara de Baixo, e se interessaram na possibilidade de fazer alguma coisa relativa ao projeto na comunidade. Ele me relatou que ela já tinha certo carinho pela comunidade. Ele conhecia basicamente a mim e o Confúcio, mas a Fauna é quem possuía uma amizade mais antiga conosco.

Foram passar uns dias na comunidade e foram conversando com as pessoas sobre o projeto, e conseqüentemente foi compondo uma formação de um grupo produtivo de *cajucultura*<sup>57</sup>. Ele relatou que fizeram uma primeira reunião, apresentando o projeto e a proposta de um curso na localidade para criar um grupo produtivo do fruto do caju, pois, como ele relatou, o que é mais ou menos realidade pelo que observei geralmente se coletava a castanha, para vender ou torrar, e um ou outro caju para comer, sendo que a maioria dos frutos se estragava.

O curso era para aproveitamento do fruto do caju para fazer cajuína, mel, doce, enfim, duzentos e trinta e dois produtos do beneficiamento do fruto do caju. E assim começou o projeto *Cajus* na Caiçara de Baixo. Cajueiro era coordenador do projeto, e foram se fixar na comunidade, em uma casa cedida por Marco Polo em seu terreno. Após a realização do curso iniciou o grupo produtivo.

Segundo seus relatos, as mulheres focaram mais na produção do doce de caju e não na cajuína, vinho, e outros derivados, no qual o Marco Polo fazia junto à Guarani com mais frequência. Fizeram doces de outras frutas também: mamão, banana, dentre outras.

Segundo ele, a questão de gênero também tinha sido planejada, por constatarem que as mulheres eram mais engajadas do que os homens nesse processo, na cozinha. Uma das metas do curso inclusive era discutir a questão de gênero no trabalho, mas apesar disso, não eram só mulheres que trabalhavam no projeto, tinham homens também no grupo. O Efestio e o Ares por exemplo. Ares, segundo Cajueiro, foi o articulador inicial do projeto entre a ONG e a comunidade.

---

<sup>57</sup> Cultura agrícola de caju, que visa em gerar renda para os agricultores de cajueiros, como manejar de forma consciente a planta e os frutos, caju e castanha.

No início o projeto contemplava os articuladores locais, e à princípio Ares foi o que mais apresentou interesses comunitários e conhecia as pessoas da região. Ele recebia salário para exercer tal função.

Depois de formado o grupo, várias necessidades foram surgindo. Articularam a cozinha para a produção dos doces e toda a infraestrutura necessária.

Ficando sabendo da possível reminiscência quilombola da comunidade, eles, o Cajueiro, Fauna, Ares e outros moradores de fora que estavam envolvidos no projeto, visualizaram, ali, uma estratégia de aprovar projetos, como Cajueiro relatou em entrevista.

Na época existia um edital aberto de uma instituição do Rio de Janeiro, destinado a mulheres negras no nordeste, então eles se empenharam em escrever o projeto para concorrer a verba do edital. A instituição não precisava estar formada institucionalmente e podia ser através de grupo informal. Segundo seu relato, ele, a Fauna e Dandara, que é negra, mas moradora vinda de fora, de São Paulo, artesã, foram os reais escritores e articuladores do segundo projeto para o edital, chamado, Grupo das mulheres negras da Caiçara de Baixo, e o projeto foi aprovado.

Após aprovado eles precisavam formar uma associação para viabilizar um CNPJ e criar uma conta no banco, para que chegassem dez mil reais para o projeto. Segundo ele foi aí que começou a haver a transição que aconteceu, passou a ocorrer o que ele chamou de racha do grupo.

Segundo Cajueiro, os moradores de fora eram, basicamente, todos *hippies* artesãos viajantes e gostam de falar de paz e amor, que mais parece uma verberação do movimento *hippie* dos anos sessenta, porém, na sua visão, este contexto se mesclou com o desenvolvimento urbano, e apesar de cada um ter suas ideias, “revolucionárias”, questionadores deste sistema, no entanto, no meio de tanta gente com tanta força acaba criando muito conflito. Para ele é difícil trabalhar em coletivo, pois são pessoas muito conflituosas e autoritárias. Em suas palavras:

Eu senti isso na prática depois que aconteceu..., depois é que fui percebendo um pouco da minha imaturidade também assim de num... de não olhar com um olhar mais amplo. Assim quando cheguei a primeira pessoa que apareceu com este sentimento comunitário foi o Ares, que faz parte desse grupo social, os *hippies* viajantes, e eu chamei ele para o grupo, nós estávamos com as mulheres grávidas, e queria se ajudar, mas depois é que eu percebi que a própria

comunidade já não aceitava bem ele, que se tornou um fator dificultador da mobilização das pessoas. Apesar de que no princípio ele era o articulador, mas por quê? Porque o articulador tem que ser duas coisas, comunicador e isso ele era, mas aceito pela comunidade, no sentido de ter um respeito pela comunidade, um nome limpo na praça, digamos, em que a comunidade o reconhece como alguém de confiança. Ele tinha já alguns conflitos com pessoas da comunidade. E pessoas estavam se desvinculando do projeto quando ficavam sabendo que era ele, pois não estavam se sentindo lideradas por aquelas pessoas. (Relato de Cajueiro em entrevista concedida em 2015)

Existiu uma intriga, entre Cajueiro e Ares, por causa de uma moto, que era do projeto, que segundo relata Cajueiro, o Ares achava que tinha alguma autoridade sobre ela. Quanto ele foi pedir a moto de volta, com a idéia de doar para outro grupo que estivesse precisando ou para leiloar e gerar mais recursos para o projeto. Ares ficou com raiva, pois achava que a moto ia ficar para ele e começou a criar conflito com o Cajueiro, e num determinado momento, Ares chegou a ameaçar Fauna que estava grávida, o que causou um desconforto enorme para o casal. Depois disso, Ares se afastou do projeto. E com isto começou a ocorrer um conflito que culminou na separação de grupos na comunidade. Segundo Cajueiro, ocorreu a separação do grupo, em que de um lado, ficaram *os nativos* e do outro *de quem era de fora*, então os que eram de fora começaram a dominar o projeto, no caso o projeto do novo edital, das mulheres negras da Caiçara de Baixo.

Depois disso ele e Fauna se distanciaram do gerenciamento do projeto e ficaram acompanhando o processo de longe, deixaram de morar na comunidade, e foram morar em Jericoacoara. Segundo ele, os novos gerentes estavam fazendo os produtos e não colocando o nome dos apoiadores do projeto, que o projeto só existia por causa desse apoio. Foi neste momento que a comunidade se dividiu mesmo. E aí uma pessoa específica de fora, a Mercedes, foi quem tomou a frente junto com a comunidade, junto com a maioria dos nativos locais, enquanto a Hera e Dandara, ficaram mais isoladas, mas no controle financeiro dos recursos, pois o dinheiro estava no nome delas, elas que recebiam o dinheiro. Segundo ele outra hippie de fora a Crioula também participou com a Mercedes, mas se desvinculou também, pois segundo Cajueiro e outros nativos da região, Crioula era uma pessoa conflituosa na comunidade, e não era bem aceita pelos

nativos locais. Mercedes conseguia fazer mais “este meio de campo”, como diz Cajueiro, e a comunidade a aceitava mais como líder.

A horta comunitária já foi num momento em que este lado “desapropriado” estava se juntando aos órgãos públicos municipais da Cruz com parceria da gestão que tinha se iniciado na época, o prefeito Juvêncio, de Cruz, e o secretário de agricultura o Damasceno. Segundo Cajueiro eles já eram parceiros do projeto, caju, e já se conheciam, de trabalhos nas cooperativas do Baixo Acaraú.

O pessoal já não queria os *moradores vindos de fora*, as próprias mulheres nativas do local, nascidas ali, é que estavam tomando as rédeas da horta comunitária. Então, é como se tivessem ficado dois grupos produtivos dentro da mesma comunidade. Criou-se um racha que formou dois grupos produtivos.

Segundo Cajueiro, ocorreu uma apropriação do patrimônio coletivo pelos indivíduos gestores do grupo das mulheres negras, de vídeos, aparelhos de projeção de filmes e outras coisas. Quando voltaram a morar na comunidade, saindo da Jeri, eles e a comunidade liderada por Mercedes fizeram conexão com os programas governamentais da merenda escolar, que é o PNAE programa nacional da alimentação escolar e o PAA. Participaram das chamadas públicas que fornecem alimentos através desses grupos produtivos na região. A figura 18, a seguir, foi tirada de dentro da cozinha comunitária, onde ocorreu o projeto caju e posteriormente o das mulheres negras da Caiçara de Baixo. A figura 19, logo após, se trata das hortas comunitárias desenvolvidas no entorno da cozinha. Ambas ficam nos fundos do terreno concedido pela prefeitura onde funciona uma creche municipal.



Figura 18: Cozinha Comunitária do Projeto Mulheres Negras da Caiçara de Baixo Foto: Autor



Figura 19: Horta Comunitária. Julho de 2013.

Foto: Autor

Neste momento já estavam dois grupos produtivos competindo nas chamadas públicas de merenda escolar dentro da mesma localidade. De um lado Mercedes e as mulheres da comunidade, com uma liderança mais horizontal e compartilhada num consenso, segundo relato de alguns interlocutores, e o outro com Dandara e Hera, com mais algumas pessoas da comunidade, mas sendo liderados por elas de forma quase de forma patronal.

O projeto *Cajus* era ligado a ONG Terra Mar Azul, e com o racha, várias ferramentas que estavam emprestadas para fazer a cozinha do grupo produtivo, foram retiradas e emprestadas para a cozinha de Almofala, dos Índios Tremembé.

O recurso que vinha do projeto das mulheres negras entrava na conta com o nome de três pessoas: Fauna, Dandara e Hera. Com o racha, Fauna retirou o nome dela e os recursos ficaram indo diretamente para as demais, que segundo Cajueiro, elas desenvolveram do jeito que quiseram. Na época não houve nenhuma auditoria ou fiscalização e o grupo Terra Mar achou melhor não escrever nada para o provedor dos recursos, no Rio de Janeiro, dizendo que tinha retirado o apoio e que o grupo estava tomando um rumo “estranho”.

Eles tomaram a decisão de não intervir desta maneira, pois de certa maneira pelo menos alguma coisa estava se dando, e era melhor do que não ocorrendo nada. Posteriormente acabou o Projeto das Mulheres Negras da Caiçara de Baixo e o projeto *Cajus*, mas os nativos da região continuaram participando das chamadas públicas da merenda escolar, pois se instalou uma creche municipal na região, Dandara e Hera saíram da gestão com o desfecho do projeto, voltando a serem apenas comerciantes de artesanatos.

### 5.2.2. Caiçara de Baixo e as Neocomunidades

Lifschitz (2011) elabora uma discussão histórica sobre o conceito de comunidade, e chega até os tempos atuais, onde ele percebe o que denomina de *neocomunidades*. As *neocomunidades* estariam ligadas a um processo de resgate dos costumes tradicionais de comunidades tradicionais junto a ONG's, a estudantes de etnologia, a órgãos públicos que trabalham com patrimônio cultural e museologia, dentre outros. As *neocomunidades* são processos de revitalização de elementos comunitários, culturais e políticos, apoiados por grupos que fazem mediação com a sociedade civil e o Estado. As *neocomunidades* se formam no plano da ação política, sobretudo, para o autor, na busca de reconhecimento de direitos, ligados a questão das posses de terras e da revitalização de elementos culturais tradicionais das localidades.

Na Caiçara de Baixo também existiram atividades comunitárias entre os moradores locais e os moradores de fora, que se transformaram em questões culturais propriamente ditas, como a questão da identidade quilombola na comunidade.

A questão étnica reivindicada pelo grupo das mulheres negras da Caiçara de Baixo é o tipo de atividade comunitária que percebo dialogar com o conceito de *neocomunidades* desenvolvido por Lifschitz. O autor traz também alguns exemplos empíricos, de comunidades que fizeram vídeos de suas danças, e tem incentivos para revitalização de sua memória e cultura.

Apesar das ações de interesse comum geral, por isso chamadas comunitárias, não anulam a perspectiva analítica de um jogo de interesses individuais diferenciados. Acho interessante trabalhar o histórico do conceito de comunidade e de sociedade, trazido pelo autor e correlacionar com os aspectos observados pelas trajetórias de vida dos interlocutores da Caiçara de Baixo.

Weber (2009) também abordou sobre a comunidade doméstica e sua dissolução nas sociedades capitalistas modernas. Os novos contextos sociais trazidos pelo turismo e a migração na localidade, são fatores de dissolução de valores domésticos em detrimento dos modernos. Mas não de forma linear. Os valores tradicionais mais os modernos sofrem em algumas instâncias traduções dos atores sociais frente ao contexto histórico vivenciado na vila e no mundo.

Trazida por agentes sociais externos a vila, começou há uns tempos uma discussão a respeito da origem quilombola da família de dona Flora e dona Naná, que

são negras e com uma grande família nativa da região. Esta temática fora impulsionada por pessoas de fora que moram lá, e também por órgãos públicos locais, como a prefeitura de Cruz, que sugeriu à comunidade que se reconhecessem quilombolas para ganharem algumas oportunidades junto ao governo federal.

O capítulo a seguir, demonstra um exemplo empírico de interação social entre agentes nativos *locais e transterritoriais* no trabalho coletivo com a temática da mulher negra nordestina, Caiçarense.

### 5.2.3. Fundo ELAS e Grupo das Mulheres Negras da Caiçara de Baixo

O Grupo das Mulheres Negras da Caiçara de Baixo foi um novo projeto escrito pelos participantes e articuladores do projeto *Cajus*, Dandara, Cajueiro e Fauna, porém para concorrer a outro Edital, de outra ONG financiadora e apoiadora, o fundo ELAS, um grupo sediado no Rio de Janeiro. Edital este que era voltado para beneficiar projetos sociais que trabalhassem a questão de gênero e afrodecendência na região nordeste do Brasil e que não obrigava os participantes serem ou pertencerem a uma instituição profissional, podendo ser uma associação ainda em início, em formação. O grupo já estava em atividade comunitária e contava com o apoio de uma ONG local, a Terra Azul, então, apesar de ser um grupo novo, já estava inserido em atividades comunitárias no local, e na questão afro descendente na comunidade, dos antigos moradores e seus filhos, encaminharam o grupo para concorrer e vencer o edital, no que trouxe mais um projeto social para a comunidade, e que agora vinha trazendo a questão de gênero e de raça, bem fortes no contexto.

Apesar das várias propostas de ação: vídeo, capoeira, documentação e inventário da comunidade e do local, a cozinha, dentre outras, com o passar do tempo e o desgaste ocorrido por conflitos internos e externos ao projeto, fez ele se focar na cozinha e na venda dos produtos alimentícios.

Vamos narrar por partes, ou melhor, acompanhar a narrativa de duas interlocutoras, Dandara e Hera, a respeito do projeto e de sua participação. Hera não participou da elaboração do projeto, mas como será dito abaixo, foi quem assumiu junto com Dandara a coordenação do projeto. Segundo seus relatos, na hora de assumir as atividades que tinham propostos os participantes da elaboração do projeto, saíram quase todos, pois uns tiveram que sair por motivos pessoais, outros não podiam dedicar seu tempo para trabalhos voluntários, e outros por desavenças políticas que já foram mencionadas no capítulo anterior, pelos participantes do projeto Caju. No relato das interlocutoras:

Já aqui no projeto das mulheres negras da Caiçara de Baixo, financiado pelo fundo *Elas*, foi diferenciado o aprendizado para mim. Eu sempre era voluntária ou facilitadora de oficina e aqui passei a ser coordenadora. Tinha uma amiga minha de Fortaleza que é a Fauna, que eu já tinha trombado ela antes, agente já tinha feita uma atividade aqui com as crianças, quando cheguei aqui de novo, grávida dos gêmeos, numa quarta-feira e na quinta-feira foi no comércio comprar

umas coisas e encontrei com ela, que também tava grávida e que tinha parado aqui para ter o neném aqui, e ela disse que o marido dela trabalhava numa ONG com comunidades e que poderiam trazer o projeto para cá. Daí eu disse ótimo massa, legal. Aí agente começou a trazer uma ONG para cá, que trabalhava com o aproveitamento e beneficiamento do Caju, trazer este conhecimento para a comunidade, porque a comunidade aproveita a castanha, e o caju fica geralmente de adubo. Então era aproveitar este caju que dava para fazer mais de cem produtos dele. Daí agente trouxe este curso para cá que era uma professora ensinando a fazer várias coisas com o caju, inclusive coisa salgada, carne de caju e conserva. E aí durante o período da gente organizar o curso, chamar a comunidade, que já era uma coisa organizada porque ele trabalhava na ONG em que atuava em outras comunidades. Foi feito este curso, daí ele trouxe um edital que a ONG ficou sabendo, que era de um grupo de mulheres lá do Rio de Janeiro, que dizia assim que tava fazendo um concurso pra comunidades do nordeste, para apoiar projetos. Daí ele disse; Vamos participar? Eu respondi: - Vamos! Daí, ele pediu para eu escrever o projeto que ele arrumava em formato de projeto. Eu escrevi o projeto, contando o histórico dos eventos e dei para ele terminar. A empolgação era tanta que colocamos um monte de atividades para fazer, e daí não sei como o projeto foi aprovado. E aí foi uma correria doida, porque ela cedeu uma verba de 10 mil reais, e honra um contrato das atividades propostas. Tinha levantamento histórico, tinha o trabalho de continuidade com o caju, tinha uma atividade cultural de dança que colocamos a capoeira, o menino colocou argila, o Cajueiro queria colocar cinema, e cada um queria fazer sua parte, daí agente colocou o que cada um queria fazer por que cada um disse que faria sua parte. E no fim veio o dinheiro, só que, pra em um ano e meio você pagar professor, transporte e toda a organização do projeto, agente não fazia noção. Pra você ter uma idéia, o outro projeto de Fortaleza do caju, agente cozinhava aqui em casa, o projeto não tinha nem sede. Então assim foi um aprendizado. E a maioria da galera que iniciou o projeto saiu fora. E um dia depois que agente ganhou o concurso do projeto, a Hera chegou e entrou também no projeto. Agente ainda tava nessa onda burocrática de assinar contrato, abrir conta no banco e aí

chamamos a galera da comunidade para participar como coordenadores do projeto, mas ninguém quis assumir a responsabilidade. Daí agente já tinha ganhado e resolvemos assumir. E agente tinha ganhado o concurso ia dizer que não queria? Outra seria um benefício para a comunidade, uma coisa a mais para o local. E enquanto o projeto rolou foi muito legal fizemos várias atividades.

(Dandara)

Foi realizada a capoeira, o futebol, só não rolou o período todo, mas rolou. (Hera)

Neste projeto não tínhamos colocado, mas precisamos alugar uma sede. A roda da capoeira agente fez lá também. Tinha a cozinha onde agente fazia a maior parte, o projeto se focou a maior parte na produção culinária de produtos regionais, passava o cinema...

(Dandara)

Rafael: Este é o mesmo projeto Caju?

O projeto Caju é outro de antes. Aquele da ONG que o Cajueiro trabalhava lá em Fortaleza, este que venho falando é o projeto do fundo Elas, do Rio de Janeiro. Esses projetos foram pertos, na verdade agente fez o curso do projeto cajus, saiu o edital, agente ganhou e o Cajueiro saiu do grupo do projeto cajus. A ONG de Fortaleza também deixou de apoiar o nosso projeto com a saída do Cajueiro, cortou o contato, a idéia era essa de eles darem suporte, mas como ele deixou de aparecer, agente também não foi atrás. Tinham várias pessoas envolvidas no projeto e depois que rolou tudo mundo saiu fora, porque o projeto era voluntário, o dinheiro era apenas para comprar material e fazer as atividades. Então tinha planejamento e meta no projeto, e cada um ficou responsável pela sua meta, mas quando viram que o trabalho era voluntário, muita gente não queria trabalhar de graça tantas vezes por semana. E sobrecarregou porque, uma coisa que era para cada um fazer uma vez por semana... (Dandara)

Como mostram os relatos, ocorreu que o projeto foi permeado por algumas questões desde o princípio. Dandara relata que já havia trabalhado como guia de trilhas ecológicas no estado de São Paulo e que havia organizado algumas atividades de coleta de lixo na Caiçara de Baixo, porém ainda não tinha tido experiência como gestora e coordenadora de um projeto social. Com a saída de Cajueiro e Fauna, pelos conflitos

narrados no tópico anterior, Dandara e Hera tiveram que assumir as funções que o casal também executava. O apoio da ONG Terra Azul também foi cortado e elas se viram numa responsabilidade que não tinham previsto. Acontece também, junto a isso, o amadorismo delas em planejamento de projetos e acabaram sobrecarregando de atividades sem calcularem os custos devidos com os serviços, não do saber transmitido nas oficinas e eventos que era voluntário, mas transporte, alimentação, aluguel de sede, dentre outras coisas. Analisando o depoimento delas me lembrei um pouco do meu projeto inicial para esta pesquisa onde tinha objetivos específicos muito abrangentes e trabalhosos caso pretendesse dar conta de um aprofundamento analítico e interpretativo dos objetivos.

O fato por elas exposto é que se sobrecarregaram e que a verba não dava para fazer tudo que tinham planejado, além de não terem previsto que boa parte das pessoas que se comprometeram com alguma ação do projeto, mas não puderam continuar no mesmo. Porém elas falam que com toda dificuldade valia a pena continuar, pois era um aprendizado novo para elas, como algo que trazia cultura, informação e um dinamismo para a vila.

Hera: Mas depois que desmoronou todas as outras atividades, ficou apenas a cozinha, que também nos sobrecarregou, porque ficou só nós duas como cabeça de tudo.

Dandara: Agente conseguiu fazer as atividades do cronograma que o pessoal participava. As principais atividades do projeto forma desenvolvidas, só a terapia comunitária que não, porque faltava gente.

Rafael: Terapeuta?

Dandara: Não, o terapeuta tava a disposição, que era o Dr. Emilio que trabalhava de graça, foram as pessoas mesmas. Na primeira foram quinze, na segunda dez, na terceira cinco, já na quarta reunião não foi ninguém, então ele achou melhor só ir quando as pessoas dessem certeza que iam. E daí elas diziam que não iam, e parou a terapia comunitária. Então deixou de acontecer porque não tinha gente para ir. O cinema teve várias sessões, a capoeira teve todas, tinham dois professores de capoeira por causa da demanda, e a cozinha que era para ser uma vez na semana, funcionava três a quatro vezes por semana, tamanha era a demanda de coisa para fazer na cozinha. Era coisa de louco, agente não tinha vida mesmo, e como agente era coordenadora e tinha assinado um contrato e tinha essa

responsabilidade, agente se sentia na obrigação de que acontecessem as coisas.

O projeto teve várias atividades culturais, como exposição de vídeos em projetor e a capoeira. Mas a demanda social do local está muito ligada a geração de renda e as mulheres quase em maioria são donas de casas e estão acostumadas ao trabalho na cozinha. Vemos que, como ela narra, de um dia passaram a serem quatro dias de produção na cozinha. A atividade terapêutica, que é desenvolvida pelo Dr. Pascal, médico quiropata e homeopata, e também profissional responsável pelo distrito de Caiçara da prefeitura de Cruz, teve pouco interesse da comunidade pela atividade.

Tanto as atividades culturais quanto terapêuticas ficaram em segundo plano no interesse da comunidade, o que dificultou a articulação dos organizadores, que são moradores vindos de fora, que pareciam serem as pessoas mais interessadas em ações culturais e educativas para a comunidade, enquanto a população nativa parecia estar mais ligada na atividade da cozinha, que como já falei, tem um acesso maior dentro do campo simbólica da mulher nativa de Caiçara de Baixo. Neste contexto, percebe-se pela narrativa das interlocutoras que as atividades culturais foram se esvaziando e se desarticulando, e que elas foram se unindo a idéia de focar nas atividades da cozinha, já que era a que despertava maior interesse da coletividade. Dandara comenta que o projeto foi sendo divulgado e que muitas pessoas vinham atrás de fazer uma oficina para e na comunidade, e que elas tinham que providenciar hospedagem e alimentação. Ela chama de atividades extras, “inusitadas”, que acabaram sendo rotineiras de acontecer, visto que por Jericoacoara passam vários artistas circenses e outros que ficavam sabendo do projeto, faziam contato lá em Jericoacoara com os artesãos da Caiçara e iam para a comunidade.

E surgiu toda essa mobilização dentro da comunidade, e acabava que vinha muita gente de fora da comunidade, como de Fortaleza, ou Jericoacoara, fazer uma oficina de circo, dança ou teatro, e eram atividades extras, em que agente agilizava hospedagem e alimentação para essas pessoas além de divulgar a atividade na comunidade, marcar, dia hora, então fora as atividades do projeto, tinham as atividades extras. (Dandara)

Porém o projeto foi caminhando para o fortalecimento da cozinha comunitária, e Dandara e Hera passaram a fazer um novo projeto para pedir uma ajuda de custo ao Fundo Elas para a construção do espaço da cozinha comunitária, visto que até então, a

cozinha ficava de forma itinerante entre as casas alugadas para as sedes e as casas delas, Dandara e Hera, quando ficou um tempo sem uma sede locada. Até então o trabalho não gerava uma renda real para as pessoas, mas em uma ida ao sindicato de Cruz ficaram sabendo de um edital para fabricação de comida regional para a merenda escolar. Então o projeto começou a se desenvolver mais e as pessoas passaram a ganhar uma renda com a venda dos produtos alimentícios.

Daí a cozinha que era para trabalhar especificamente com o reaproveitamento de caju, agente através de um contato da Hera com o sindicato de Cruz, que numa reunião perguntaram se agente trabalhava com comida regional, porque estavam abrindo um edital da agricultura familiar para suprimento da merenda escolar. Daí o grupo não tinha uma renda, nunca teve um lucro desses doces, pois o investimento em matéria prima, mais o trabalho da galera, não dava um lucro, para agente poder dividir e repartir. E nesse projeto da escola era um valor certo e fixo por mês para fornecer um tanto de produto, e daí achamos legal por ir gerar uma renda pras pessoas, isso alavanca o grupo, as mulheres vão querer dar continuidade, pelo recebimento, uma renda. Eu me lembro que o primeiro trabalho que agente fez, que ainda era com a ONG, um fornecimento de almoço, umas quentinhas de feijoada, cada uma ganhou cinquenta reais por um trabalho, que agente trabalhava tanto e não tinha uma renda e foi uma felicidade. Com o projeto da escola agente, conseguiu uma renda, agente fazia bolo, cocada, polpas de frutas, agente processava as frutas de época, manga, caju, goiaba, que com o dinheiro do projeto agente comprou equipamentos para a cozinha. E aí agente teve que comprar os equipamentos industriais para as pessoas trabalhar. Freezer, liquidificador industrial, panelaço, fogão industrial, assadeira, por isso que eu digo, boa parte do dinheiro do projeto foi focado na cozinha. (Dandara)

O fato é que sentiram a necessidade de construírem um espaço próprio para a cozinha que cada vez mais se expandia. Elas escreveram um projeto e ganharam uma ajuda de custo do Fundo, sob a condição de terminar a obra custasse o que custar. Elas toparam o desafio. Conseguiram o terreno e o fundo enviou três mil reais. Porém daí, segundo Dandara, começou os conflitos e a desunião do grupo.

O projeto deu tão certo que a ONG entrou em contato com agente e fizemos um relatório com todas as atividades que tínhamos feito, toda a mobilização, quem ainda estava no grupo, mandamos filmagens e registros, daí agente disse para eles que queríamos dar continuidade ao projeto e que queríamos construir uma cozinha, eles pediram para agente escrever um projeto e mandar para eles. Aí mandamos o projeto, e a responsável da ONG disse: - Cara agente não costuma financiar obra, por o custo é grande, e muitas ficam pela metade, e é um dinheiro gasto em vão geralmente. Daí eu disse que agente se responsabilizaria pela obra ficar pronta com baixo custo. Agente ganhou o terreno, fizemos quatro orçamentos, e a coordenadora me disse que eu tinha que garantir que ela iria estar funcionando, e eu garanti. Daí o projeto foi aprovado e eles mandaram três mil reais, e agente construiu a cozinha. Então o projeto inicial foi dez mil reais para fazer o projeto. E foi feito o projeto e a prestação de contas, e fizemos outro projeto para dar seqüência ao trabalho, que foi para construir a cozinha. Daí foi uma confusão, porque quando agente chegou com essa notícia dentro do grupo, que agente tinha conseguido esta grana para construir a cozinha, o pessoal inventou mil coisas para fazer com esse dinheiro: - Vamos fazer um centro cultural, vamos comprar um computador, vamos fazer não sei o que; e eu falei que o dinheiro era para construir a cozinha, e que era aquilo que estava escrito no contrato, daí começaram a dizer que agente queria mandar no dinheiro, que não sei o que, e virou uma confusão. Porque já existia dentro do grupo algumas divergências, mas rolava uma negociação e agente se entendia, mas quando chegou essa grana, não teve mais negociação, ficou uma bateção de cabeça, e não teve mais jeito.(Dandara)

Elas começaram a bater de frente dizendo que o dinheiro era para a construção do espaço da cozinha, e outras pessoas do grupo queriam que fizessem um centro de cultura, e aquilo passou a causar desavenças que culminou na cisão em dois grupos no confronto político. Formaram dois grupos produtivos dentro da mesma comunidade, como já havia falado no capítulo anterior na narrativa de Cajueiro. Porém os relatos de Dandara e Hera são bem diferenciados do narrado por Cajueiro. No relato delas, elas é que foram boicotadas pelo outro grupo, que começou a difamá-las, dizendo que estavam

roubando o dinheiro. E também foram prejudicadas por não quererem se aliar com agentes políticos locais, pessoas ligadas à máquina política e eleitoral de Cruz, que passaram a apoiar a separação do grupo e a empreender uma força política para desarticular o projeto.

Agente tava com o nosso nome no contrato, e tinha que seguir o que estava nele, mas as meninas, se referindo a Mercedes e as outras *hippies* do grupo, não conseguiam entender.

Na verdade duas meninas, o resto tava de boa. E concordância com as outras, agente começou a obra da cozinha e o que sobrasse agente fazia outra coisa. Daí mesmo com toda confusão que tivesse, agente botou quente nessa obra, fizemos toda obra, corremos atrás das coisas, aquelas coisas de obra que é chata, fizemos a inauguração da cozinha e mostramos tudo que tinha sido gasto, as notas fiscais, daí não sobrou dinheiro. Daí ficou um embate no grupo. Perguntando “por que, por que, por que”... daí agente perguntou quem iria continuar e quem não. E rolou uma divisão no grupo. As que ficaram morrendo de raiva e as que queriam continuar, e aí ficou tipo uma competição, porque quando agente ia participar do edital da escola, eram, dois grupos que participavam e não só um. E daí o desgaste era tanto que agente resolveu sair. Porque você na verdade deixa um tempo da sua vida para se dedicar a uma atividade comunitária, e se ta tudo bem beleza, mas quando começa a rolar confusão, daí já não dou conta. (Hera)

Elas levantaram a questão política local, mas não quiseram tocar em nomes de pessoas específicas. Vieram questionar se o atraso do local não estaria vinculado a uma política coronelista e clientelista, que a população estava acostumada e que tais mecanismos de dominação política pareciam ser aceitos pela população. Relataram que a experiência com projeto comunitário a fez compreender melhor como funciona a política no interior do Ceará, e que ela tinha que apreender a conviver com isso.

Daí continuou depois que acabou o projeto, agente saiu, e agente continuou a nossa vida normal. E agente reparou que a comunidade evoluiu muito pouco, quase nada. Porque a primeira vez que eu vim aqui a sete anos atrás, era todo aquele caos, sem uma estrutura pública, tudo muito rústico, e esse modo de vida que a galera não sai daqui, não abre os horizontes, não tem uma perspectiva de melhora na vida, uma ambição, e hoje aquelas crianças de sete, e oito anos que

agente trabalhava aqui, hoje estão com quinze anos, perpetuam a mesma coisa de vinte, trinta anos atrás, teve uma melhoria de ir para a escola, mas as meninas de quinze anos, hoje estão grávidas, como as mães delas a vinte anos atrás. Elas até foram para a escola, só que elas se apaixonam pelo primo, a perspectiva dela não é ter um emprego, ir para a faculdade, e sim ter um marido e uma família, então elas acabam engravidando novas, e continuam em casa, sem sair de casa, e param de estudar muitas vezes. Você sabe que na vida agente tem que ter uma evolução, um amadurecimento, uma melhoria, você não vê! Não tem coleta de lixo, até hoje, quando agente fazia os mutirões de coleta de lixo da Lagoa, falava da importância da coleta de lixo, mas parecia que era só ali mesmo, na hora, depois voltava a ser do mesmo jeito, chegava em casa jogava lixo, queimava no quintal de casa ou na rua mesmo, a mentalidade parece que continua a mesma. Não que agente quer mudar a cultura do lugar, mas tem coisas como saneamento básico, de educação, na área da saúde que podiam ter avançado na comunidade, você muito pouco avanço. Eu vejo as crianças que agente trabalhava que tinha oito, dez anos, muitos dos adolescentes ficam em casa sem fazer nada, não tem trabalho, muitos entraram numa bagunça de invadir a casa dos outros, de querer roubar, coisa que antes não tinham, roubo, uma galinha, agora com esse bolsa família, as pessoas tem umas coisas, uma televisão, uma geladeira, aí os meninos vão invadem uma casa, pra roubar um motor de água, uma televisão, roubar um som, porque você vê uma ociosidade muito grande na comunidade, não tem trabalho, e você não vê uma evolução cultural, de nada, de trabalho, de saúde, eu vejo muito pouco, como agente tem essa visão de fora, tentamos trazer e ampliar um pouco a visão do povo daqui, trazer alguma informação, mas acho que mudou muito pouco. (Dandara)

Politicamente falando os pobres não podem abrir a boca para falar a verdade, e tem ações que trazem benefícios para a comunidade, eles se sentem ameaçados. Concordo com a Dandara, não vejo avanço nenhum nesse sentido na comunidade. Não sei se é o que você tá querendo buscar ouvir, ou não buscar ouvir, mas a gente não consegue pelo menos nós duas, enxergar avanço nenhum, pelo menos nesse

sentido. Nada. (Relato de Hera a respeito do desenvolvimento social do vilarejo e sua decepção com envolvimento em projetos sociais)

#### 5.2.4. Caiçaras de Baixo de todos os Santos e do pai de Santo Jubiabá

A casa de Jubiabá era pequena mas bonita. Ficava num centro de terreno no Morro do Capa-Negro, um grande terreiro na frente, um quintal se estendendo nos fundos. A sala espaçosa ocupava a maior parte da casa. Uma mesa com um banco de cada lado, onde jantavam Jubiabá e as suas visitas, e uma cadeira espreguiçadeira, virada para a porta do quarto em que o pai-de-santo dormia. Estavam também dois espanhóis e um árabe. Nas paredes retratos inúmeros, emoldurados em conchas brancas e rosas, mostravam parentes e amigos do pai-de-santo. No nicho um orixalá negro confraternizando com um senhor do Bonfim. O quadro representava o santo salvando um navio de um naufráio. Porém, o ídolo era muito mais bonito, pois era uma negra de belo corpo, segurando com uma das mãos o seio pujante e bem feito, num gesto de oferecimento. E era Iansã, deusa das águas, que os brancos chamam de Santa Bárbara. (AMADO 1982, p. 114)

Jorge Amado é um inspirador romancista brasileiro para compreensão da *transnacionalidade* e do *multiculturalismo* estudados neste contexto social e cultura da Caiçara de Baixo. O Texto acima é extraído do livro *Bahia de todos os Santos e do Pai de Santo Jubiabá*, que aborda elementos de diversidade cultural no enredo do jovem Antônio Balduino que passa por marinheiro, lutador de boxe, extrator de cacau, dentre outros personagens e que tem o seu Pai de Santo desde a infância, o Jubiabá. Na maestria de Jorge em compreender o Brasil de Todos os Santos e do genuíno pai de santo Jubiabá, percebo que a Caiçara passa um momento de transformação cultural “de todos os santos”, os de casa e os de fora. Nesta seção pretendo encerrar a discussão teórica sobre a mobilidade e a hibridez cultural crescente com os fluxos migratórios em locais turísticos.

Entendo que o processo de migração que vem ocorrendo na Caiçara de Baixo está diretamente ligado a novo período histórico, de mobilidade acessível em grandes distâncias, e migrações mais circulantes, usando o termo de Margarita Barreto (2009)<sup>58</sup>, do que estáveis, ou seja, migrações temporárias e inconstantes, diferentes das migrações duradouras da época da modernidade do século XIX e início do século XX.

---

<sup>58</sup> *Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica*. Revista Passos, revista de turismo y patrimônio cultural. Vol. 7, N. 1. Universidade de Laguna, Espanha. 2009.

Não que tenha terminado este último tipo de migração mencionada, mas no atual contexto tem sido mais exceção do que recorrência ou regularidade<sup>59</sup>. Mas a pesquisa também apresentou um movimento inverso a esse, de consolidação ou de fincar raízes no local, diferente do êxodo rural dos anos sessenta e setenta de nordestinos para o Centro-Oeste e Sudeste, porém também não tão circulante como eu pensava antes de concluir a pesquisa e como se verifica em outros locais turísticos. Uma vez que os *moradores de fora* passaram a ter o local como seu, e se envolveram em projetos comunitários por melhorias na comunidade, passaram a construir suas casas, e permanecer mais tempo na localidade que viajando, não podem ser considerados como migrantes circulantes apenas, apesar de estarem sempre em movimento.

No caso aqui referido, parte da atividade migratória está relacionada ao turismo na região e em Jericoacoara, pois os migrantes, ou novos moradores, quase todos trabalham em Jericoacoara e com turismo, na venda de artesanatos aos turistas, e tem vida de mobilidade quanto pendular, dormindo na Caiçara e trabalhando em Jericoacoara.

Compreendo que Hall (2014) faz uma boa discussão sobre a construção histórica do indivíduo, desde o indivíduo atômico do Iluminismo, passando pelo indivíduo interacional sociológico da modernidade, até o indivíduo inconstante e deslocado da pós-modernidade. Essa discussão pode ser trazida à tona para discutir o campo simbólico do poder e das identidades criadas neste contato entre diversos indivíduos diferenciados culturalmente. O *novo morador* pode ser encarado como o indivíduo deslocado e pós-moderno de Hall, mas entre o Brasil, a Jamaica e Londres, existem diferenças e não apenas semelhanças. Digo isto, pois, percebo que o engajamento dos *malucos* juntos aos nativos em questões de gênero, identidade cultural, e na política, e os conflitos gerados nestas interações já narradas, não parecem tão egocêntricas e pós-modernas, mas de indivíduos que ainda trabalham em questões coletivas e políticas, a meu ver, encaradas pelo autor como de uma fase anterior do indivíduo, a do indivíduo interacional sociológico da modernidade, ainda que tenha sido tratado de questões de

---

<sup>59</sup> Regularidade dos fenômenos sociais é o termo utilizado por Pierre Bourdieu (2011) em oposição à utilização de *regras ou leis sociais*, quando o mesmo critica certas vertentes do estruturalismo antropológico, que, em sua interpretação, buscam regras para os comportamentos dos indivíduos em sociedade, sendo que para ele o que existe é a regularidade, ou a constância em que fenômenos sociais ocorrem. ( O Senso Pratico ).

gênero e raça nos projetos, também estava presente o conflito político e social por detrás das questões ditas pós-modernas.

Foi dito e redito de diversas formas e maneiras no texto que o litoral oeste cearense hoje vem sendo objeto de interesse para viabilizar empreendimentos turísticos, e, conseqüentemente, vem ocorrendo todo um desenvolvimento urbano em áreas que antes eram vilas de pescadores, extrativistas e agricultores familiares, além de ocorrer uma reconfiguração nos costumes e nas formas de socialização dos indivíduos que estão vivendo em tais zonas turísticas. É notório o aumento do fluxo migratório com esta conjuntura impulsionada pelo turismo na região, e várias modificações espaciais, ambientais e culturais, vêm ocorrendo em pequenos vilarejos próximos a cidades turísticas e com os indivíduos que vivem esta nova realidade.

Acredito, porém, e isto vem como interpretação das observações realizadas na pesquisa, que internamente, tanto no que diz respeito internamente no sujeito, através da sua maneira de ser no jogo social, do seu *Habitus*, como internamente, no interior de cada comunidade, nas quais se verificam manifestações específicas que não podem e nem devem ser todas enquadradas em uma única análise social para todos os casos.

No caso da Caiçara de Baixo, vemos, a meu ver, um processo diferenciado do que ocorreu na vila de Jericoacoara, na vila do Prêa ou na vila de Tatajuba. Apesar das semelhanças, como a chegada de *hippies* e estrangeiros para conviverem com nativos, a Caiçara de Baixo não se tornou turística de fato, com os dispositivos funcionais e estruturais necessários para tal, como pousadas, restaurantes, dentre outros, mas uma vila habitada por antigos locais e *hippies* artesãos itinerantes e não por empresas turísticas e imobiliárias. O fato é que *os locais* e *os vindos de fora* vieram a desenvolverem juntos projetos sociais na comunidade, apresentando ainda mais peculiaridade no processo de interação cultural do local.

Dialogando com o conceito de que se vale Homi Bhabha (2013), o de *tradução*<sup>60</sup>, em vez de adaptação ou aculturação em detrimento do novo trazido pelo turismo e o capitalismo globalizado, percebo a formação de elementos híbridos, frutos da resposta que nativos e novos moradores vem demonstrando em suas interações. A

---

<sup>60</sup> Tradução no sentido de reinterpretação da cultura no contexto da diáspora. Trago este conceito para dialogar com as modificações narradas pelos interlocutores sobre o local e sobre suas vidas, seus hábitos, costumes e relacionamentos afetivos. Acredito o conceito sociológico desenvolvido por Bhabha (2013) pertinente na discussão da pesquisa, das resignificações dos atores nas interações sociais.

aculturação dicotomiza o processo da interação entre os agentes, colocando sempre uma relação positiva e negativa, o bem e o mal, o mocinho e o vilão, o que impõe a cultura e o que perde sua cultura, o etnocídio. Não observo uma fronteira clara entre mocinho e vilão, entre tradicional e moderno. Percebo processos de tradução na manifestação do *habitus* dos agentes sociais, interlocutores da pesquisa. Claro, que as relações sociais possuem uma natureza conflitante como aborda Simmel (1983), mas também como ele aborda, o conflito processa a lapidação da sociedade.

A tradução sugere diferente da aculturação, uma resignificação dos valores e não uma perda. O fator híbrido surge da dinâmica social que se apresenta. Contudo, não podemos enxergar que esta tradução dos sujeitos não acontece apenas por interações sociais harmoniosas e integradas, mas também no conflito entre grupos, classes e sujeitos em interação face a face (GOFFMAN, 1992), como em interação com as estruturas simbólicas e estruturantes da sociedade (BOURDIEU, 2011).

A situação social e ambiental de Caiçara de Baixo, a meu ver, dialoga com estas discussões a respeito do turismo, do ambiente integrado e em conflito e da dimensão espacial social e simbólica, tanto da localidade quanto dos indivíduos. Como analisa Lefebvre, o espaço não tem uma postura passiva e estática no processo da sua produção. Como produto, ele também é produtor, dialeticamente, *como suporte das relações econômicas e sociais* (LEFEBVRE, 2013). No caso, a espacialidade de Jericoacoara não é apenas cenário passivo, mas ativo no processo dialético com os sujeitos e estruturas sociais.

A historicidade dos locais da cultura turística também é a História do turismo e seu processo reflexivo, de mão dupla, que age sobre a estrutura e sofre uma reação da mesma. Como aborda Giddens (2013) sobre a reflexividade da modernidade como uma característica inerente a sua dinâmica estrutural. Percebo que o campo social do turismo, e sua rede de ligações sociais, fazem confrontar e remodelar os *habitus* dos indivíduos da vila. Há um encontro de *habitus* diferenciados entre *moradores de fora* e *antigos moradores regionais*, que estabelecem tanto limites culturais, quanto reforço de aspectos de identidade de grupos e individuais, porém, ocorrem também relações híbridas já transformadas pelas interações desses atores sociais. Bourdieu (2011) também se refere ao acúmulo de *capital simbólico*<sup>61</sup>, por parte do viajante, como se

---

<sup>61</sup> O capital simbólico, não é o dinheiro e nem a mais valia propriamente dita. Mas um capital agregado a posição social do indivíduo em determinado contexto em que está inserido. Numa universidade, um

agregasse valor ao seu ser social, indiretamente um investimento do indivíduo em si para o jogo da vida social. Várias são as conotações e dimensões da fantasia, da viagem, e dela em si e para os outros. Viajar é agregar valor a si mesmo, um valor que também é posto em relação social.

No processo de chegada de pessoas de fora, e de contato com pessoas da região, aconteceram trocas simbólicas (BOURDIEU 2013) entre os indivíduos nativos regionais e os moradores chegados de fora. Uma manifestação disto é a passagem da terra de bem de valor de uso, a terra para plantar e produzir produtos agrícolas de subsistência, para a lógica mercantil, à terra como produto capitalizado da especulação imobiliária. Para Bourdieu (2011), o *habitus* é um produto do *campo*, mas também é seu produtor. Ele é estruturado, pelas estruturas, como é estruturante, agindo nas estruturas. A ação não é planejada independente da conjuntura prática das disposições do campo. Sendo uma ação propensa, apesar de ativa, estruturante, é estruturada, sofre estruturação.

Bourdieu fazia críticas à racionalidade intencional levantada por Schutz, que se estendem também à filosofia Sartreana, existencialista, que superexaltam a subjetividade e a ação racional intencional dos sujeitos. Ele enxerga uma parte ativa do indivíduo, que modifica as estruturas coletivas, mas também uma passiva, que é estruturada pelas instituições na qual ele está inserido. Assim, vejo nesta linha de raciocínio que o desenvolvimento do mercado imobiliário na Caiçara de Baixo passa por uma introjeção no *habitus* dos agentes, sejam antigos ou novos moradores, ainda que tenha sido impulsionado pela chegada dos *moradores de fora*, é uma dinâmica ou estrutura que fora também incorporada pelo *nativo local*, e que hoje é componente do seu *habitus*, quase que “natural”, quase que inconsciente. Não há uma ação pura e cínica e nem tão pouco, totalmente desinteressada, mas um interesse induzido, a meu ver, que faz parecer natural o fato de especular a terra, e de se vender como forma de ascensão social, de quem levanta uma bolada e compra mais terras para investir. Esta dinâmica

---

professor tem mais capital simbólico, maior é sua influência acadêmica e sua performance em congressos e eventos, mesmo que não tenha muito dinheiro no banco. Numa agência de moda, o conhecimento do campo da moda, do meio, já é um diferencial, dentre outros exemplos. O capital simbólico tem uma dimensão econômica subjetiva e não apenas na forma valor do dinheiro, apesar de o dinheiro viabilizar agregar capital simbólico, no caso de poder pagar por livros, ir aos congressos, fazer cursos, mas apenas isso não é o bastante, depende também da inserção do *habitus* do indivíduo e do status que ele adquire no campo em que se encontra.

percorre gregos, troianos e macedônios, ou seja, a ambos grupos sociais e suas variações híbridas.

Outra questão pertinente das interações é a identidade, que também começa a aflorar impulsionada por estas dinâmicas sociais. As relações compartilhadas entre os grupos sociais criam nexos de hibridez, incorporações pelos agentes de aspectos culturais construídos entre os nativos de fora e os nativos da região, onde transitam entre hibridez e limites culturais, manifestado na alteridade dos indivíduos em relação as suas culturas locais.

As reconfigurações sociais passam tanto por aspectos estruturais políticos e econômicos, como subjetivos e culturais. Ulf Hannerz (1997) tem realizado uma importante análise sobre fluxos, limites e hibridez, como o conceito de tradução discutido por Homi Bhabha (2013), fazendo análise sobre as zonas de fronteiras culturais, como espaço para a hibridez e limites culturais, nas quais as zonas turísticas estão inseridas nestas conjunturas.

Penso que estes fluxos analisados por Hannerz estão ocorrendo em Jericoacoara e na Caiçara de Baixo, uma vez que o fluxo de *moradores de fora* cresce cada vez mais, como também cresce o fluxo de nativos que vão trabalhar em Jericoacoara na construção civil ou em serviços turísticos, onde ocorrem estas manifestações culturais pós-modernas. Analisando o período atual marcado pela Globalização e a *transnacionalidade*<sup>62</sup>, vejo a Caiçara de Baixo inserida nesse contexto, que está diretamente ligado ao turismo de Jericoacoara e a reconfiguração espacial, social e ambiental, trazida pela migração crescente. Nas palavras de Hannerz:

Nos últimos tempos, em vez de buscarmos a confortadora intimidade da vida provinciana, temos debatido a distância cultural que separa navio e terra firme, e as maneiras de atravessá-la. Fluxo, mobilidade recombinação e emergência tornaram-se temas favoritos à medida que a globalização e a transnacionalidade passaram a fornecer os contextos para nossa reflexão sobre a cultura. Hoje procuramos locais para testar nossas teorias onde pelo menos alguns dos seus habitantes são crioulos, cosmopolitas ou *cyborgs*, onde as comunidades são diásporas e as fronteiras na realidade não imobilizam mas,

---

<sup>62</sup> Transnacionalidade no sentido de trafegar e fundir contextos culturais de várias nações. Tomando o conceito de tradução de Bhabha, ou de diáspora de Hall, que identifica migrações e transformações de indivíduos que trafegam em variados territórios, e eles passam a ser agentes da transnacionalidades.

curiosamente, são atravessadas. Frequentemente é nas regiões fronteiriças que as coisas acontecem, e hibridez e colagem são algumas de nossas expressões preferidas por identificar qualidades nas pessoas e em suas produções. (HANNERZ 1997, p- 8)

As reconfigurações sociais são perpassadas por aspectos estruturais políticos e econômicos, e não determinadas, como também por aspectos subjetivos e culturais. E nelas encontramos elementos de hibridez e de demarcações culturais, como analisa Ulf Hannerz, onde ocorrem estas manifestações culturais pós-modernas.

E a Caiçara de Baixo encontra-se na ciranda no mundo e na ciranda do particularismo local. Caiçara de Baixo de todos os Santos e do Pai de Santo Jubiabá.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Now when I look in your eyes,  
Like black holes in the sky,  
Shine on you crazy diamonds. (Trecho da Música *Shine on your crazy Diamonds*, da banda de rock'n roll inglesa Pink Floyd)

Uma vez um professor de antropologia comentando a respeito da conclusão da sua tese de doutorado, comentou que, para ele, as *Considerações Finais* eram um pouco cansativas e enfadonhas, já que provavelmente iria se repetir tudo que já se argumentou durante todo o trabalho. A meu ver, parece, às vezes, uma revisão de conteúdo bimestral ministrada antes das avaliações escolares para os menos atentos captarem algo ou para os mais atentos reverem suas opiniões e conclusões cognitivas trabalhadas.

Porém, em contrapartida, o professor afirmou que tal momento, o de concluir, pode ser criativo, sintetizador e esclarecedor ao leitor que ainda precisa fechar o roteiro e o enredo em seu raciocínio. Acredito que muitas considerações finais, como também alguns prefácios, de trabalhos acadêmicos foram muito bem-sucedidos em suas realizações. Não tenho a pretensão da genialidade ou da imortalidade literária acadêmica ou popular, mas antes disso, almejo enxergar *o brilho do louco diamante*<sup>63</sup> ocultado na “esquizofrenia” do gênio poético e musical, Syd Barrett<sup>64</sup>, ou na esquizofrenia da realidade social que não enxerga e estigmatiza os gênios incompreendidos. Também não pretendo fazer uma aula de revisão neste final tão esperado por mim, pela CAPES, e pelo espírito da *Nova é*.

Obviamente minhas considerações finais não serão a respeito da genealogia da loucura, que ficou a encargo de Michel Foucault (1978) e sua legião de *anjos decaídos*, e do controle social implicado nas mentes humanas, que por sua vez compõem como

---

<sup>63</sup> Brilhe seu louco diamante é a tradução do trecho da música acima mencionada, no caso da frase: *Shine on your crazy Diamonds*.

<sup>64</sup> Syd Barrett foi o primeiro líder, cantor, compositor da banda Pink Floyd entre 1967 e 1968, fase da banda conhecida como psicodélica. A música foi feita em sua homenagem pelos outros integrantes da banda que deram sequência à carreira após a sua saída por diagnóstico de esquizofrenia pelo uso abusivo de ácido lisérgico, LSD, e pelos demais fatores psíquicos e sociais vivenciados pelo artista. Ele nasceu em 1946 na cidade britânica de Cambridge e morreu no mesmo local, vítima de câncer, em 2006.

tijolos o muro<sup>65</sup> do superego (FREUD 2013), do pensamento coletivo incorporado, se é que ele existe. Mas pretendo finalizar com a compreensão do louco diamante da transformação social e cultural impulsionada pelo turismo e pela agência dos atores sociais na arena do coliseu da *pós-modernidade* ainda *pré-histórica*, como escreveu Karl Marx (2011) no *Manifesto do Partido Comunista* atribuindo à História das *lutas de classes* como momentos bizarros da consciência humana que se volta para a guerra em vez da comuna; para a alienação do trabalho em vez da satisfação moral, física e social da humanidade; para o lucro em vez da liberdade; da *pré-história* racionalizada e inconsciente, da escravidão ao capitalismo, e nas percas das potências de vida e arte.

Começamos o presente trabalho com apresentação do tema, passando pelo turismo, a migração e a hibridez cultural impulsionados pelo pano de fundo do Parque Nacional de Jericoacoara. Também apresentamos o objeto da pesquisa recortado, que consiste na análise das relações sociais e culturais vivenciadas por moradores de fora e antigos moradores na Caiçara de Baixo. Assim como Syd, a Vila parece ter visualizado *o segredo cedo demais e chorado para a Lua*, e elementos tradicionais, modernos e pós-modernos, derreteram como o relógio de *Salvador Dali e do Salvador Daqui*. O tempo da tradição e o tempo da fábrica se transformaram no tempo da tradução. O ferro, níquel e zinco fundiram-se na *brisa de aço*<sup>66</sup>.

Isto pode vir a se tornar uma regra científica social para todas as culturas locais que passam pelas ventanias do turismo e da era da comunicação instantânea? Ou as Vidas que se movimentam buscam portos seguros e alegres? Mais alegres do que seguros? Mais malucos que escritórios? Não é a intenção de minha pesquisa criar regras ou tipos ideais do Olimpo, a Mitologia Greco Romana já fizera com grande competência, ou melhor, os homens e as mulheres que contaram e escreveram as narrativas mitológicas. Contudo, foram necessárias tipologias e categorias na sistematização da interpretação dos fatos e das ações sociais analisadas no trabalho.

O que faz um *maluco de estrada* ser um *maluco de estrada*? O que faz um *nativo atual* ser *tradicional* ou *transterritorial*? O que fazemos para categorizar sociologicamente as interações e conflitos entre os atores sociais no palco da Lagoa

---

<sup>65</sup> Tijolos do Muro é uma alusão ao álbum *The Wall* também da banda Pink Floyd, que faz uma crítica ao sistema que enquadra todos de alguma forma na coletividade sistêmica representada como um Muro.

<sup>66</sup> Também uma metáfora poética trazida na canção, que utilizo no contexto.

Turquesa do cará tilápia e da garopa azul<sup>67</sup>? Aportei minha discussão dialogando com os fluxos, a *Era cyborg*, a pluralidade de saberes e racionalidades, como o improviso dialético da vida real, passível apenas de interpretação e não de aprisionamento conceitual.

A Caiçara de Baixo tornou-se pista de pouso ou de decolagem? Aeroporto de estrangeiros e de nativos em processo de mutação. Minha conclusão é *Marvel*<sup>68</sup>, nos tornamos todos X-MEN, mutantes ou híbridos. Minha tese é que os elementos de delimitação da identidade e diferenciação entre os grupos vêm acompanhados de fusão e resignificação culturais dos sujeitos que compõem os coletivos. Temos então, *malucos de estrada* na civilização do barro munduru e locais que adotaram a *transterritorialidade*, mesmo que tenham ido no máximo até o Acaraú<sup>69</sup>, como mencionou Curupira em uma de suas interlocuções.

Assim concluo o texto com uma poesia intitulada, *A homenagem ao hibridociberdélico ou Agente 009*. Ela fala o que entendo sobre o pesquisado, o sentido e o transfigurado. É mais ou menos assim:

O vento que soprou para o oeste veio do Norte e Sul  
Veio da Europa e do Córrego dos Encantos  
E dos Encantados.  
A Lua neste cruzeiro conheceu a torre de Babel  
Ela fazia se entender, mas não entendia  
Se era dia  
Se chovia  
Se...

---

<sup>67</sup> Cará Tilápia é o peixe mais encontrado na Lagoa da Caiçara, e a Garopa Azul o peixe encontrado na cédula de cem reais da federação brasileira. Ambos os peixes são vistos constantemente, um decorrente da natureza ambiente e outro do ambiente cultural do turismo na região.

<sup>68</sup> A Marvel é uma empresa cinematográfica e cartunista de super-heróis. Os X-Men são um de seus consagrados seriados, nos quais os heróis são seres humanos em mutação genética. São personagens criados por Stan Lee e Jack Kirby, em 1963, na revista *The X-Men 01*. Aqui temos uma mutação cultural, nem tradição e nem modernos, mas *traducional* e híbrido, da qual venho defender como tese desenvolvida nesta pesquisa.

<sup>69</sup> “Ah, bom... eu nunca viajei mais longe que o Acaraú”, fala de Curupira se referindo aos filhos que moram em São Paulo, e aos hippies que vivem viajando, enquanto ele só viajou até a cidade vizinha, no caso Acaraú. Apesar de sua pouca mobilidade, sua inteligência e capacidade de análise sociológica cabloca foi de grande importância para interpretação dos elementos culturais em mutação.

Meia dúzia de mitos foram capazes  
Sagazes entre as brumas do vapor  
E as árvores comprimiram o fogo  
Da energia Cinética  
Do motor contínuo  
Do movimento  
Eu vim com sua permissão  
Você que representa e é representado  
Pela Ciência, pelo Belo  
Salve nação tapuia e caiçara  
Salve também quem vem de lá  
E salve, principalmente, o nascimento  
Do *hibridociberdélico*,  
Assim está sendo ou Avém.

Rafael C. de Lima (28/04/2016)

## **7- Bibliografia**

- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Record. Rio de Janeiro. 1981.
- ASSARÉ, Patativa. *Cante Lá, Que eu canto Cá*. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 15º Edição 2008.
- ASSIS, Lenilton F. *Entre o Turismo e o imobiliário: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade- Camocim/CE*. São Paulo. USP. 2012.
- AUGÉ, Marc. *El Viajero Subterraneo : Um etnólogo em el metro*. Gedisa Editorial. Barcelona, Espanha. 1998.
- \_\_\_\_\_. *Não- Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papirus Editora, Campinas, SP, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Por uma antropologia da mobilidade*. Editora UNESP e Editora UFAL. Maceió, AL, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- BARRETO, Margarita. *Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica*. Revista Passos, revista de turismo y patrimônio cultural. Vol. 7, N. 1. Universidade de Laguna, Espanha. 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. ZAHAR. Rio de Janeiro. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. ZAHAR. Rio de Janeiro. 2001.
- BECKER, Howard S.. *Outsiders. Estudos de Sociologia do Desvio*. ZAHAR. Rio de Janeiro. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas Simbólicas*. São Paulo. Perspectivas. 2013.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de auto análise*. Companhia das Letras. São Paulo. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Meditações Pascalianas*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2001.
- \_\_\_\_\_. *O SENSO PRÁTICO*. Editora Vozes. Petrópolis. 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano. As artes de fazer*. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 1999.
- CLIFFORD, James. *A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA, Antropologia e literatura no séc.XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Editora 34. São Paulo, SP. 2010.
- DURKHEIM, Emile. *Lições de Sociologia*. Martins Fontes. São Paulo. 1999.

ELIAS, Nobert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1997.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador vol. I*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1994.

ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2000.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura*. Editora Perspectivas S.A. São Paulo. 1978.

\_\_\_\_\_. *A Microfísica do Poder*. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1999.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Companhia das Letras. São Paulo. 2013.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Editora LTC. Rio de Janeiro. 2011.

\_\_\_\_\_. *Nova luz sobre a Antropologia*. RJ. Editora Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo. WMFMartinsFontes. 2013.

\_\_\_\_\_. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo. Unesp. 1991.

GOFFMAN, Erving. *A REPRESENTAÇÃO DO EU NA VIDA COTIDIANA*. Editora Vozes. Petrópolis. 1992.

\_\_\_\_\_. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Coletivo Sabotagem. 2004.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1982.

GRAUBURN, Nelson. *Antropologia ou Antropologias do Turismo? In: Turismo e Antropologia: Novas Abordagens. Coleção Turismo*. Campinas SP, Papirus, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Editora Lamparina. Rio de Janeiro. 2014.

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Editora UFMG, UNESCO. Belo Horizonte. 2003.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, Fronteira, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional*. Mana 3(1) 7-39, 1997.

HARVEY, David. *A condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*. Edições Loyola. São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Enigma do Capital e as crises do capitalismo*. São Paulo, SP. BoiTempo Editorial. 2010.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. Editora Escala. São Paulo. 3ª Edição.
- HAESBARERT, Rogério. LIMONAD, Ester. *O Território em tempos de globalização*. UFF.Etc..., espaço, tempo e crítica. N.2, VOL. 1. Niterói, RJ. 2007
- INGOLD, Tim. *Cultura, natureza e ambiente. Passos para uma ecologia da vida*. London and New York. 2000.
- LEFEBVRE, Henry. *Prefácio: A Produção do Espaço. In: O espaço na vida Social*. Estudos Avançados, 2013.
- LAHIRE, Bernard. *O Homem Plural. Os determinantes da Ação*. Editora Vozes. Petrópolis. 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. 12ª Edição. Editora Papirus. Campinas, SP. 2012.
- LIFSCHITZ, Javier Alejandro. *Comunidades Tradicionais e Neocomunidades*. Contra Capa. Rio de Janeiro. 2011.
- LIMA, R.C. *O Vento e a Vela: Modificações culturais dos Caiçarenses de Baixo com o desenvolvimento turístico na região de Jericoacoara*. Fortaleza. UECE, 2012.
- LITTLE, Paul Elliot. *Ecologia Política como etnografia: Um guia teórico e metodológico*. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, RS. 2006.
- MARX, Karl. *O Manifesto do Partido Comunista*. Vozes. Petrópolis RJ. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os Grundrisse*. Editora Boitempo. São Paulo. 2011.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do Antropólogo*. São Paulo. UNESP. 2006.
- OSHO. *Faça seu coração vibrar*. Sextante. Rio de Janeiro. 2005
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, Em narrativas*. Mercado das Letras. Campinas, SP. 2001.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo. Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens*. Edições Aleph. São Paulo. 2009.
- RODRIGUES, Lea Carvalho. *Turismo, empreendimentos imobiliários e populações tradicionais: Conflitos e interesses em relação à propriedade da terra*. In: *Civitas*. Porto Alegre, v.10, n.3, p.527-544, set-dez. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Turismo como Estratégia de desenvolvimento na América Latina: Dilemas e Perspectivas de um Modelo Excludentes*. In: *Brasil e*

*América Latina: Percursos e Dilemas de uma Integração*. Edições UFC. Fortaleza, CE. 2014.

SILVA, Igor Monteiro. *O mundo não é tão grande: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração*. Tese de Doutorado em Sociologia, UFC. Fortaleza, CE. 2015.

SIMMEL, George. *A Natureza Sociológica do Conflito*. In: *Sociologia*. Org.: Evaristo de Moraes Filho. Coleção: *Os Grandes Cientistas Sociais*. Editora Ática. São Paulo, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do Espaço*. In: *O espaço na vida Social*. Estudos Avançados, 2013.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade. Fundamentos para uma sociologia compreensiva*. Vol.1. Brasília, DF. Editora UNB. 2009.